



Tomo conta do Mundo

—+— CONFIÇÕES DE UMA
PSICANALISTA —+—

DIANA
CORSO



© Diana Lichtenstein Corso, 2014

Capa

Paola Manica

Preparação

Rodrigo Breunig

Revisão

Fernanda Lisbôa

ISBN 978-85-601-7162-0

Todos os direitos desta edição reservados a

ARQUIPÉLAGO EDITORIAL LTDA.

Rua Hoffmann, 239/201

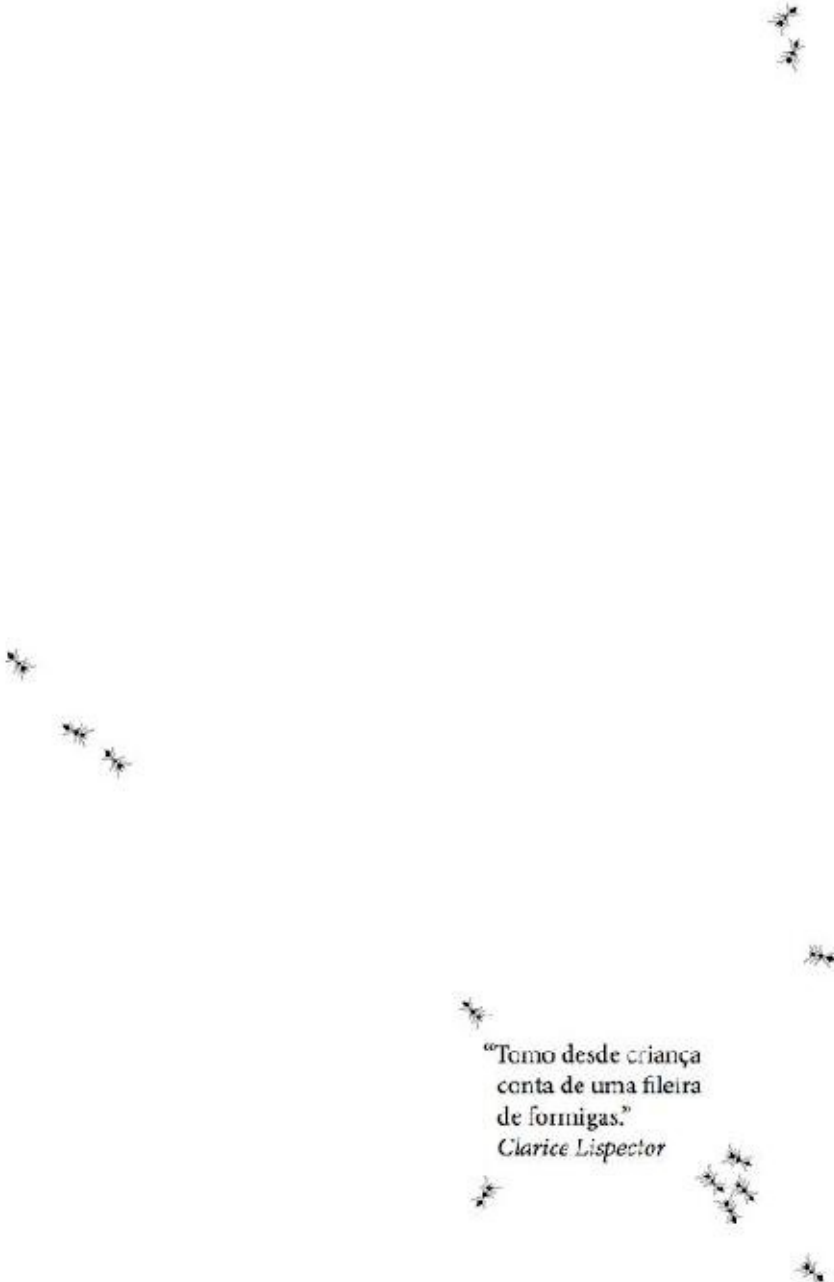
CEP 90220-170

Porto Alegre — RS

Telefone 51 3012-6975

www.arquipelago.com.br

Ao Mário



“Tomo desde criança
conta de uma fileira
de formigas.”
Clarice Lispector

Sumário

[Apresentação, posologia e advertências](#)

[Tomo conta do mundo](#)
[Nadie te quita lo vivido](#)
[A história do macaco](#)
[Amar é... incompreensão](#)
[Latindo para os pneus](#)
[Viver no zapping](#)
[Desgarrados do guarda-sol](#)
[Avulsos](#)
[Síndrome da porta](#)
[Espelho, espelho meu](#)
[Escolha sua cena](#)
[Escravos da infantilidade](#)
[Waldrausch](#)
[As provas de fogo dos homens](#)
[Analfabetismo místico](#)
[Menos!](#)
[A outra fifa](#)
[Mentiras sinceras me interessam](#)
[Um investimento de risco](#)
[Armarinho](#)
[Embrulhados](#)
[A ex-madrasta](#)
[Mensagem do além](#)
[A promessa das máquinas](#)
[Cobaias do amor](#)
[Uma magra na sala e...](#)
[Grafite](#)
[Uma casa na floresta](#)
[O terceiro incluído](#)
[Na psicanálise como no cinema](#)
[Soutien invisível](#)
[O canto das betoneiras](#)
[Maduros, não caindo](#)

[Brincando de Barbies](#)
[O carnaval do Sr. Carlos](#)
[Ponto para as formigas](#)
[Com quantos paus se faz um homem?](#)
[Os mistérios do mar](#)
[Mamãe eletrônica](#)
[Estranho na minha alma](#)
[Meu pai e os monges de Mianmar](#)
[Livros & Remédios](#)
[Exuberância enrustida](#)
[O que é bom dura pouco](#)
[Infeliz ano novo](#)
[Morrer de véspera](#)
[A esperança equilibrista](#)
[Professora Simone](#)
[Minimonstros](#)
[Esportistas involuntários](#)
[Nemesis](#)
[Pobre rottweiler](#)
[Kryptonita](#)
[Memórias felinas](#)
[Trilha sonora do passado](#)
[Tristeza real](#)
[Nus e pelados](#)
[Camaleões](#)
[O precipício de cada um](#)
[Mãe só tem uma?](#)
[Provas e provações](#)
[Uma verdade inconveniente](#)
[Flocos de solidão](#)
[Perder-se no outro](#)
[Testrálhos](#)
[Fezinha](#)
[O gato e a montanha](#)
[Mães de porta de escola](#)
[A pressa é inimiga da percepção](#)
[Carta a M. sobre Carta a D.](#)
[O sótão](#)
[Homens-livro](#)

[O preço da genialidade](#)
[Confissões de uma centopeia](#)
[Cobertor de orelha](#)
[Loira burra](#)
[Sua vida trouxe você até aqui](#)
[Mãe-aranha](#)
[O privilégio do azar](#)
[Confesso que olhei](#)
[Inconsciente cantor](#)
[Alma animal](#)
[Casulo de tristeza](#)
[A sedução do pirata](#)
[Freud implica](#)
[Homens na cozinha](#)
[Mamma son tanto felice](#)
[Gente plastificada](#)
[Noites no Aqueronte](#)
[Moda e fé](#)
[Madame Carlota](#)
[Tantas coisas a fazer antes de morrer](#)
[Olhos grandes](#)
[O nada raro prazer de se matar](#)
[Ruiva indomável](#)

Ensaio

[Sem medo de Virginia Woolf](#)

Epílogo

[Mula de almas](#)

Apresentação, posologia e advertências

Escrevo em jornais e revistas regularmente desde 2001. Os textos que se seguem foram reescritos, na maioria, a partir de colunas publicadas no jornal *Zero Hora* e nas revistas *TPM* e *Vida Simples*. Já o ensaio final, sobre Virginia Woolf, foi feito exclusivamente para este livro e é fruto de uma velha obsessão pelo tema da feminilidade.

Chamei-os de “conficcionais” porque toda relação com a realidade não é mera coincidência. Usei essa palavra estranha, que parece mal escrita, pois aqui conto histórias verdadeiras, fora as partes que inventei sem querer. Na forma, poderiam ser chamados de crônicas psicanalíticas ou de pequenos ensaios. Tentam explicar a psicanálise através de histórias minhas e de pessoas que me são queridas. Mas também tentam explicar histórias minhas e delas através da psicanálise.

Como sou psicanalista, tenho o sigilo como premissa inquestionável. De qualquer forma, no caso de ficar apropriando-me de histórias alheias, cabe pedir licença e preservar o anonimato das fontes. Por isso, todas as histórias aqui contadas têm o beneplácito dos envolvidos, pelo menos quando se trata de conhecidos. Quando são figuras públicas, personagens ficcionais ou anônimos, a apropriação é liberada.

Episódios da vida de todos os circundantes podem ser capturados pelos cronistas e virar fantasia. Nascida nos jornais, mas criada para comentar fatos que pareceriam insignificantes, a crônica existe para provar que nem a vida mais sem graça precisa ser besta. A expressão “conficção” ouvi de Fabrício Carpinejar. Foi através dela que encontrou meio de celebrar poeticamente a união estável entre o depoimento sincero do que se viveu e a fantasia, a ficção.

Estamos longe da objetividade científica, da eloquência que se espera dos fatos jornalísticos, mas tampouco navegamos nas águas mágicas da literatura. O território que aqui se percorre é fronteiro, confuso como somos nós na vida real. Nossa identidade não deixa de ser uma personagem cujas características lapidamos ao longo de toda a vida. Memórias são escorregadias, da infância

guardamos algumas cenas, porém sentimos como se estivéssemos inventando a partir de alguma foto ou do que nos contaram. A realidade tampouco oferece solo mais firme, é ilusória, já que tudo depende do ponto de vista. Por sua vez, a ficção, que era para ser um tipo de mentira bonita, acaba revelando não poucas verdades: boas histórias nascem de segredos do seu autor, muitos dos quais são inconscientes até para ele.

Fazemos força para sermos sinceros, autênticos, mas, quando nos descrevemos ou contamos algum acontecimento, isso acaba soando meio estranho, como nas memórias de infância. A dúvida chega do mesmo jeito: será que não estou romanceando os fatos? Será que o sentimento que estou expressando é verdadeiro? Sempre há um diabinho questionador fazendo com que nos sintamos um blefe. No fundo não passamos de histórias, mas, se a morte der licença, seremos lorotas longevas e convincentes.

Sou cronicamente psicanalista, por isso as histórias aqui contadas acabam explicando um pouco da teoria criada por Freud. O problema é que também sou cronicamente neurótica, portanto elas também acabam revelando um tanto mais sobre minhas neuroses do que gostaria.

O contato com estes escritos pode trazer efeitos colaterais. A leitura pode causar devaneios, inquietações, desvelar a psicopatologia da sua vida cotidiana. Também foram constatadas algumas risadas estranhas. Se persistirem os sintomas, procure um psicanalista.

Tomo conta do mundo

“Sou uma pessoa muito ocupada: tomo conta do mundo”, diz Clarice Lispector. E segue: “No Jardim Botânico, então, eu fico exaurida, tenho que tomar conta com o olhar das mil plantas e árvores, e sobretudo das vitórias-régias. [...] Tomo desde criança conta de uma fileira de formigas”.

Entendo semelhantes inquietudes: muitos dos nossos sentimentos são pateticamente dedicados a estranhas ninharias. Dá até vergonha de confessar. Conscientes da desproporção, sabemos estar vivendo um afeto deslocado. Lutamos contra tais pensamentos, que atestam nossa futilidade. Pedimos a nossa mente perturbada: diga logo, o que na verdade está produzindo tanto ruído?

Quando estou às vésperas de viajar, como faço todo ano, para Piriapolis — minha uruguaia cidade natal —, sei que vou sentir uma pontada de angústia se não reencontrar o cachorro de um vidente que sequer consulto. Assim que chego, vou ver se o homem está em seu posto, uma marquise da rua principal onde ele instala sua banquinha de búzios. Espécie de bruxo decaído, veste roupas surradas de velho hippie e usa longa cabeleira branca. A seu lado, instalado em uma almofada muito mais vistosa do que as vestes do dono, repousa seu cão, grisalho como ele. Certa vez constatei a falta do cachorro e senti um aperto no coração: um havia perdido o outro. Agora o vidente parecia patético, sozinho, miserável. Para minha satisfação, no dia seguinte o parceiro estava de volta. Com tantas preocupações dignas de nota, por que essa?

A cidade em questão foi lugar de muitos lutos, mas também de férias felizes, da minha infância e das minhas meninas. O pequeno drama imaginário, no qual faço do cachorro e do vidente protagonistas de uma grande amizade, é uma metáfora forte. Eles representam os vínculos que fazem de alguém um ricoço e as perdas que nos depauperam. Por isso temos que aceitar a incumbência de ocuparmo-nos das ninharias, elas são uma chave para temas de suma importância.

Clarice tinha a tarefa de olhar as plantas do Jardim Botânico, de cuidar da

integridade da fila de formigas. Esse texto, chamado “Eu tomo conta do mundo”, termina com a frase: “só não encontrei a quem prestar contas”. Mentirosa essa Clarice, ela contou para nós. Na crônica e na ficção, foi embaixadora da vida mínima, na qual pulsam máximas emoções. Fazemos parte da fila de formigas de que ela tomou conta. Nos alinhamos, menos solitários, graças a sua generosa sinceridade. É isto que faz um bom escritor: revelar a grandeza de nossas bobagens sem cometer a descortesia de reduzi-las à razão. Eis meu sonho de consumo ao escrever e analisar nossa vida. Continuarei tentando.

Nadie te quita lo vivido

Da maior parte das janelas do meu apartamento, possuo uma horrorosa vista para o interior das casas dos vizinhos. Tenho certeza de que, como eu, eles lastimam tanta proximidade. A exceção é uma fachada lateral, cujas janelas se abrem para um belo e imenso plátano que domina o terreno baldio vizinho.

Um plátano é uma árvore do tempo, um relógio de folhas. Seu estado de espírito é visível, seus humores variam em sintonia com a luz, o calor, os ventos. Veste-se conforme a ocasião. Ele pode ser descanso e diversão para os olhos, mas o meu plátano também é um problema. Vivo em sobressalto frente à possibilidade de ver nascer ali, no lugar dele, mais um conjunto de detestáveis janelas. Só que isso não aconteceu, ainda, talvez nunca, sei lá.

Além disso, um dia morrerei. Se tiver muita sorte, chegarei a ser velha e partirei dormindo. Com mais sorte ainda, durarei sem fraldas e lembrando o nome dos meus netos. Porém, infelizmente, disponho de recursos para viver antecipadamente esse momento final. Com a ajuda sempre prestativa da internet, frequentemente consigo chegar a um diagnóstico certo de câncer, que explicaria vários sintomas banais. Sem falar em outras terríveis doenças, todas letais. Graças a esses indispensáveis recursos, posso cultivar o desprazer de pensar na morte iminente antes da previsível velhice. Mas isso não aconteceu, ainda, talvez nunca, sei lá.

Gosto muito de uma expressão em espanhol cujo ensinamento nem sempre consigo aplicar em minha vida prática: *nadie te quita lo vivido*. Traduzido seria: ninguém pode tirar o que você já viveu. Dela apreende-se que aquilo que deu tempo de fazer, contemplar, dizer e sentir está completo, já foi. Se é indiscutível que um dia vai acabar, já valeu.

Não estou apregoando nenhuma forma hedonista e imediatista de existência. Esse é o estilo dos toxicômanos: esgotam a vida com sofreguidão, cada instante como se fosse o último, morrem a cada curva do prazer. Diferente disso, o *carpe diem* que proponho passa por se resignar a percorrer o caminho inteiro de uma

existência, visitar todas as suas estações, apreciar suas cores e efeitos. Aceitar a longa jornada de uma vida acaba sendo mais difícil do que se conformar ao fato indiscutível da morte.

Existe um sentido no pensamento dos hipocondríacos, dos quais me considero uma representante moderada: morrem o tempo todo de doenças imaginárias, vivem um eterno fim. Há também os que vivem para ser permanentemente jovens e acham que sempre estão começando, sem passado nem presente, habitam a eterna promessa. Há vários desses tipos de sovinas, para os quais a vida não deve ser gasta, é gente de vida breve. Sou um deles quando derrubo antecipadamente meu plátano e morro de véspera.

Faço votos de que nunca precise dizer: “eu era feliz e não sabia”. A condição passageira não precisa ofuscar o prazer de vivenciar a sucessão das estações. De cada folha que nasceu e caiu, *nadie me quita lo vivido*. Uma vida é para ser usada em todas as suas partes, ao longo de todo o trajeto das folhas, de todas as vestimentas do tronco. Preciso me lembrar disso. Mais vezes.

A história do macaco

Um sujeito dirige de madrugada por uma estrada erma quando descobre que está com um pneu furado. Pior, está sem macaco. Desesperado, enxerga uma luz ao longe. Deve ser uma casa, está com sorte, pode pedir ajuda. Começa a caminhada rumo à salvação, mas lhe ocorre que o julgarão inconveniente por acordá-los àquela hora, sendo um estranho e pedindo um macaco. Talvez atirem nele, pensando tratar-se de um ladrão. Pode estar interrompendo um casal que namora e irá odiá-lo. Segue andando, mas imaginando cenários terríveis em que irão lhe negar o pedido. Mesmo assim bate à porta. Quando ela se abre, mostrando um morador sonolento e provavelmente solícito, nosso viajante já está furioso e convicto de que irão maltratá-lo. A primeira coisa que ele diz é: “Quer saber de uma coisa, pegue esse seu macaco e... no teu...!”.

Essa é uma anedota antiga, mas muito bem nos ilustra. Quantas vezes nos ocorre estar precisando de uma mão amiga e supor antecipadamente que nos será negada? Em vez de pedir ajuda, agredimos a quem nos quer bem e interpretamos erroneamente seus atos, convictos de que traduzem rejeição ou má vontade.

Quando estamos nos sentindo infelizes, olhamos tudo e todos com as lentes do mau humor e do ressentimento. Alguém precisa ser considerado culpado pela tristeza que nos abate. Sem perceber, invertemos as coisas: alegamos estar sendo maltratados, sofrendo rejeição ou descaso, mas na verdade somos nós que pensamos mal de todo mundo. Se no fundo acharmos que somos egoístas, mesmo que sejamos incapazes de admitir isso, é fácil pensar que os outros é que são indisponíveis, que nunca nos ajudarão. Com pretensa ingenuidade, indagamo-nos: por que tanta maldade dirigida justamente a nós, belas almas, sempre capazes de atos altruístas?

Aos próprios olhos, somos anjos, só queremos o bem do próximo. Atribuir seus sentimentos ao outro é uma “projeção” — sentir que vem de fora o que na verdade está dentro — é assim que os psicanalistas chamam esse mecanismo. Dessa forma, por exemplo, alguém que tenha um desejo sexual inadmissível

pode julgar-se assediado por outros, um impulso agressivo que se insinua inoportunamente será certamente traduzido em medo, o sujeito pronto para dar um murro no próximo é o que se vê mais vulnerável à violência.

Considerar-se alvo de intenções ruins por parte dos outros não deixa de ser uma expressão sutil da paranoia, que é uma forma da loucura que se utiliza fortemente da projeção. O paranoico clássico é um sujeito que tem certeza de que todo mundo conspira contra ele. Nessa visão delirante, tudo gira em torno de si, e ele não tem dúvidas de que é o umbigo do universo. Dizemos que ele tem delírio de perseguição, pois de fato trata-se de alguém sempre alerta: se todos estão de olho nele, precisa ficar esperto para não sucumbir. Vai passar a vida precavendo-se contra escutas, câmeras, entidades espirituais ou extraterrestres que estejam tão interessadas nele quanto imagina que todo mundo deva estar.

Fora desses quadros psiquiátricos, existe essa paranoia cotidiana, tão popular entre aqueles ditos normais. Custamos a acreditar, mas, na maior parte do tempo, os outros não querem nosso mal, tampouco nosso bem, simplesmente estão ocupados com outra coisa que não nossa digníssima pessoa. Os outros são como os moradores daquela casa: até abrir a porta e escutar o que queremos, não estão nem aí para nós. Mas, uma vez informados sobre os nossos pedidos, necessidades e queixas, em geral há muita gente boa com quem contar em volta. Teremos o macaco de que precisamos e, não duvido, ajuda para trocar o pneu.

Amar é... incompreensão

Quando se ama, o pior inimigo não é, como dizem por aí, o costume. Ele pode ser traduzido em intimidade, à guisa de elogio. A tão criticada rotina pode ser deliciosa, porto seguro da alma, lugar onde ancorar a salvo do medo. A mesmice do outro não é chatice, é repouso. A repetição de seu ser nos envolve e acolhe como o café fumegante depois do almoço ou o banido cigarro depois do sexo.

A duração de um amor não esbarra nisso, é a idealização das escolhas que a abala. Somos tolos como insetos em volta da lâmpada. Ficamos trocando de parceiro, renovando a expectativa de algo maior, relançando as apostas num encontro absoluto. Balela, amar é combater o desencontro a cada dia. Escute Clarice Lispector: “Pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente”.

O convívio não destrói o mistério, pelo contrário. Viver uma vida inteira ao lado de alguém é resignar-se a jamais decifrá-lo. Não nos saciaremos um no outro. Ele nunca chegará a nos pertencer definitivamente. Um rio separa os amantes, travessias são possíveis, mas as margens não se fundirão.

Gulosos, consideramos que a felicidade seria fazer-se um: queremos mais do que encaixe, o objetivo é zerar a distância, anular a diferença, virar uma só laranja. Nesse caso, melhor casar com o espelho ou seguir em busca desse par perfeito, pulando de promessa em promessa, procurando no amor o tesouro escondido da felicidade.

O problema é que Amor e Felicidade sofrem da mesma sina. São inflacionados, acima de tudo incompreendidos, e costumam não ser reconhecidos quando estão presentes. Por natureza, eles são discretos, deixam-se estar, suaves, dispostos a um bom papo, uma tacinha de vinho. Mas em geral são ignorados. Depois de um tempo, partem, incógnitos. Os que não souberam reconhecê-los sequer têm motivo para lamentar por isso, a ignorância os protege.

Já a Paixão e a Euforia nunca passam despercebidas, causam furor quando chegam, e todos querem ser vistos e fotografados a seu lado. São barulhentas,

jogam confetes em si mesmas e somem sem que se saiba quando foi que a Ressaca tomou seu lugar.

Os amantes ingênuos são mais afeitos ao estilo destas últimas. Como num parque de diversões eterno, esses insensatos ficam em longas filas, por dias, meses, anos, na chatice da espera, para viver aqueles instantes de furor, vertigem. Não gosto de vertigem. Prefiro gastar meu prazo tomando um vinho com a Intimidade. Essa, vos asseguro, é a parente mais próxima da Felicidade. Acho que nunca terminarei de comemorar a permanência do amor como um presente que recebo a cada dia. Um pacote de presente que nunca abro. O mistério de seu conteúdo faz parte da felicidade de tê-lo em mãos.

Latindo para os pneus

Quem anda por estradas poeirentas do interior está acostumado com o assédio da cachorrada aos carros e motos. Sozinhos ou em bandos, eles saem latindo atrás do veículo, um inimigo que deve ser custodiado pelos batedores de quatro patas, em clima ameaçador, até sair do território deles. As rodas, estando na altura dos vigias e movimentando-se visivelmente, polarizam a atenção e são o alvo da fúria. Ao evocar esse cenário, uma amiga alcunhou uma frase que julga representar seu estilo de lidar com os próprios desejos: “Sou como cachorro com pneu, quando o carro para não sei o que fazer com ele”. É uma boa imagem, em vários sentidos.

Conseguir parar o veículo é sinal de poder por parte do animal guardião. É como se, “assustado”, o invasor tivesse ficado paralisado. As cobiçadas rodas ficam à disposição, poderiam ser destroçadas. Porém, imóveis, elas deixam de fazer sentido. É difícil morder uma roda, dura e grande para sua boca. Mal ou bem, o interesse pela roda era somente um mero representante do jogo de forças: o objetivo era uma disputa de território e prestígio. Claro, estamos aqui cometendo liberdades poéticas, metáforas caninas.

Tentamos ser menos bobos do que os cães, latir para as coisas certas, ser menos irracionais, não avaliar mal a ameaça e não gastar energia à toa. Mas volta e meia nos parecemos com eles. Quando escolhemos um objeto de cobiça, pode ser algo ou alguém que queremos, agimos tão convencidos da tarefa como o exemplo acima. No momento de alcançar a graça pela qual tanto lutamos, em geral não sabemos o que fazer, ficamos olhando para nosso pneu, confusos.

Minha amiga tem razão, e está mais acompanhada do que pensa. Um amor conquistado parece menos atraente, emocionante ou interessante. Às vezes não acreditamos no potencial que temos de ser amados, por isso rejeitamos por antecipação uma relação que julgamos fadada à desilusão. Uma posição de prestígio, atingida por méritos, pode ser mal utilizada ou mesmo recusada, porque imaginamos que aquele lugar idealizado é destinado a alguém melhor

que nós. Levante a mão aquele que não se julgar uma fraude. Algo adquirido com esforço acaba parecendo menor do que no catálogo. Uma viagem muito planejada sempre tem aquele momento “o que estou fazendo aqui”. Enfim, é mais fácil lidar com o fracasso do que com o sucesso, pois, pelo jeito, a melhor parte é continuar querendo.

A satisfação de um desejo nos obriga a renegociar nossos objetivos e autoimagem. Sentir-se incompleto e desvalido pode ser reconfortante, assim ficamos imaginando um mundo idealizado dos importantes, ricos e famosos, aqueles a quem todos amam, respeitam e desejam. É preferível colocá-los no altar de nossos sonhos impossíveis e ficar cultuando sua superioridade inatingível, rezando lamúrias. Quanto maiores os figurarmos, mais irreal será esse lugar. Assim não há perigo, esse carro nunca vai parar. Ficamos livres do encontro com aquilo que dizíamos querer, mas não sabemos administrar.

Como esses cachorros, na verdade esperamos que o pneu continue rodando para além da nossa jurisdição. Assim podemos seguir vivendo, embalados pelo que queríamos, o que seríamos. Existimos empanturrados de “se”. A maior tarefa, porém, consiste em descobrir o que fazer com o pneu, em nome do que continuar correndo depois disso. Essa é a verdadeira valentia.

Viver no *zapping*

A vida é um capital de tempo que recebemos em usufruto. Procuramos investir nela o melhor possível, mas raramente estamos satisfeitos com os resultados. A cada fim de ano, assim como no encerramento de cada etapa (aniversários, formaturas, casamentos, partidas, separações, aposentadorias, enfim, com quantos fins temos que lidar!), somos impulsionados a um espírito de balanço no qual contabilizamos perdas e ganhos, assim como o aproveitamento do tempo e das oportunidades.

Sabemos que nossas atitudes determinam o destino que teremos, o que é uma consciência importante de se ter. Graças a isso, dificilmente um de nós atribuirá suas desgraças ou conquistas a alguma divindade ou ao acaso, sem sequer se perguntar como influenciou o processo. Somos tão cômicos de ter um papel ativo na vida que, até quando ficamos doentes, tendemos a nos culpar pela desgraça. A coisa se complica quando isso nos paralisa: face às oportunidades que temos ou que poderemos criar, ficamos tão ciosos de escolher bem que, entre todos os pássaros voando, ficamos sem nenhum na mão.

Uma boa metáfora desse impasse é o hábito de zapear (que dizem ser dos homens, mas é encontrável nos jovens de ambos os sexos, talvez no futuro seja unissex). Armados do controle remoto, de certa forma brincamos de escolher. Na verdade não importa realmente assistir a alguma coisa, o melhor é sentir que se têm muitas opções. Mas depois de passar a noite inteira assistindo ao “programa-controle-remoto”, despertamos vazios de lembranças, apenas com a vaga memória de certos flashes desconstruídos.

Também é uma forma de zapear quando vamos a um lugar público e escolhemos a olho uma conquista amorosa descartável, da qual em breve estaremos liberados para prosseguir na busca de renovadas opções. Nesses casos, mais vale uma sucessão de experiências rápidas, nas quais não se corra o risco da perda de tempo na grande missão de busca da felicidade, seja lá o que isso for. Zapeando na telinha, no amor ou na vida, terminamos dedicando toda a

jornada à celebração do ato de escolher. Ficamos acampados nas encruzilhadas, jogando cartas com o diabo. Vivemos um idílio com a variedade de opções, como se num restaurante o melhor prato fosse o cardápio. Talvez porque, de fato, em nossa temporada sobre a terra, acabamos escolhendo bem menos do que gostaríamos, já que estamos fadados a ser influenciados pelos restos do passado (pessoal e familiar) que sobrevivem em nós.

Viver com o controle remoto na mão não representa a fantasia de uma liberdade de escolha bem maior do que a de fato existente. Essa modalidade acaba sendo a pior das ilusões, pois nos torna escravos da indecisão, presos à poltrona, sobrevivendo de fragmentos de vínculos, migalhas de pensamentos, e incapazes de experiências realmente intensas. Acredito que vale a pena optar por algum canal, seja ele um amor, um trabalho ou uma vocação. Pague para ver, assista a algo até o fim.

Desgarrados do guarda-sol

Os Meninos Perdidos da história de Peter Pan são originalmente crianças que as babás deixaram cair do carrinho sem se dar conta. Se após sete dias ninguém os reivindica, as fadas os recolhem para a Terra do Nunca. Não há meninas lá, pois, conforme Peter, elas seriam muito espertas e não cairiam do carrinho, no que devo concordar que ele tem razão.

Outro tipo comum de meninos perdidos são os desgarrados do guarda-sol: os pequenos que aproveitam os momentos em que a vigilância familiar relaxa para explorar o mundo sem bússola nem mapa. Quando percebem a ausência dos seus adultos, apesar do fato de que foram eles mesmos que se afastaram, sentem-se abandonados e abrem o berreiro. Certo veraneio até inventaram umas pulseirinhas eletrônicas, que permitem a localização da família quando a sirene do miniaventureiro começa a tocar.

Paradoxalmente, é mais fácil ser curioso e correr o risco de se perder quando nos sentimos cuidados. Uma criança que se sinta insegura de ser amada ou cuidada não tirará os olhos da mãe (ou quem estiver nesse papel), ficará controlando seu adulto, de modo a não perdê-lo. Desligar-se, a ponto de sair andando a esmo, é algo que geralmente acontece com pequenos que guardam dentro de si o tesouro do vínculo que os liga à mãe em um lugar bem seguro.

Uma criança vive em conexão direta com uma figura materna, fonte máxima de segurança, mas ninguém pode estar presente o tempo todo. A duras penas ela acaba descobrindo que, mesmo que haja momentos de separação, a mãe sempre volta, ela não some, nem ele, e que é bom que isso aconteça. Mas também há uma forma menos dramática de aprender a autonomia, que é distrair-se, tornar-se capaz de ficar só. Acontece quando o bebê fica absorto em seus assuntos, cantarolando e brincando, esquecido de chamar a atenção da mãe ou de controlar seus movimentos. Eis uma pequena pessoa crescida, que tem em si mesma uma boa companhia. O fugitivo das areias é alguém que sai consigo mesmo para passear. Carrega dentro de si, por um tempo, seus adultos.

Os pais, nem que seja por instantes, também se permitem desligar-se na presença do pequeno. Distraem-se porque precisam tirar um pouco do pensamento essa obsessão de fraldas. Mas há os pesadelos, como os bebês que morrem esquecidos em carros, ou afogados, ou que são sequestrados. São ameaças que dificultam esse jogo benéfico de mútua desatenção, já que um vacilo pode ser fatal. Somos todos ousados sobreviventes dessas incursões perigosas nos momentos de desatenção que em alguma ocasião vivemos. Não nos foi necessário o resgate mágico, mas alguma fada madrinha olhou por nós. Tristemente, isso não ocorreu com os pais e filhos que a fatalidade castigou. é bom lembrar que eles não são monstros. Pais e filhos precisam desligar-se mutuamente, nesses casos extremos algo falhou.

Até hoje me emociono nas praias em que há o hábito de colocar a criança perdida nos ombros e sair batendo palmas, com o coro dos banhistas, até encontrar a família da criança apavorada. A cena me leva às lágrimas, porque sinto que, fora do guarda-sol familiar, há um mundo de gente disposta a zelar por nós. Quando dá certo, é bom perder-se do território conhecido para descobrir que há incursões seguras por terras estranhas. Faz parte da aventura interminável de crescer, e, com sorte, baterão palmas por nós quando o medo chegar.

Avulsos

Há ocasiões em que algo que os pacientes dizem interpela pessoalmente seu analista. é hora de parar para pensar, descobrir em que ponto nos sentimos particularmente tocados, para separar o joio do trigo. é preciso evitar que façamos qualquer intervenção que responda ao conteúdo da neurose daquele que escuta. No consultório, o eixo circunda em torno daquele que fala. E o analista que se entenda com suas coisas. Foi o que tentei fazer.

Uma paciente contava uma história recorrente na vida de muitos: ela é solteira e falava de uma reunião familiar na qual tentava sem sucesso encontrar lugar na conversa de seus pais e irmãos, cunhados e sobrinhos, todos legitimados pela condição de casal e entrosados na empreitada da reprodução. Embora não tenha constituído família, ela já havia comparecido acompanhada a esses eventos e sentia-se melhor, pelo menos não parecia ser uma extraterrestre. De repente ela repetiu uma frase minha, pinçada de uma entrevista, da qual eu não lembrava: “A sociedade trata muito mal os avulsos”. O que hipoteticamente eu já sabia, pois o havia dito, soou como se fosse a primeira vez.

A frase ressoava, desejosa de associações e de uma interpretação. Precisei entendê-la melhor para descobrir por que aqueles que não se apresentam pareados ou com seus descendentes pagam o preço da hostilidade ou da indiferença. Não só solteiros padecem, também viúvos e separados vivem essa sensação de que estão vivendo algo errado.

A interpretação que me ocorreu foi a seguinte: identifiquei-me com a queixa da minha paciente porque, quando criança, nos anos anteriores ao segundo casamento, minha mãe também era avulsa. Vivemos ambas, ela viúva e eu órfã, essa condição de deslocadas. Fazia-me inveja a aparência superior das famílias completas, nós éramos tortas.

A família ainda guarda algum prestígio em nossos tempos incrédulos e sem esperança. Alheia às críticas sofridas no auge da revolução dos costumes ocorrida no século passado, impõe-se a estrutura da família nuclear — casal com

filhos — enquanto cânone. Esse é considerado o lugar certo para construir uma intimidade, para a transmissão de valores e construção da personalidade. Só isso já seria fonte provável de tal mal-estar, vivido pela paciente e por mim na infância. Mas há um detalhe a mais: ela é gay e, quando comparecia com uma companheira às reuniões, todos lhe eram gentis, mesmo que fossem explicitamente homofóbicos. Então não se trata só de tradição, família e propriedade.

O que mexe com os pareados é certa inveja do avulso, sua possibilidade de ficar sozinho, livre para dispor do seu tempo, para escolher caminhos sem consultar ninguém. A solidão pode ser dolorida, mas aos avulsos raramente faltam amigos com quem dividir prazeres e dores, além de amores, que podem até não durar, mas emocionam. Fazer escolhas é perder as outras vidas possíveis e lembrar-se disso abala estruturas. Os avulsos representam a liberdade perdida, mas também vínculos desfeitos, morte, a labilidade do amor. Sua presença desperta desejos e fobias, por isso a sociedade os constrange.

Síndrome da porta

A noitada termina, a comida foi apreciada, a conversa, ótima. Tudo na medida: confissões e risos tiveram seu lugar. O álcool fez seu papel, mas ninguém ficou pastoso, inconveniente. Um encontro perfeito chegou ao fim. A hora de partir de um jantar é para mim sempre delicada. Temo ser mal interpretada. Será cedo demais? Pareço ingrata? Tarde demais? Terei abusado da paciência dos donos da casa?

Do outro lado, ao receber, não fico mais à vontade. Depois dos bons momentos, já estamos todos cansados, hora de deixar os convidados partirem. O desfecho é perfeito: eles comunicam sua intenção de ir em hora oportuna, mas deveria insistir? É aí que aparece o que chamo de “síndrome da porta”.

Tomada dessas incertezas, quando sou a convidada fico envergonhada de desejar partir, já na condição de anfitriã acho que não deveria querer que meus amigos fossem para casa. Para aplacar essa ansiedade, começo a desenvolver pequenas estratégias para retê-los, afinal, sempre temos tanto o que falar! Quanto mais quero terminar a noite, mais puxo conversa. Na derradeira despedida, na frente do prédio, faço uma pergunta importante, impossível de ser deixada para depois. Pergunto pela saúde dos doentes, pelo impasse vocacional do filho, pela viagem há muito planejada, pelo negócio problemático, sempre um assunto de tal relevância que não pode ser abordado rapidamente. Eis uma cilada infalível.

Poderia atribuir esse hábito ao excesso de polidez, mas acho que sua maior fonte é a angústia de separação. Da mesma forma fazem as crianças pequenas, na clássica cena da choradeira à porta da creche. Depois de protagonizar um espetáculo pungente de dor ao ver a mãe partir, elas viram as costas e, muito faceiras, rumam para suas brincadeiras. Ficar feliz na escola é o mesmo que dizer à mamãe que ela não é mais o centro do mundo. Crianças não são loucas de ofender aquela que gosta de se sentir a preferida, para tanto não poupam demonstrações de carência afetiva.

O impasse da porta tem uma coreografia complexa. Por um lado, o anfitrião e a visita querem descansar, assim como a criança quer se divertir. Por outro, todos temem ser menos amados se não demonstrarem sofrimento pela separação. É agradável pensar que a visita não desejaria partir, que o anfitrião nos queria em seu lar por mais tempo e que a mamãe vive para nós. Crianças e adultos temem perder os pais, amigos, amores, parentes, nenhum vínculo é para sempre seguro.

A solidão que se estabelece depois de um encontro é desejável. É bom quando nos deixam a sós. Hora de administrar o eco das vozes, de pensar no que aconteceu, no que se disse e viveu, de opinar para os únicos ouvidos com os quais somos totalmente sinceros, os nossos. Porém, quando desejamos a ausência do outro, tememos a punição do abandono. Ele saiu, adormeceu, distraiu-se, enfim, de alguma forma partiu, mas, ao desligar-se, deixou-me para sempre? Mesmo depois de crescidos, padecemos de angústias de separação até nos momentos mais banais, ou mesmo agradáveis, da vida cotidiana. No escuro, antes de dormir, a solidão que nos acompanha sempre encontra uma criança desamparada. Essa é a única que nunca nos deixa.

Espelho, espelho meu

Quando criança, adorava assistir à montagem daqueles cabelos improváveis da década de 60. Elas colocavam rolos e penetravam em secadores espaciais. Depois a cabeleireira transformava tudo numa grande massa caótica para só então modelar e recobrir a maçaroca com uma fina camada de laquê, formando um capacete mole. A hora do laquê era o máximo, a mulher segurava uma espécie de máscara sobre o rosto que a protegia daquele vapor petrificante. Enquanto isso as manicures e suas cadeirinhas infantis rastejavam entre as mulheres, numa múltipla cerimônia de lava-pés. Legal mesmo eram os esmaltes, ainda me apaixono por todos aqueles vidrinhos. Mais tarde assisti a rituais diferentes e igualmente complexos, como os das escovas, nos quais toda aquela musculação fabrica um cabelo “natural”.

Não gosto que mexam no meu cabelo. Ele é rebelde, os outros só o pioram. Minha cabeleireira pode somente cortar. Como tenho cabelos brancos desde os 30 anos, já passei muitos turnos da minha vida dentro de institutos para pintá-los de todas as cores imagináveis. A maldita fresta de cabelos brancos que nasce rente ao couro cabeludo aparecia tão rapidamente que desisti. Assumi os grisalhos, mas graças a eles acumulei horas de voo suficientes para tirar brevê de frequentadora de salão de beleza.

Vamos ao instituto para “fazer os pés e as mãos”, como se já não estivessem feitos, e, quando tristes, pedimos ao profissional que faça algo, “pelamordedeus”... Em estado bruto nos sentimos um horror, descuidadas, incompletas. Natural que haja um pronto-socorro de imagem a cada meia quadra, não importa o status do bairro. Os homens são novatos nesses conflitos; embora estejam chegando com força, ainda têm muita estrada para percorrer antes de compreender nossa complexa relação com a aparência.

Consultamos o espelho mais assiduamente do que a Madrasta de *Branca de Neve*, e, como ela, fazemos dele um oráculo para tentar saber o que enxerga aquele que vê de fora. A integridade física e a imagem corporal são aquisições

frágeis. A pele informa ao cérebro se o corpo está protegido, se os estímulos que ele sofre são de prazer ou dor. Já a imagem tem seus sensores espalhados do lado de fora, instalados no olhar de todo aquele que interceptar nossa passagem pelo mundo. Continuamente checamos se, como e quanto impressionamos os semelhantes.

Todo ser humano sente-se uma obra imperfeita, deteriorada pelo uso, em permanente estado de manutenção e reforma. Porém, as mulheres nunca se esqueceram disso, enquanto os homens tiveram séculos de oportunidades de serem soberbos. Por isso são tão importantes para elas os raros momentos de glória em que todos os detalhes foram cuidados. Mesmo assim, inseguras, corremos para o banheiro retocar o irretocável. Sentimo-nos sempre como a Cinderela no meio do borralho, chorando por um banho de fada que nos faça a rainha da festa, o foco dos olhares. Mas, se até ela teve que entregar o vestido à meia-noite, imagina nós.

No instituto de beleza reencontramos os cuidados maternos primários, alguém “faz” cabelo, pés, mãos, uma boa pele, nos deixa asseados e arrumados, mas não é só. Ali parecem estar os mestres do olhar, aqueles que saberiam como deixar nossa aparência desejável. Pena que o feitiço seja breve, e essas fadas, tão caras.

Escolha sua cena

Imagine se você tivesse que escolher apenas uma cena para representar sua vida inteira, apenas uma pequena sequência que coubesse em um filme de dois ou três minutos no máximo. Essa cena seria a única que você levaria consigo, para passar em companhia dela, e somente dela, por toda a eternidade. Qual seria?

Provavelmente lhe ocorra que essa pergunta é irrespondível. A ideia veio de um filme japonês chamado *Depois da vida* (direção de Hirokazu Kore-Eda, 1998), que criou uma trama em torno dessa escolha. Nele, pessoas recém-falecidas comparecem a uma espécie de casa de passagem, como se fosse um limbo, onde os funcionários do local as auxiliam a selecionar uma lembrança particularmente preciosa. Com esse trechinho de memória será feito um filme, que consistirá no único resto do passado que cada personagem poderá levar consigo. Os mortos não poderão carregar mais nada além dessa única bagagem. Não há tristeza nem melodrama, eles parecem resignados a sua condição, e os vemos dedicados a cumprir o desafio. A morte é tratada com rara delicadeza, todo cuidado é pouco na seleção e edição dessas lembranças. Os funcionários são solícitos e respeitosos, dando um valor transcendental às exigências de cada um para a montagem da cena definitiva, já que os filmes devem ser fidedignos ao espírito do momento retratado.

A princípio, o aspecto mais cruel dessa história parece-me ser a necessidade da escolha. Como ficar só com uma gota, se a vida nos foi servida em tonéis? Nenhum instante seria capaz de representar o todo, mesmo que encontrássemos uma cena na qual muitos daqueles que amamos se amontoassem, como numa foto de time de futebol. A provocação do cineasta convoca em cada espectador o desafio de escolher, resignar-se à parte em detrimento do todo.

Para executar essa improvável tarefa há dois caminhos. No primeiro, buscamos alguma lembrança que faça a melhor síntese do que fomos (ou do que temos sido, já que continuamos vivos), capaz de nos representar e bem. No segundo, entregamo-nos sem preocupações à fruição de um determinado instante,

aceitamos a eternidade de um momento e o destacamos da linha do tempo. Esse último pode ser marcado pela beleza visual, por cheiros, uma luminosidade ou certo vento. São cenas compostas de toques minimalistas como uma cor, um gesto, um som ou um olhar. Se escolhermos o primeiro tipo de memória, ou seja, aquela que melhor traduza a obra que nossa vida foi, estaremos mais preocupados com a obra do que com a vida. Afinal, quem quer passar a eternidade em companhia daquela cerimônia chatíssima, na qual se recebeu um almejado prêmio?

Os mortos do filme de Kore-Eda escolheram lembranças do segundo tipo. São cenas de um gênero aparentemente efêmero, às quais, em geral, tão toscos que somos, nem damos o devido valor quando as estamos vivendo. Sabe aquela ocasião em que você estava deitado em uma rede e a pessoa amada lhe alcançou um copo de suco, interrompendo seu devaneio ou sua leitura com esse gesto atencioso? Provavelmente ultimamente lhe podem estar ocorrendo sucessivos episódios dignos de serem eternizados. São situações imprevisíveis, que só revelam seu valor quando recebem a devida moldura que valoriza a cena.

No filme, foi a oportunidade de fazer uma descrição, de narrar esse pequeno trecho de história para alguém, que emprestou poesia ao que poderia parecer sem importância. De qualquer modo, fica essa lição: a felicidade parece estar estocada em pequenos frascos. Talvez momentos sutis como esse sejam do tipo que vale a pena levar para sempre. O melhor seria poder perceber seu encanto enquanto ainda estamos vivos.

Escravos da infância

Sábado à tarde, supermercado lotado. No caixa, paciência para os carrinhos abarrotados dos compradores de fim de semana, mas dessa vez precisei de uma dose extra. À minha frente, ar aparvalhado, um jovem pai de família, forte e normal, esperava, imóvel, seus produtos passarem no caixa e serem empacotados. Em pé, olhar perdido, boca entreaberta, fitava o vazio, só faltava o fio de baba. Lembrava aquelas crianças que são carregadas junto com a família para um lugar que não lhes interessa, distraídas, alheias. Nesse supermercado existem empacotadores prestativos, mas eles não davam conta. Não custa ajudar, ir organizando, embalando junto, cooperar.

No comportamento passivo do meu companheiro de caixa, impossível não evocar a figura do nobre, sendo vestido, banhado, alimentado e conduzido nos braços de seus servos ou escravos, um eterno bebê. Quanto mais evoluídos nos tornamos, caminhamos em direção à autonomia, prescindimos de serviçais. É assim com as crianças, que aprendem a cuidar de si mesmas cada vez melhor.

Mas será que me comporto diferente quando consigo pagar um hotel mais estrelado? Quem não curte café na cama macia, toalhas limpas, massagem, chofer? O que é um restaurante, senão ficar sentado enquanto o solícito garçom se dedica a atender nossos caprichos? São ocasiões em que voltamos no tempo, nas quais amar é maternar, cuidar. Às vezes, a independência exaure, queremos algum mimo.

Os trabalhos associados aos cuidados maternos primários, nos quais adultos adquirem privilégios de crianças, sempre foram desvalorizados. Mulheres, pessoas socialmente exiladas ou escravos tradicionalmente ocuparam os bastidores da nossa vergonha. Na verdade, aquele que abre mão da autonomia também se abstém da liberdade que ela proporciona, da intimidade, da privacidade. Por isso, os que habitam e promovem a vida íntima são condenados ao ostracismo: mães e trabalhadores domésticos tornaram-se a ralé da vida pública. Foram condenados a viver escondidos no armário de nossa carência

afetiva, associados ao medo de ficar sozinhos. A infantilidade é um segredo.

Entregar-se nos braços de alguma comodidade é uma delícia, mas como exceção, descanso de guerreiro, conquista. é gostoso, um luxo que só é tal se não for um hábito, desde que se trate com respeito aqueles que trabalham para viabilizar esse prazer. Mas no dia a dia a dependência é uma forma de alienação, uma existência empobrecida. Que dizer de alguém, aparentemente crescido, que precisa se fazer adotar pelo primeiro empacotador franzino que encontra pela frente? Por favor, supermercado não é spa, há adultos na fila!

Waldrausch

Certa ocasião, fazia papel de segundo violino para a escritora Lya Luft numa palestra. Escutando uma história da sua infância, quase me perco da minha função. Sua prosa envolvente me embalava.

Ela estava no jardim de sua casa quando começou uma tempestade. Sentia a vegetação sinistramente agitada pelo vento, aquela inquietude da natureza que conhecemos, um tempo carregado de ameaças. A tempestade é um encontro menor com o caos, ergue-se como um monstro de ar, disposto a tirar tudo do lugar. No vento, que anuncia a água e os trovões, há uma gravidade, um redemoinho de urgência. é um momento de desamparo: dá vontade de correr para um abrigo, “estar dentro”, não importa do que.

Eis que a mãe se aproxima da pequena Lya paralisada, os olhos azuis arregalados, abaixa-se e lhe sussurra em alemão, língua da sua infância: é o *waldrausch*. é o “rumor do bosque”, ela nos traduz, agora já crescida. A criança se acalmou, o medo transmutado em poesia. A ameaça do mau tempo tornou-se uma espécie de conto de fadas, assustador, mas fascinante, como um filme de terror, uma sinfonia angustiante, que nem por isso se deixa de escutar. Uma simples palavra pronunciada pela mãe fez a diferença. Deve ter sido assim que nasceu a escritora, ofício ao qual, aliás, se entregou depois de se tornar mãe, não por acaso.

Lembro-me de uma amiga que me contava história avessa. Sua mãe sofria de inúmeros medos, pouco saía de casa, sobrecarregando-a com o cuidado dos irmãos menores. Dentre as ameaças do mundo, eram as tempestades os piores inimigos dessa mulher, momento no qual recolhia os filhos e abrigava-se com eles embaixo da mesa da cozinha.

Minha amiga cresceu corajosa, perseverante, padecia da sina dos primogênitos que podem contar pouco com os pais. A responsabilidade obriga-os a fazerem-se fortes. Porém, ela sofria de uma dependência amorosa, da qual custou a se livrar: o ser amado era seu lugar seguro. Um grande e infelizmente fracassado amor foi

para ela como a mesa que a mãe usava para se proteger das tempestades. Quão diferente teria sido se fosse uma mãe capaz de lhe deixar um sussurro no ouvido, para ser usado cada vez que o desamparo ameaçava: “é o rumor do bosque”.

Esse bosque persiste dentro de nós. Uma floresta de pensamentos, fantasias e pesadelos feitos de amor e morte. Em nossa turbulenta natureza interior, ventanias, cataclismos se armam periodicamente. Tanto sabemos disso que trememos a cada brisa sinistra, carregada de cheiros que vieram sem ser convidados. Quando as memórias de infância carecem do encanto necessário, sempre temos na ficção um lugar seguro para estar enquanto a tempestade passa, cumpre seu ciclo. Os artistas são aqueles que partilham suas metáforas, colocam seus bosques particulares ao pé do nosso ouvido. Quanto a nós, psicanalistas, o tempo todo garimpamos essa palavra que permite lidar com a rude natureza da alma.

As provas de fogo dos homens

No interior do Rio Grande do Sul, alguns pecados são imperdoáveis. Para um cão-pastor, atacar uma ovelha é evento que só acontece uma vez: pagará com a vida. Aliás, um dos ditos que corre por aqui é “cachorro que come ovelha, só matando”. Supõe-se que o ato selvagem despertará uma gula ancestral, a fera acordada não se resignará mais à doma.

Esta é a história de um menino e seu cão “criminoso”. Ela me foi contada por sua irmã mais moça, que mesmo já avó nunca esqueceu. O cachorro era um pastor belga, a sombra negra do seu jovem dono, mas cometeu o crime de caçar o que deveria proteger. O pai, homem antigo, achou que o animal deveria ser punido pelo dono, assim tornando o evento exemplar para seu filho. Exigiu que ele matasse seu animal de estimação.

O garoto recusou, mas os peões por ali reunidos observaram que não seria muito máscula semelhante covardia. A provocação funcionou, e ele se embrenhou com seu parceiro no mato. Sumiu o dia todo. Noite fechada, as mulheres da casa choravam e já temiam por ele quando voltou, silencioso, soturno. Nunca mais falou sobre isso, mas parecia ter executado a própria alegria. Agora poderia ser considerado um homem. Havia mostrado o desprendimento de um guerreiro, o senso de dever e o reconhecimento da hierarquia de um soldado, realizado uma das tantas rudes exigências para conquistar o papel masculino. Apesar dessa conquista, tornou-se um adulto tumultuado, nunca abandonou as terras do pai, foi seu predileto e razão de seus cabelos brancos.

Muito se diz sobre o árduo caminho das mulheres pela libertação. Foram milênios de opressão e dois séculos de luta das feministas em campo aberto. A cada 8 de março saudavelmente nos lembramos disso porque ainda há muita desigualdade. Por sorte, na esteira das lutas feministas, também a condição masculina teve suas regras alteradas, e histórias como essa tendem a não se repetir. Se é verdade que sempre cometemos algum gesto de assassinar a própria

infância para crescer, a doação dos brinquedos preferidos já basta. Quanto à identidade sexual, cada dia fica mais claro que é incerta, e passamos invadindo a raia do sexo oposto. Isso não se confunde com ser gay: homossexuais amam os do próprio sexo, mas têm os mesmos dramas de identidade que os héteros.

Pertencer a uma identidade de gênero é uma conquista duvidosa: como o menino da história, estamos sempre sendo chamados a provar que nos tornamos suficientemente masculinos ou femininos. Que o digam as mulheres sem filhos, assombradas pelo olhar de soberba das outras, que se sentem supostamente legitimadas pela maternidade; os solteiros ou separados heterossexuais, que se envergonham sem a presença ostensiva do parceiro sexual; os virgens tardios; os celibatários. As mulheres já não sabem bem o que é ser uma e, graças a elas, os homens agora também carecem das certezas milenares. Não deveriam queixar-se disso, já não serão eternos soldados, não precisarão pagar o preço da tristeza de assassinar a própria sombra, essa que brinca ao nosso lado enquanto caminhamos.

Analfabetismo místico

Não tatuaria um ideograma, mesmo que desejasse que as palavras “sorte”, “felicidade”, “harmonia” ou “saúde” penetrassem na minha carne até fazerem parte inerente de meu ser. Nada contra tatuagens, o problema é com os ideogramas gravados na pele por ocidentais ignorantes do seu significado.

Uma lenda urbana que escutei confirmou minha preocupação paranoica: um mestre oriental visitante teria perguntado a uma moça se ela sabia o que dizia sua tatuagem, ao que ela respondeu: “amor e felicidade”. Já o mestre teria revelado o que de fato estava escrito: “carne fácil”. Na minha fantasia, um oriental zombeteiro teria elaborado um catálogo, desses que o cliente e seu tatuador utilizam para escolher o motivo a ser desenhado, contendo falsos significados. Seria um terrorismo psicológico, destinado a fazer de bobos aqueles que, fascinados pelos mistérios do Oriente, se fazem marcar com seus símbolos sem um mínimo de iniciação nessas culturas tão diversas da nossa. Além disso, a invasão dos ideogramas não se limita às tatuagens, ela se espraia por todo tipo de objeto, nos carros, roupas, xícaras...

Semelhante coqueluche oriental talvez se deva ao desconhecimento, que empresta poder mágico a um alfabeto diferente. O mundo está cada vez menor, as diferenças entre a cultura oriental e ocidental estão sendo engolidas, mas o Oriente ainda ocupa o lugar que sempre fascinou os viajantes ocidentais. No fundo ainda resta em nós uma ideia de que ali está um mundo que, alheio a nossos costumes, nos questiona, nos torna menos óbvios. Gostamos de lhe preservar o mistério. Ainda somos um pouco como o público de Marco Polo, que, no começo do século 13, trazia informações sobre a ásia como um astronauta hoje traria notícias de Marte.

Quando somos pequenos, as letras são tão insondáveis como os ideogramas. Até o momento em que as crianças reconhecem as letras do seu nome por todos os lados (inaugural da alfabetização), tudo vem marcado com caracteres incompreensíveis. Frequentemente esquecemos a importância de termos

começado nossa vida analfabetos e ficado assim por quatro ou cinco anos. Quando somos iniciados nos mistérios do código escrito, o efeito é similar ao que produz a tradução daquelas músicas em inglês que achávamos tão espirituosas: seguidamente elas se revelam bobas, há certo desencanto. Quando incompreensíveis, pareciam ser mais importantes. Gente grande parece falar sobre assuntos grandes (dos quais a criança mal pesca pontas de sentido), usa palavras difíceis e entende o significado desses caracteres mágicos que estão por todos os lados. Doce ilusão.

Além disso, nós inflacionamos nossa língua, falamos demais. Somos uma cultura de gente tagarela, e assim a palavra perde seu gume cortante. Os orientais parecem jogar menos conversa fora. De qualquer maneira, seu alfabeto se presta para que a cultura ocidental possa celebrar a magia de palavras incompreensíveis, mas plenas de sentido. Esses ideogramas escolhidos só dizem coisas transcendentais, do tipo que nós ocidentais gastamos de tanto usar, mas devem ser sempre lembradas, como amor e paz. Palavras que, pela relevância de seus significados, se não são tratadas como mágicas, deveriam ser. Não deixa de ser um exercício poético querer renovar a força das palavras.

Menos!

A época do Dia dos Namorados deve ser considerada perigosa para diabéticos. é muito açúcar. Somos submetidos a uma enxurrada de corações, mensagens melosas pré-fabricadas e, principalmente, receitas. Você deve amar com estilo e sensualidade. Deve entregar-se de verdade, mas cuidado para não perder sua autonomia. Não seja ciumento, mas tampouco peque por desatenção. Não esqueça que amor também é competição, mantenha os rivais sob controle. Acima de tudo seja surpreendente, criativo, o casal não deve sucumbir ao horror da rotina. Amor é mais que sexo. Sexo é melhor com amor. A intimidade aprofunda a coragem na vida sexual. A intimidade é a máscara da mesmice. Ame muito. Ame sempre. Não seja excessivo. Não seja omissivo. Não tem um amor, como assim?

O amor tornou-se uma obsessão que necessita ostensiva expressão pública. Não é possível assistir a sequer um filme sobre aborígenes australianos ou a exploração de Marte sem que no meio coloquem um romance ou arrastadas cenas de beijo, olhares profundos, confissões pueris. A música, quanto mais popular, mais monotemática será: só amor e dor de corno. Quanto ao sexo, boa parte da ficção cinematográfica nos faz pensar que a vida não passa de um curto intervalo entre uma boa transa e outra.

O problema é que o sexo é que é um breve intervalo entre um longo trecho de vida e outro. A maior parte do tempo da vida não transcorre nos braços do ser amado, nem mesmo quando se dorme com ele. Ao fecharmos os olhos, os sonhos nos levarão para longe daquele que está tão próximo. Na vida onírica somos tomados por restos provenientes do dia, das relações de trabalho e familiares, da falta de dinheiro, da busca de algum prestígio, enfim, nada disso é muito romântico. Até no ato sexual de certa forma estamos sós: cada um dos amantes trará para a cama seu acervo de fantasias e neuroses, que funciona como um círculo, que pode fazer intersecção com o outro, mas não se rompe.

O amor romântico, excessivamente idealizado, inquieta até mesmo quem se

atém às regras e celebra a data com lingerie nova, morangos, chocolate e champanhe. Quem cria as campanhas publicitárias, compõe as músicas melosas e escreve as novelas mexicanas são também seres humanos que mais trabalham e se envolvem em seus problemas do que amam. A quem queremos enganar? “Uns aos outros” é a resposta.

De fato, estamos constantemente ocupados uns com os outros, mas não propriamente amando. A maior parte do tempo estamos remoendo desencontros e mal-entendidos. é deles que é tecida nossa vida. Na dúvida, consulte um livro escrito pela jornalista espanhola Rosa Montero chamado *Paixões* (Ediouro, 2005). é um triste mas interessante catálogo de histórias de amor vividas por casais célebres. Ali há todo tipo de gente: desde aqueles que faziam a glória das revistas de fofocas de antigamente, como os duques de Windsor, Liz Taylor e Burton, até artistas, pensadores e políticos, como Tolstói e sua Sônia, Perón e Evita, Lennon e Yoko, Rimbaud e Verlaine. Pequenas tragédias particulares, dessas que se desenvolvem todo dia com gente como a gente.

Enquanto alguns pregam que a vida é um maremoto de amor, sentimos que nos afogamos numa poça de solidão. A solidão pode não ser agradável, principalmente se nos envergonharmos dela, mas tende a ser mais profunda, verdadeira e consistente do que a apoteose de breguice promovida pela publicidade e pela mídia. Uma pena. Para meu gosto, o amor fica melhor sem toda essa calda que o transforma em falácia. Por isso costuma alardear-se que ele não existe, que não passa de ilusão. Coitado, ele não tem culpa de ser vendido como o melhor antídoto contra as dores da nossa alma. Propaganda enganosa.

A outra FIFA Fui incumbida de uma tarefa, embora constrangedora, necessária e de utilidade pública. Trata-se de uma revelação: a da existência da FIFA, não a conhecida, mas a outra: a *Federação dos Indiferentes ao Futebol Anônimos*. Reunimo-nos na sala ao lado dos grupos que lutam contra seus vícios, pois não pense o leitor que somos resignados a nossa limitação.

Quando o Brasil e o mundo param, pendentes em torno dos virtuosos da bola, também sentamos em frente à tevê (campo já é demais), fazendo um esforço legítimo para participar da empolgação reinante. Na verdade, temos inveja do torcedor genuíno, aquele que na ocasião do jogo não poderia estar em outro lugar. Quanto a nós, admito que só não estamos numa sala de cinema por que pega muito mal, fica impossível se esconder. Imagine-se agora frente a uma partida de beisebol e suas regras incompreensíveis ou assistindo a um “empolgante” campeonato de golfe na tevê; é assim que nos sentimos.

Não há orgulho em nossa condição de alienados. Eu, por exemplo, simplesmente não consigo prestar atenção ao que está acontecendo no jogo. Nas ocasiões mais dramáticas me conecto, sofro até, quero viver num país campeão,

adoro ganhar. Mas eu gosto do meu país, não de futebol. Se minha condição é desagradável, imagine a dos pobres membros masculinos do nosso grupo. Eles são os reis do disfarce, são capazes de ler na internet o resultado dos jogos na noite anterior para não fazer feio na manhã seguinte frente aos colegas. Alguns até mesmo têm time, herdaram do pai ou escolheram em algum momento crucial da infância. Torcem por bons resultados, mas isso não os torna capazes de assistir a jogos ou ler o caderno de esportes do jornal.

A Copa é uma guerra mundial benigna, se dá para dizer assim. Durante o campeonato as identidades nacionais se afirmam. é um evento lúdico de comoção mundial, pois nenhum destino está verdadeiramente em questão, apenas a carreira dos jogadores e o orgulho dos cidadãos sofrem acréscimos ou abalos conforme o resultado.

No dia a dia dos jogos é possível ao torcedor sentir-se parte de um coletivo que independe de origem ou posição social, ser de um time é uma condição em si, desconectada de raça, credo ou riqueza. Pela manhã um homem humilde pode tocar flauta num burguês metido, afinal seu time ganhou no dia anterior, e ele se sente, de fato, um vencedor, enquanto o outro é, de fato, um perdedor. Torcer por um time é uma identidade *prêt-à-porter*, plástica, motivo de alianças ou querelas em família, brigas até, mas é tudo uma grande brincadeira. Os homens correm no gramado, enquanto as línguas disputam seus campeonatos naquela que é a prática mais corrente desse esporte: a verbal, em intermináveis debates, no rádio, à mesa, na tevê.

Estou divulgando a existência da FIFA, da nossa, porque a cada quatro anos se inicia para nós um período dramático. é preciso que aqueles da nossa condição saibam que não estão sós. Vocês, normais, não se preocupem, disfarçamos bem, estamos bem treinados, não seremos reconhecidos.

Mentiras sinceras me interessam

Noite, pai e filha param numa loja de conveniência para uma compra rápida. A menina se impressiona com as moças exuberantes que estavam ali e pergunta ao pai se elas, tão altas, não seriam modelos. Num momento de distração da garota, o pai aproveita para transmitir a observação dela às duas travestis, que ficam naturalmente encantadas. Seu trabalho exaustivo de montar uma bela e convincente imagem feminina fora recompensado.

As travestis são biologicamente homens, mas sentem-se mulheres e têm que carregar o fardo do sexo em que nasceram. Costumo brincar que o melhor filme sobre mulheres, para quem lhes quiser conhecer os segredos, é *Priscilla, a rainha do deserto* (Stephan Elliott, 1994), no qual as protagonistas são duas travestis e uma transexual. Afinal, ninguém sabe melhor do que essas abnegadas cultuadoras da condição feminina que não se nasce mulher, torna-se. Na verdade, quando a feminilidade ocorre num corpo de mulher, existem peculiaridades que deixam suas marcas, sentimentos associados à fertilidade, à remissão desta, à maternidade e aos motins dos hormônios. Porém, para além desses impasses, podemos dizer que toda mulher, como as personagens do filme, precisa a cada dia “montar-se”, como dizem as travestis, para se sentir feminina. Essa produção de si não precisa ser espalhafatosa, pode ser sutil, delicada até, mas seja o que for vestido ou usado, passará por um rigoroso controle de qualidade, será resultado da travessia por um mar de dúvidas e inseguranças.

Naquele encontro, graças ao involuntário elogio da filha do meu amigo, parecer feminina é um desejo delas que se realizou. O estranho é que elogios sempre soam assim, como se aquele que nos aprecia estivesse caindo numa pequena ou grande cilada, num truque de ilusionismo produzido pelos nossos ardis. Sentimo-nos enganadores como se fôssemos bons mágicos ou aqueles jogadores que blefam e ganham — todo sucesso dá um frio na barriga.

O que temos de positivo é, aos nossos olhos, vivido como uma farsa, uma ridícula imitação dos nossos ideais; esperamos o dia em que seremos desmascarados. Se alguém louva nossa obra, aparência ou valores, está, pensamos secretamente, redondamente enganado.

Quando imaginamos algo que vamos fazer, as fantasias sempre incluem algum tipo de vitória, algo grandioso frente ao qual qualquer realização não parece digna de nota. Quanto à beleza, não é à toa que ela se chama de “aparência”. Lembro-me de Claudia Schiffer, na época a modelo mais famosa do mundo, dizendo que, depois de acordar, levava mais de hora para ficar com cara de Claudia Schiffer. Os valores morais, então, são os piores candidatos à autenticidade: um mínimo de intimidade consigo mesmo revela a condição devassa, mesquinha e violenta dos nossos anseios e pensamentos.

É justamente essa consciência das próprias contradições que faz com que as críticas não sofram o mesmo descrédito que os elogios. Qualquer observação que nos desmerece ou diminui é tomada imediatamente como verdade absoluta. Se alguém der a entender (ou mesmo se acharmos que essa pessoa pensa assim) que somos chatos, medíocres, incompetentes ou feios, levamos fé e faremos coro com essa voz. A crítica já habita nosso interior e, quando encontra aliados, reais ou pressupostos, se fortalece, se agiganta.

A menina do encontro com as travestis na verdade não se equivocou: elas de fato se assemelham às belas modelos. Aquilo que forjamos, com trabalho e superação, inseguros e sabendo das ambiguidades do que representamos, é uma autêntica e admirável identidade conquistada. Realizações verdadeiras são as que conseguimos fazer a partir do que a vida nos deu. Somos mentiras sinceras, verdades construídas. Palmas para aquelas esforçadas rainhas da passarela.

Um investimento de risco

“Filhos, melhor não tê-los, mas, se não os temos, como sabê-lo?” Qual pai ou mãe nunca citou esse verso de Vinicius de Moraes? Mas o que é que realmente ficamos sabendo quando criamos outro ser humano? A resposta é: mais de nós mesmos.

Freud escreveu que os filhos são uma extensão do narcisismo dos pais, ou seja, eles são vistos como o que gostaríamos de ter sido e damos a eles o que gostaríamos de ter tido. Há pouco altruísmo na parentalidade.

É indiscutível que se pode amar um filho acima de todas as coisas e que sua perda é totalmente irreparável. Um amor egoísta não deixa de ser amor. Para a sorte deles, os filhos são demasiado humanos e, como tais, são um investimento imprevisível, arriscado e surpreendente.

Temos outra frase que gostamos muito de usar: “crio meus filhos para o mundo, não para mim”. Isso faz parte do projeto de pais bem-intencionados, que respeitam as escolhas dos filhos. Dito assim, parece um posicionamento generoso por parte dos pais, como se fosse possível fazer diferente.

De fato é, há filhos que não são criados “para o mundo”. Vieram para dedicar-se aos pais, abstendo-se da própria vida para lhes fazer companhia até a morte, ou sendo eternamente crianças, ou ainda fracassando para ressaltar a glória paterna. Mas aqui estamos no território da falência, onde algo não fluiu. Mesmo que tenha sido inconsciente, nesses casos o projeto dos pais foi de transformar aqueles que seriam filhos em objetos para a própria satisfação. Fora isso, queiramos ou não, todos os filhos se criam para o mundo, sempre que se salvem das patologias que colam a prole à casa paterna, inutilizando vidas e abortando destinos.

Já “o mundo” que eles escolherão dependerá desses ideais que o narcisismo dos pais delineou. Se os quisermos ricos, poderão ser empresários, empreendedores delirantes, franciscanos, fundarão uma comunidade de subsistência autossustentável, ou mesmo economistas. É provável que em seu

ofício venham a estabelecer algum diálogo com a questão do dinheiro. Se os desejarmos sábios, quiçá sejam doutores *honoris causa*, mas também podem escolher ser mestres de algum grupo esotérico, buscar a verdade nas coisas simples ou mesmo desposar uma pessoa marcadamente inteligente. Os filhos partem para o mundo para produzir uma versão muito particular do que colocamos em suas vidas sem saber. Criá-los é uma arte de diálogo e convívio e, quando lhes apontamos caminhos, em geral não percebemos que o estamos fazendo.

Filhos mimados, por exemplo, são um cartão de visita dos pais, coloridos e desenhados de forma a representar todo o poderio econômico da família. Aliás, esta postura de não valorizar o que têm, o fastio que muitos jovens trazem estampado na face, só ressalta que toda essa parafernália consumista não responde aos seus desejos, na prática faz deles mais uma das propriedades dos pais. O mesmo vale para o trabalho. Não há quem não tenha queixas de que se esforçou muito para usufruir pouco; portanto, como uma espécie de revanche terceirizada, aos descendentes caberia a vadiagem. Não adianta reclamar que sua prole não valoriza o que recebe, que não tem noção do esforço. Se lhes é passada a mensagem de que gozar a vida significa abundância de objetos e lazer ilimitado, é isso que eles vão tentar colocar em prática. Os filhos são obedientes.

Ser pai e mãe é como fazer um raio X da alma. Se sua vida tem algum sentido, se você vive para a cobiça, se você acha o seu trabalho relevante ou não, se você amou alguém ou algo, quais foram seus sonhos frustrados e os realizados, quais são as culpas que você carrega, quais são seus fardos e dons, tudo isso e muito mais seu filho de alguma forma saberá. Essa é uma das matérias-primas com as quais ele vai fabricar sua vida. Por isso vale a pena sabê-los, porque são uma forma infalível de saber-nos.

Armarinho

Não sei corte e costura, mas prego botão, faço bainha e cerzidos, também posso bordar pontos simples e até tricotar algo que lembra um cachecol. Essas pequenas habilidades dão um mínimo de autonomia para não ter que contratar uma costureira para coisas totalmente banais. Mantenho um pequeno costureiro para essas tarefas, o que se revela bastante complicado. Encontrar um armarinho na maior parte dos bairros é pior do que achar uma agulha num palheiro (trocadilho infame). Para os homens e mulheres que não sabem, armarinho é uma loja especializada em aviamentos de costura, que são os apetrechos necessários para tal fim.

Perto de casa havia uma loja de quinquilharias que fechou, onde funcionava uma espécie de armarinho clandestino. Entre flores de plástico e estatuetas de gesso, era possível comprar alguma linha (esqueça cores mais ousadas), talvez um fecho, mas não se esperava encontrar linhas de bordar e botões. O que foi que condenou esses lugares à extinção, ao ostracismo, à raridade?

Fiar, tecer e costurar historicamente sempre fez parte da condição feminina, tornando-se quase seu sinônimo. Desvencilhando-se de uma identidade social superada, na conquista implacável de novos territórios a que nós mulheres nos lançamos, abandonamos com desprezo tudo aquilo que fazia parte do confinamento doméstico. Por milênios a metade fêmea da humanidade viveu exilada da vida pública, alienada de todas as decisões importantes, inclusive as que afetavam o próprio destino. Em sua gaiola, ela podia reproduzir, alimentar, costurar e tecer. Apenas na reta final do exílio feminino algumas privilegiadas conquistaram o direito de se dedicar a ler e escrever. Não admira que tenhamos feito um divórcio litigioso das agulhas.

Temos assistido a alguns resgates comerciais ou lúdicos das artes femininas: mulheres artistas têm ateliês de costura, assim como cozinheiras gourmets fazem das antigas ocupações um bom divertimento ou negócio. Mas reparem, aqui também elas estão avançando sobre o espaço dos homens: foram eles que

fizeram da costura e da comida um comércio, pois o trabalho feminino sempre foi expediente interno.

Não seremos vistas entrando num armário, no máximo numa loja de *patchwork*. Na realidade cotidiana, orgulha-nos a incapacidade de executar tarefas que seriam naturais às bisavós. Foi uma alienação necessária para criar uma nova identidade para a mulher.

Talvez hoje já possamos evitar uma infantilidade adquirida às custas do divórcio com as tarefas que caracterizavam o papel da mãe, da rainha do lar. Assim como tradicionalmente ocorria com os homens, também as mulheres agora precisam de outros para se vestir e se alimentar, reproduzindo a impotência doméstica deles. A feminista Betty Friedan os chamava de “homens-criança”: no mundo eram importantes, em casa incapazes de cuidar da própria higiene. é triste copiar tanta inermidade. Uma boa meta para a cruzada feminina pela libertação talvez seja resgatar os dons e a sabedoria das nossas antepassadas. Incluindo a costura, entre tantos outros. Ou ao menos voltar a ser capaz de pregar os próprios botões.

p.s.: afinal descobri um armário na minha própria rua... dentro de um brechó!

Embrulhados

Você entrega seu presente a um pequeno aniversariante. Ele recebe, desconfiado, o volume colorido e não entende direito o que está acontecendo. Com exclamações, a mãe tenta atrair o interesse dele para o brinquedo que mora dentro do embrulho. Uma vez focado no presente, o bebê fica hipnotizado pelo papel, ou mesmo pela caixa, deixando o objeto mais importante de lado. A mãe se desculpa, constrangida.

Cena dois: esquecer aniversário de namoro ou casamento é crime capital, mas ele lembrou e comprou um presente! Dessa vez foi ousado, arriscou uma roupa. Eis uma opção exigente, é preciso conhecer o mapa do corpo da amada como um cego lê braille para acertar. é um gesto de amor indiscutível. Ela abre, prova, ficou perfeito.

Mas não havia cartão, nem um bilhete. Indignada, ela entristece por não ser merecedora de uma linha sequer. Será que ele não é capaz de um singelo “com amor”? Como a criança, ela também se fixou na embalagem. Cegada por seus argumentos, não notou que o objeto em si era uma declaração de amor.

Cena número três: buscamos presentear um amigo cujas referências culturais são diferentes, que é de outra geração ou estrangeiro aos subtextos contidos nas embalagens, etiquetas e modismos locais. Queremos muito agradar, dar algo relevante, nosso investimento amoroso ou financeiro deve ser visível. No começo das buscas já percebemos a dificuldade, pois muitos objetos possuem um valor perceptível somente aos iniciados. Na significação do objeto, para nossas referências culturais, a etiqueta, o pacote da loja também revelam a importância da oferenda. Para alguém estranho a esses códigos, deve ser o objeto em si o mensageiro do gesto, mas fica mais difícil. No fundo, o bebê da primeira cena não está errado, o atrativo da oferenda começa e muitas vezes fica aí, na embalagem.

Representados por inúmeros objetos que possuímos e vestimos, somos o que temos, mas também o que recebermos e o que conseguirmos oferecer aos outros.

Até quando nos autopresenteamos a mensagem é “eu mereço”. Por vezes trata-se de recompensa mensurável, outra de um consolo ou até de revanche. Num arroubo, lembro ter comprado um par de botas sem sentido só porque fiquei com raiva duma desfeita recebida. é a famosa “sapato-terapia” feminina. Para os homens costuma ser mais caro quando praticam a “carro-terapia”.

Nosso sistema de trocas, seja de presentes, olhares ou palavras, é uma forma de construção de identidade. Até ao olharmo-nos no espelho interrogamos o quanto valemos aos olhos dos outros. Nesse trânsito de amores e valores, todo objeto é, primordialmente, uma mensagem.

às vezes o encontro se dá e nos fazemos entender, afinal, através dos objetos, também se dialoga. Para tanto, presenteado e presenteador têm que estar dispostos a escutar o sentido do gesto, devem calar a voz interior que assopra insatisfações, ressentimentos e autocríticas. Quando isso se torna possível, nos alegramos quando o bebê celebra o envoltório vistoso, contente de estar recebendo um presente.

A mãe não precisa ficar envergonhada, também sabemos brincar de fazer uma bola com o papel colorido, rasgar é um prazer, revelar o conteúdo da embalagem, um desafio. Bebês brincam de esconde-esconde com tudo, inclusive com presentes. Quanto à amada, livre da premissa da mágoa, consegue perceber na roupa entregue sem palavras o toque do desejo que a revela.

Presentear é adivinhar o outro, dar provas de que o escutamos tanto quanto ele nos acolhe. Presente maravilhoso é aquele em que alguém revela saber-nos bem. é tranquilizador quando os outros, de fora, acham que somos parecidos com o que pensávamos ser. Quando erram, ao contrário, sentimo-nos mais sós. Objetos à parte, é sempre uma questão do afeto que encerram.

A ex-madrasta

O [desencontro](#) deu-se numa loja de departamentos. Sem ser vista, ela pôde observar com calma a moça que circulava entre as araras. Tentava em cada traço recordar a garotinha insone que lhe pedia muitas histórias antes de dormir. Foram tantas noites juntas lutando contra os medos do escuro. A jovem mulher que ela estava vendo não evocava em nada sua menina, sua boneca Emília depois de engolir a pílula falante. Tornara-se uma desconhecida.

Depois de tantas conversas sem pé nem cabeça, hoje não imaginava nada sério para lhe dizer. Devia estar com vinte e quanto? Passara-se mais de uma década da separação, e todas as fantasias de manter contato foram dolorosamente dissolvidas. No fim do casamento, parecia-lhe óbvio que sobreviveria um laço. Com o tempo sua incredulidade foi dando lugar à resignação: era apenas a ex-esposa do papai.

As novas configurações familiares produzem padrastos e madrastas órfãos de uma família que por um tempo sentiram como sua. As razões para esses afastamentos são infinitas, mas a central é que essas relações com os enteados são vistas apenas como um gesto romântico, que consiste em cuidar e valorizar os filhos do outro. Alguns vínculos podem se tornar fortes, porém poucos driblam o fim do casal.

Depois de uma separação, os filhos mantêm uma fantasia duradoura de reunificar a família. Aliás, mesmo que já não se suportem, seus pais ainda serão obrigados a encontrar-se, discutir providências, finanças, partilhar festividades, resolver problemas. Já o novo casal do pai ou da mãe é visto como uma obstrução a esse fantasioso propósito de reencontro do casal parental. O amor recém-chegado sempre vai acabar herdando uma culpa — que em geral não teve — pelo fim de uma família que podia ser ruim, mas era a que originou aquele filho.

Claro que há exceções, mas frequentemente, quando chega ao fim um relacionamento no qual o filho é só de um, parece ser a hora perfeita para uma

espécie de vingança. O padrasto ou a madrasta serão condenados ao ostracismo, numa demonstração de fidelidade aos pais, e ressurgirá o despropositado desejo de que o casal original volte a existir. Numa separação, frente à partilha dos afetos, o ex-enteado tomará o partido do seu pai ou mãe, além de deixar claro aos pais originais que nunca os substituiu, apenas aceitou aquela madrasta ou padrasto como parte do pacote do novo casamento.

Em pé, na loja de departamentos, lembrava o passado quando a garota a fizera sentir-se quase uma mãe. Seu ex-marido aprovava a intensidade da relação, a mãe da menina educadamente aceitava a ajuda. Hoje, sem ao menos um nome certo para o que sente, resolveu sair de cena sem chamar a atenção.

Mensagem do além Cresci entre muitos fantasmas, a morte me foi apresentada muito cedo, aprendi a temê-los. Mas não acredito em mensagens psicografadas, cartas do além. Entendo os espíritos e as mensagens que eles recebem, deve ser reconfortante. Porém, desconfio dessa comunicação: sempre me pareceu demasiado coerente, previsível.

Se após minha morte tivesse que mandar dizer algo para os meus seres queridos, não creio que me ocorreria algo bonito, lapidar, as palavras perfeitas àqueles que padeceriam com minha ausência. Como gasto boa parte da energia do meu cérebro com ninharias, provavelmente minha mensagem seria algo como: “o casaco de couro ficou na lavanderia”, “a vizinha do 301 deixou comigo o dinheiro da faxineira”, “os dólares ficaram dentro do livro do Borges”.

Temo que, quando eu partir, minhas filhas lembrem-se dessa minha vocação para ficar angustiada por bobagens. Mas não adianta fazer da vida um epitáfio. Após a morte, mais que espírito, serei uma personagem fabricada pela fantasia delas. Não temos controle sobre o que deixamos para trás, sempre é aparentemente menor e muito mais revelador do que gostaríamos.

Por abordar essas questões com humor e precisão, adoro o livro *Quase memória*, de Carlos Heitor Cony, uma espécie de tratado sobre o legado possível. Nessa história, o autor transformado em personagem recebe um inusitado embrulho. A identidade do pacote é inequívoca: sobrescritado pela letra do pai, vinha amarrado com um barbante fechado num tipo de nó que somente ele era capaz de fazer, alegava ter-lhe sido ensinado por um marinheiro holandês (embora também existisse a versão do escoteiro para a mesma história). A chegada do pacote não era estranha, vista a mania constante do pai de mandar encomendas para onde quer que fosse, desde que algum conhecido, mesmo que remoto, partisse para aquele destino. O detalhe sinistro é que o pai de Cony, morto há dez anos na ocasião da entrega, dessa vez tinha providenciado um endereço de remetente bem peculiar: o além.

Independentemente do conteúdo, a simples presença do pacote abriu as comportas da “quase memória”. Quase, porque Cony não esconde que o pai que ele nos apresenta no livro talvez seja tão fantasioso como as histórias que o próprio contava com tanto prazer. Nosso passado é um pacote fechado, composto de enigmas, o qual, mais do que fatos, contém quase ficção. Os espíritos, caso existam, terão que se conformar: a última palavra é dada pela imaginação dos sobreviventes. Graças a esse caráter fantasioso do passado, os psicanalistas acreditam que uma história sempre pode ser revista, levando a um novo final. Passamos nossa vida reeditando nossa autobiografia. Uma análise é isso, e, podem acreditar, reelaborar o passado ajuda a viver um futuro melhor.

A promessa das máquinas

Eu tinha duas famílias prediletas, ambas do futuro: *Os Jetsons*, um desenho animado, e os Robinsons, do seriado *Perdidos no espaço*. Em termos de previsões de moda, achava-se que acabaríamos usando macacões prateados colados ao corpo e botinhas que finalizavam essa espécie de malha unissex. Era década de 60, e na televisão o porvir era representado igual ao presente, mudando só o figurino. Os homens ainda trabalhariam fora, enquanto as mulheres cuidariam do lar, mas haveria um atenuante: os robôs. Os Robinsons tinham um exemplar macho enquanto os Jetsons tinham Rosie, uma eficiente empregada automática.

Conhecemos bem a imagem clássica da dona de casa da época: cabelo duro de laquê, vestido acinturado, seios espetados em cone e um sorriso no rosto enquanto segura, sem esforço nenhum, seu aspirador de pó. Representante de um novo tipo de nobreza ao alcance da classe média, ela tem suas máquinas. Não lida mais com trapos e vassouras, a sujeira é aspirada, ela não cozinha mais, aciona mixers, fritadeiras, grills. Suores e outros detritos são problema de sua máquina de lavar, e os calos nos joelhos ficarão por conta da enceradeira.

O cotidiano doméstico é sempre comparado ao trabalho do pobre Sísifo empurrando a pedra montanha acima para em seguida vê-la despencar e retomando a tarefa infinitas vezes. Lava-se e arruma-se o que, na sequência, será sujo e esparramado, cozinha-se o que será imediatamente devorado. O sorriso na cara das senhoras das propagandas e dos meus seriados favoritos, seu inalterável bom humor, ficava por conta de duas ilusões: seriam liberadas do trabalho doméstico e a eficiência nesse setor seria seu horizonte de realização. A promessa de Rosie não se cumpriu.

Fornos não são verdadeiramente autolimpantes, louça e roupas não são autoguardantes, o ferro elétrico continua exigindo manobras humanas e, principalmente, filhos não são autocriantes. Nem o produto químico mais incrível vai ajudar a sorridente moça do comercial a abstrair que ela está

limpando um vaso sanitário. A formação de uma família inclui um sem-número de atividades que têm que ser executadas pessoalmente. A tarefa de convencer as mulheres dos encantos do lar incluiu um grande engano: vocês nunca mais se sujarão para limpar, nunca mais se cansarão. Balela, a fome e o caos não cansam de retornar.

Não me venham exigir esse sorriso congelado de miss, de atleta de nado sincronizado, enquanto corto cebola. O trabalho doméstico ainda significa um esforço cotidiano sem glória nem memória, do qual se sai com a sensação de não ter feito mais que a obrigação. No dia seguinte, a sujeira, a bagunça e as incessantes necessidades dos filhos levarão tudo à estaca zero. Sísifo.

Por isso, aos maravilhosos homens que começaram a enfrentar ombro a ombro esse campo de trabalhos forçados a que chamamos lar, as boas-vindas. A dois fica menos penoso. Pensando bem, isso é muito melhor do que ter uma Rosie.

Cobaias do amor

Sou cachorreira e gateira, não acho que tenhamos que escolher entre os dois. Além disso, apesar da minha completa e incurável falta de religiosidade, sempre pensei que agradeceria ao criador a invenção de um felino em miniatura, de ferocidade controlável. O gato é uma das perfeições da natureza, imagine ter uma pequena pantera tomando sol no parapeito da sua janela! Divino. Quanto ao cão, quando nos elege como horizonte da sua existência, é capaz de ser totalmente fiel e respeitoso. Essa é a experiência mais próxima que temos de ser deuses. Mas estamos nos mais óbvios, tem quem curte peixe, hamster, iguana, cobra, rato, pássaro, e cada um fará um discurso das razões de escolha do seu animal de afeição.

Tão estimados são esses animais que esquecemos inclusive de que eles são bichos e, não raro, os torturamos por incapacidade de compreendê-los. Há cachorros que precisam de espaço, matilha, rusticidade, não serve trancá-los — angustiados, eles roerão seus móveis. Quanto aos gatos, esses já nascem livres e usarão qualquer brecha para vadiar e voltar estropiados ou prenhas. Há animais que morrerão de tristeza se ficarem muito tempo sem companhia, outros vão dar graças a deus quando você leva suas adoráveis pestinhas ao colégio e eles poderão finalmente dormir. Animais, portanto, têm suas especificidades de espécie, raça e personalidade, eles não são um objeto à nossa mercê.

Além do mais, cuidar de um animal é como administrar um setor do zoo: dá muito trabalho e exige conhecimentos etológicos e veterinários. Por isso, apesar dos exageros cometidos pelos malucos que tratam bicho melhor que gente, considero que tê-los é benéfico, pois oportunizam um vínculo que, mais que a eles, é a nós que humaniza. Não há quem não se ache a pessoa mais magnânima e compreensiva do planeta, mas não somos de todo preparados para compreender que alguém que se relaciona conosco tem existência própria. Não raro tratamos aos outros humanos como se fossem um poodle toy. Tem gente tentando tosar o namorado e carregar amigo ou filho como se fosse amestrado.

Adotar um animal acaba sendo um campo de experiência afetiva. É uma bem-vinda experiência amorosa para pessoas que moram sozinhas, casais sem filhos, famílias ensimesmadas, velhos entristecidos, entre tantos que acabam aprendendo ou reaprendendo a amar quando cuidam de um animalzinho. Adivinhar o que alegra, inquieta ou adoce seu animal impõe um exercício de grandeza, de transcender suas vontades ou certezas, para tentar adequar-se a suas estranhas necessidades. É pena que seguidamente acontece de o animal não conseguir fazer-se entender pelo seu humano de estimação, e nenhum dos dois se domestica.

O dono de um animal é um estagiário da vida amorosa que exercitará a arte de compreender outra espécie. Todos os aprendizes da vida amorosa (quem não é?) se beneficiariam com esse desafio de desprendimento que um animal propõe. Este é um caso em que as experiências com cobaias animais são sem contraindicações.

Uma magra na sala e...

“Gordinha é como pantufa, todo mundo gosta de usar, mas ninguém sai de casa com ela!” Eis como uma amiga descreve sua vida amorosa, não pouco atribulada, e acrescenta: “tens que escrever sobre isso!”. Aqui vão, numa espécie de manifesto encomendado, as considerações que fizemos juntas sobre a vida erótica de uma mulher fora dos padrões.

O problema é que seus parceiros costumam desaparecer antes do sol nascer. Ela acha que fazem isso por vergonha de serem vistos em sua companhia, o que seria um ponto negativo para o currículo deles. Talvez ela tenha razão nessa inquietude, considerando-se algo ilícito a ser ocultado: quem come mais do que deveria acaba sendo, a princípio, um tipo de transgressor. Gordura, fruto da gula, passou a ser o pior pecado capital...

Em nossos tempos devotados ao culto da imagem, a gorda representa um novo tipo de mulher proibida, a qual acreditamos ser possuidora de um tipo de luxúria oral. Capturada nessa armadilha de fantasias, minha amiga sente-se exilada das relações amorosas legitimadas, relegada a uma espécie de bordel da imaginação.

Hoje como ontem, dá muito trabalho parecer uma mulher recomendável. Outrora eram prescritos recato e humildade, agora é preciso suar pela boa forma e cobrir formas irregulares, comer quase nada em público, bronzear-se (sob supervisão dermatológica, claro) e ocultar marcas da idade. Parceiras jovens ou “bem conservadas” pontuam mais. Se necessário, como um dócil objeto de Pigmalião, terão que recorrer à lipoescultura. Carnes brancas e flácidas não ficam bem. O espartilho, agora invisível, impera como nunca.

Gordinhos representam a tentação e são condenados por viver alheios à cultuada abstinência, por não destilarem em suor suas impurezas. Eles não têm os volumes nos lugares certos — seios fartos, traseiros carnudos — nem a barriga lisa, conforme apregoado pelo cânone da Barbie.

Vejamos: se hoje as garotas podem exhibir suas formas em decotes intermináveis e saias sumárias, não seríamos finalmente corpos liberados? Não é

o que parece, pois só pode ser visto o que estiver dentro das regras. E, com tantas regras a seguir, o exercício e a fome acabam se constituindo numa espécie de burca internalizada. Já o implante de silicone é a voluptuosidade domada.

Os gordos evocam um desejo fora de controle. É como se, comendo impudicamente, burlassem o trabalho civilizatório, esse que nossa selvageria interior sempre ameaça. Quão pobres de espírito nos tornamos ao identificar nossos padrões mais evoluídos de educação ao formato do corpo! Evoluímos para nos alimentar sem voracidade, no lugar da compulsão, queremos ver a força de vontade. Boas maneiras e boa forma são ditadas pelo mesmo manual de etiqueta, essa que nos faz parecer tão ponderados e adequados.

Idealizadas magérrimas mulheres francesas que saboreiam miniporções são o antônimo dos estigmatizados gordos, apresentados como selvagens devoradores de montanhas de *fast-food*. De fato, há gordos que comem sem prazer, só para se estufar, afogar a ansiedade, mas não é só disso que a obesidade é feita. Porém, a verdadeira pergunta é: por que isso é mais condenável do que o igualmente estranho prazer de passar fome?

O momento pede pratos exíguos: comida fina que parece natureza morta, de alto apreço estético e baixo valor calórico. A mulher magra e musculosa é tida como a boa moça, enquanto a gorda — não precisa ser uma obesa mórbida, basta fugir ao padrão — evoca prazeres pouco domesticados. Os mais interessantes.

Outrora, ressaltando o território da boa conduta e o indispensável tempero do proibido, dizia-se às moças que lhes cabia ser como uma dama na sala e uma puta na cama. Pelo jeito agora mudamos a frase: deveríamos lhes recomendar que fossem como uma magra na sala e uma gorda na cama.

Grafite

Havia transcorrido uma década da queda do muro de Berlim quando cheguei a Dresden, cidade-fênix erguida a partir dos escombros da Segunda Guerra. Acompanhei a reconstrução da Frauenkirche, igreja cujas pedras remanescentes foram guardadas e catalogadas durante mais de meio século, transformada em símbolo do esforço de restauração, que terminou finalmente em 2006. No caminho do aeroporto, as primeiras paisagens já descortinavam outra imagem de devastação, sequele de conflitos mais recentes: o esqueleto sucateado do extenso bairro industrial daquela que parece ter sido uma cidade muito ativa da extinta Alemanha Oriental. Como grandes baleias encalhadas, apodrecendo, as fábricas dos arredores da cidade estavam abandonadas. Foi ali que comecei a entender o que é um grafite.

As ruínas das antigas indústrias estavam coloridas. Aqui e ali, despontavam grafites, numa ocupação simbólica daquilo que não tinha mais função. Havia passado por ali muitos artistas, que se incumbiram de transformar aqueles restos urbanos em algum tipo de monumento histórico.

A burocracia totalitária que transformou o sonho de uma sociedade igualitária em pesadelo sucumbiu com o muro, mas não foi possível eliminar com ela a memória da vida de um povo. Naquela ocasião, os habitantes ainda guardavam vívidas lembranças do regime comunista. Foram quatro décadas de vivências diferentes que não podiam ser abandonadas por decreto. é compreensível, portanto, que tenham se recoberto aquelas paredes de desenhos e mensagens. Um passado recente não podia desaparecer assim. Os desenhos deram-lhe uma espécie de enterro, como se fosse o cemitério de um modo de vida que ficou para trás.

Grafitar e pichar são iniciativas similares e diferentes ao mesmo tempo. O pichador que rabisca seu apelido num alfabeto próprio para iniciados apenas ocupa as superfícies da cidade de forma parasitária. Ele ousa e transgride para deixar registrada sua “marca do Zorro” e medir-se com seus pares, vale mais

entre eles quem correr mais riscos. A “mensagem” não passa de um desafio, seus traços são apelo de afirmação da uma identidade que não encontra outra expressão.

Confundidos com a massa dos pichadores, os grafiteiros fazem um trabalho diferente, de artistas. As paredes por eles desenhadas dão outro sentido à paisagem. Há lugares abandonados, destruídos ou machucados pelas transformações da cidade, muros feios, costas de prédios, lugares não lugares. Os grafiteiros põem para dentro dos nossos olhos partes da paisagem que foram banidas ou ficaram de fora de nossa percepção apressada e limitada.

Jovens são cabeças frescas que se abrem para as ruas. Eles querem e precisam olhar criticamente para fora, para o que não é óbvio. é ali que fazem suas intervenções irreverentes, redesenhando o cenário da nossa vida. Os grafiteiros de Dresden fizeram seus manifestos a partir daqueles esqueletos tristes, chamando a atenção para a utopia decomposta. A destruição é muito eficaz e assume sempre novas formas, mas a capacidade de criar, por sorte, também.

Uma casa na floresta

Sabia que um dia iria reencontrar esse livro. Finalmente, pedi o exemplar em um sebo virtual. Estava curiosa, mas foi sinistro, constrangedor até. Fazia 40 anos que não tinha notícia dessa história, mesmo considerando-a como minha predileta. Trata-se de *Uma casa na floresta*, o primeiro volume dos nove escritos por Laura Ingalls Wilder, contando a vida difícil dos pioneiros norte-americanos, a sua própria. Li a série no início da puberdade, numa biblioteca, nunca tive os livros embora os adorasse.

Quando o pacote chegou, era tão pequeno que acreditei ter pedido uma edição adaptada. Nada disso, “texto integral”, dizia na capa. Na lembrança era maior, tudo na lembrança é maior. Para piorar as coisas, nesse relato não havia nada de encantador, o livro era chato. A surpresa era outra: aquelas páginas eram como uma carta que houvesse enviado para mim mesma do passado. A missiva tinha data para chegar e era agora, com as filhas já crescidas. Ali estavam descritos, prescritos, sonhos do passado que realizei sem clareza de que os tinha.

A menina Laura e sua irmã Mary viviam numa cabana de troncos na floresta. Há intermináveis páginas sobre o cotidiano severo, de escassez, rezas, obediência, chatices domésticas identificadas com aconchego: como o pai caça para alimentar a família, sobre o preparo da carne salgada e defumada e das conservas para atravessar o inverno; as brincadeiras e o calor da casa quando a neve chega, a boneca de pano, um presente inesquecível. A animação fica por conta do relato das aventuras do pai, que conta da floresta onde enfrenta panteras, ursos e lobos. Dentro de casa proteção, as rotinas orquestradas pela mãe. Lá fora o perigo enfrentado com a escopeta do pai e trazido para dentro através das histórias dele.

Essa vida rudimentar, meticulosamente narrada, evoca a nostalgia de algo que na verdade nunca existiu: uma família antiga e amorosa, onde há um pai poderoso que se ocupa das filhas mulheres, veja só. Um verdadeiro “refúgio num mundo sem coração”, como Christopher Lasch descreveu o ideal em que se

inspira a família nuclear.

Sem lembrança consciente do livro, nem de seus efeitos em mim, construí uma família com várias alusões a essa história. Dei à minha primogênita o nome da autora e protagonista da obra, minha porta sempre teve um buldogue — como o velho Jack da saga — montando guarda, e minhas duas filhas cresceram ouvindo histórias sentadas no colo do seu atencioso pai. Errantes pelo mundo, sempre nos resta a nostalgia de um ninho imaginário. É isso que queremos para nossos filhos, eu bem que tentei. Como se vê, leituras infantis são perigosas, no bom sentido.

O terceiro incluído

O que levaria um garoto de 11 anos a esgueirar-se para dentro da carroceria de um ônibus, viajar clandestinamente por nove horas sobre o para-lama, ao longo de 600 quilômetros rumo a Aparecida, para pagar uma promessa? Ele não foi em busca de arrancar da morte um ser querido, nem de dinheiro para driblar a miséria, nem sequer uma bicicleta ou namorada. Ele só queria que os pais parassem de brigar. Esse excêntrico peregrino fez sua façanha em 2009, em São Paulo.

Briga de casal faz parte da vida a dois, em geral passa. Já algumas crises conjugais são guerras abertas e incluem inocentes entre os mortos e feridos. Antes do armistício, há um longo percurso de ódio onde os envolvidos não querem solução, precisam destilar sua fúria. Esse é um momento dos casais, paradoxalmente, próximo da paixão: apaga-se o mundo em volta, sobram só os dois, agora rivais, concentrados um no outro. Aos filhos, resta sobreviver, e jamais saem intactos.

Não sou contra separações, muitos casais ultrapassam a dor inevitável do rompimento rumo a uma vida certamente melhor. Mas nem sempre é assim: muita gente desiste por perfumaria, promessas ridículas de felicidade e gozo que nunca alcançarão. Esse menino, cuja fé motivou o feito, é o testemunho do terceiro incluído involuntariamente nesse conflito. Quando há filhos, é evidente que sofrerão também com a separação.

A concepção é uma síntese não apenas biológica. Um filho sente-se eternamente representante de um instante a dois, de sexo e/ou amor. A dissolução do laço que o originou sempre questiona sua origem: cheguei aqui em nome de algo que não existe mais ou que faz sofrer aos meus pais? Por isso o filho se envolve, culpa-se, responsabiliza-se pelo destino do conflito, como fez esse garoto.

O pequeno fiel deu visibilidade ao lado frágil do conflito conjugal. Nem sempre os filhos perdem com a separação: um cotidiano miserável, de gritarias,

violência ou ódio silencioso é certamente pior do que a paz da derrota. Tampouco serve manterem-se juntos, prolongando uniões que na prática já acabaram, em nome dos filhos, tornando-os responsáveis pela miséria do casal. Isso em geral é mentira: ninguém permanece casado ou se separa somente por causa dos filhos. Quando estão enlouquecidos, ofuscados por seus dramas amorosos, os casais muitas vezes pouco pensam nos filhos. Quando o casal goza, não pode nem deve incluí-los, quando se odeia ou rompe, tampouco o deve fazer. Mas o envolvimento é inevitável, eles pegam carona na crise, como o garoto fez no ônibus. Haja santa para proteger tantas almas sofridas.

Na psicanálise como no cinema O psicanalista é um anfitrião que recebe pessoas para conversar. Sua arte consiste em colocar as perguntas certas, essas que levarão o assunto para um território novo, de preferência surpreendente para o paciente. Dito assim parece claro, mas é muito difícil compreender o que faz um psicanalista sem se submeter à experiência de uma análise. Há livros técnicos, assim como na literatura, em que pacientes e analistas são personagens, onde se pode matar um pouco da curiosidade. Para tentar entender esse ofício, pelo menos aproximativamente, recomendo assistir a *Edifício Master: um filme sobre pessoas como você e eu*, do cineasta e

documentarista Eduardo Coutinho.

O Master é um prédio no tradicional bairro carioca de Copacabana: 276 pequenos apartamentos, onde vivem aproximadamente 500 pessoas. A equipe foi visitando os moradores e colhendo suas histórias, das quais Coutinho selecionou algumas para compor o documentário. Estruturalmente idênticos, os imóveis abrem-se para uma maravilhosa diversidade quando a equipe bate à porta. O cineasta não é invasivo, mas faz perguntas difíceis, sempre atento aos pontos delicados da conversa, centro de seu interesse.

Os entrevistados abrem o coração, choram, cantam, recitam, gargalham, se queixam, lembram glórias, contam grandes histórias sobre pequenas coisas e, inevitavelmente, fazem um balanço da sua vida. Muitos são velhos, mas há alguns jovens, e todos têm uma trajetória para contar. Uma moça que morava sozinha e lamentava a perda do zelo dos pais e avós conta a história de uma voz de criança que ela escutava através do respirador. Embora curiosa, não conseguia tomar a iniciativa de descobrir o rosto daquela pequena, cuja vida espreitava. Provavelmente essa voz representava a criança que ela estava deixando de ser.

Emoldurada pela câmera, toda vida torna-se grande. Aliás, é exatamente isso que fazem os escritores: transformar o prosaico em poético, a vida comum em evento literário. Meu espaço, o consultório, também tem essa pretensão. Ambiente invariável, como são os apartamentos do Master, o que muda são as vidas que passam: relatos de minúcias, queixas, ressentimentos, bravatas, vergonhas, sonhos noturnos e diurnos. Através das histórias que escolhe para contar, ao longo do dia cada um que entra vai ocupando meu espaço a seu modo. A escuta do analista é atenta aos momentos sensíveis do relato. Por vezes é a história de um trauma, um acontecimento marcante, por outras a vida encontra suas encruzilhadas em sutilezas, como a voz de uma criança no respirador. O cenário pode ser fixo, variadas são as pessoas.

O documentário é uma arte na fronteira entre a ficção e a realidade, e Coutinho dedicou-se acima de tudo aos relatos, por vezes longe dos fatos. Pouco importa:

sofremos menos dos fatos e muito mais dos pontos de vista, da forma como narramos a realidade. No cinema de Coutinho, assim como no consultório do psicanalista, realidade e ficção são indissociáveis.

Soutien invisível

Já faz mais de década, mas lembro de entrar no banheiro feminino de uma festa infantil e, para minha surpresa, encontrar três mulheres exibindo animadamente seus seios umas para as outras. Mais surpresa ainda fiquei quando fui convidada a apreciar as mamas de mulheres que conhecia, mas não tão intimamente assim. Nada contra, fruto do rescaldo hippie da década de 70, acabei sendo meio naturista: entre os da minha geração acostumei-me a não sentir vergonha da nudez. Não era o caso dessas mulheres. Sua falta de inibição devia-se a outra razão: implante de silicone. Estavam orgulhosas dos resultados, e as que haviam passado por cirurgias mais antigas exibiam os resultados para animar uma operada mais recente.

Tenho sido convidada a apreciar vários tipos de plástica que, se tivesse vocação para fazer, talvez não caíssem mal ao meu corpo cinquentão. Na rua, a generosidade dos decotes costuma ser proporcional ao silicone implantado. A natureza não costuma ser suficientemente redondinha. Num “neonaturismo”, conclui-se que as mulheres se despem com mais facilidade depois de operadas.

Certa ocasião uma revista feminina questionou vários homens sobre seios de silicone. Havia os marcadamente entusiastas, mas eles eram, numa estatística aproximada, um terço. Os outros dois terços correspondiam a duas categorias: os que consideravam o resultado sinistro e os que se mostravam simpáticos à cirurgia somente por constatar que as mulheres demonstravam-se mais autoconfiantes. Diziam estes últimos que não faziam questão, mas, se a mulher ficasse feliz, seria bom para todos.

Mais uma vez se confirma o fato de que, na maior parte das vezes, as mulheres se embelezam umas para as outras. Pela estatística improvisada acima, constata-se que, para dois terços dos homens, elas não precisariam ter seios tão perfeitos, bastaria que estivessem de bem com eles.

Porém, há uma desinibição que só nos ocorre quando estamos seguras de não ter falhas. Coisas horríveis como estrias e celulites, que os homens nem

enxergam, fazem as mulheres perderem o sentido da vida. Exigimos umas das outras uma perfeição que a natureza nega a quase todas as mortais, inclusive às modelos quando amanhecem. Aliás, basta assistir a um filme antigo para admirar a naturalidade do corpo e do rosto das divas: os dentes não eram tão parelhos, portanto as faces mais variadas, os corpos tinham volumes peculiares, não sendo sua distribuição tão normatizada. Conclui-se que, nesse sentido, a diversidade feminina diminuiu.

Plásticas são como sutiãs, espartilhos e cintas, porém embutidos. Faz diferença, pois é uma correção que fica incorporada, não cairá no chão junto às roupas, garante uma nudez mais próxima da perfeição. Colocar um enchimento e ir a uma festa pressupõe voltar sozinha, satisfeita apenas com os olhares, ou estar disposta a ser desmascarada. Operando ou disfarçando, nos empenhamos em reparar supostas “falhas”, portanto estamos ocultando nosso corpo até quando o exibimos em aparente despudor. Um grande decote que revela seios arredondados e firmes como exige o figurino não é nudez, é competência.

Não é por partes, a serem analisadas minuciosamente num programa de qualidade total, que o corpo feminino se torna atraente. Por hábito cultural adquirido, os homens podem até ser fetichistas, mas nem sempre se fixam no óbvio: seios, nádegas. Nas conversas entre machos, o papel viril de ressaltar essas partes é previsível, eles desempenham o papel com a mesma eficiência com a qual as mulheres domesticam seus volumes. Em ambos os gêneros, masculino e feminino, as regras se impõem: mulheres devem ter seios de tal jeito, homens devem gostar de seios de tal jeito, o mesmo vale para nádegas, cabelos longos, preferencialmente loiros, e outros tantos detalhes normativos da sexualidade de cada época. Na prática não somos tão obedientes: tudo é mais sutil, por vezes são detalhes imprevisíveis, como um olhar, um jeito, um gesto, que dispõem suas paixões.

O canto das betoneiras

Quem vive na cidade pode ter como esporte acompanhar uma obra. Edifícios altos são meus preferidos. Gosto dos guindastes enormes, o empilhamento sucessivo dos andares, os esqueletos que se preenchem, e, pior, alguns de seus barulhos já nem me irritam. Logo que a construção fica pronta, há o tráfego dos caminhões de mudança, a curiosidade sobre os novos vizinhos. Quando em obra, um imóvel é móvel, em transformação, é uma parte mutante da paisagem. Depois do prédio pronto, perco o interesse, quando muito restam janelas iluminadas para lhes supor alguma vida interior.

Minha alma romântica me diz que deveria restringir meu apreço a casinhas enfileiradas com janelas na calçada ou jardinzinhos, do tipo que ainda se encontra num passeio por um antigo bairro residencial. Também gosto delas, mas aprendi a ver no deslancar de um prédio algum encanto. Quando pequena, lembro-me da atenção com que acompanhei um edifício de 21 andares que ia interrompendo a vista da minha janela, tudo ia bem até que ele se vestiu todo de pastilhas cor de rosa-choque, aquilo não podia ser sério.

Tudo o que uma cidade tem para oferecer me serve: ruas cinzentas da parte velha com igrejas pentecostais, misturadas a lojas de autopeças e boates, crentes e prostitutas lado a lado; antigos bairros bucólicos; espaços abertos com carros apressados e algum monumento dominando o cenário. De todas as paisagens, a mais chata é a dos novos núcleos residenciais planejados, com prédios construídos na mesma época, cheios de guaritas, e moradores que nunca saem na rua a pé. As calçadas vazias dão uma sensação de solidão.

Agora volto a acompanhar um prédio enorme que se impõe no horizonte, estranhamente desnivelado com tudo em volta, e escrevo enquanto escuto o canto das betoneiras. São gigantes como baleias e, quando chega a fase de concretagem, entoam seu rangido melódico o dia inteiro, numa espécie de cio urbano dos caminhões com suas barrigas giratórias. Deveria me irritar, mas paradoxalmente para mim esse já é um dos ruídos que considero normais.

Suporto sua familiaridade como alguém jamais alvejaria os passarinhos que gorjeiam interrompendo sua concentração. Aliás, passarinhos também são audíveis, assim como latidos de cachorro, sons que se misturam agradavelmente. Para mim a cidade é um organismo vivo e gosto de senti-lo pulsar. Não envelhecerei num sítio, é tarde demais para deixar de ser tão urbana, o óleo diesel já me atingiu os ossos.

Maduros, não caindo

Manchetes aleatórias de jornal: “Idoso é atacado por ladrões” ou “Idosa morre num acidente”, “Idoso é suspeito de assassinato”. Para minha surpresa, lendo a matéria descubro que o idoso em questão tem ao redor de 60 anos! Não estou pronta para me considerar uma idosa em dez anos.

Para um jovem repórter de 20 anos, tudo depois dos 50 é a antecâmara do fim, então tanto faz. Não o recrimino, todos ficamos confusos para entender o que é mesmo um velho. Há o preconceito social, velhice é aquilo cujo nome não se deve mencionar, como se invocasse um mal. Mas também a confusão é propiciada porque a fase considerada “terceira idade” (quais são mesmo as duas primeiras, não há muito mais?) tornou-se muito longa, e as pessoas amadurecem e fenecem de formas díspares.

é similar ao que ocorre na infância. Existem crianças de todos os tamanhos e diferentes graus de amadurecimento respondendo pela mesma idade. O crescimento passa por épocas de aceleração, outras de estagnação. Uns funcionam aos trancos, por arranques, outros vão se desenvolvendo em uma linha contínua, há ainda os que desabrocham de súbito, do dia para a noite. A juventude e a idade adulta são as épocas mais uniformes da vida em termos de imagem corporal. Desde que se “bota corpo” até que os “enta” começam a se empilhar, somos muito parecidos. é difícil saber se alguém tem vinte e alguns, trinta e tantos ou quarenta e poucos. Depois disso, ficamos desiguais como as crianças.

Existem sexagenários, septuagenários e octogenários de todos os matizes. Tirando um que outro piripaque e alguns médicos a mais na rotina, há hoje nessa fase muita gente produtiva, independente, bonita. De mesma idade, há os que cedo se acovardam, se isolam, comem e dormem frente à televisão, vivem para a doença e esperam a morte. Entre os mais jovens também há os que são pouco vitais, mas eles sempre parecem mais ocupados. Estarão pelo menos aparentemente envolvidos com família, estudos, amores, trabalho. O tempo

ocioso, as aposentadorias precoces e invalidantes tornam mais visível o vazio da vida de tantos. A passagem do tempo nos desvela.

Em respeito a esses que são cidadãos vividos e vivazes, e a todos os que rumam para o envelhecimento, talvez devêssemos criar uma nomenclatura mais complexa para a dita terceira idade. Gostaria do direito às etapas. Começaria, aos 60, por “adultos tardios” (em inglês usam *older adults*). “Maduros” também é bacana, dá ideia de finalmente estar no ponto. Depois, talvez, “septuagenários” ou “idosos principiantes”? Aos 80 finalmente aceitaria ser considerada idosa, para que as limitações do meu corpo fossem respeitadas com direito a acessibilidade e uma rotina mais pausada. Os argentinos têm palavras simpáticas: “maduros”, para os que recentemente começam a sentir o pior da idade, “gente grande”, para os que já chegaram lá. Aceito sugestões.

A infância, cuja valorização social tem poucas centenas de anos, já possui uma série de palavras para descrever seus processos: recém-nascido, bebê, criança pequena, latente, pré-púbere. A juventude divide-se entre a puberdade, adolescência e os jovens adultos. O mundo nunca esteve tão velho, mas a maturidade ainda não recebeu a mesma consideração. Viver mirando-se numa patética juventude eterna nos impede de usufruir da experiência. Acredito que com ela fica bem menos difícil viver. Nomear, classificar, estudar serve para aceitar a passagem do tempo sobre nós e, quem sabe, usufruir da sabedoria daqueles que talvez tenham aprendido algo com a vida.

Brincando de Barbies

Passei parte da minha infância brincando na casa da vizinha. Era uma mulher bonita, parecia saída de um filme americano e não faria feio em um bairro de casinhas brancas da Califórnia. Esposa de piloto, tinha acesso a todos os objetos que o *boom* de consumo pós-guerra tornou subitamente essenciais. Ela levava no mínimo uma hora para emergir do seu banheiro, deixando espalhado um rastro de cosméticos de cheiro bom. Grandes olhos claros, realçados pelo delineador e cílios postiços, *pancake* passado com esmero de *photoshop*, boca duas cores, mais escura por fora e clara por dentro, o cabelo impecável obedecia aos desígnios dos bobs e do laquê. Suas duas filhas eram minhas parceiras na faina das bonecas. Foi ali que conheci a Barbie.

Era o final da década de 60, no Brasil brincávamos com uma versão menos anoréxica e mais juvenil, a Susi. Minhas felizardas amigas possuíam muitas Barbies, trazidas por seu pai, que frequentava os Estados Unidos numa época em que isso era para poucos.

O corpo da Barbie era esguio, o busto lembra um tórax de chester, desproporcional à finura da silhueta, seguramente fruto da obsessão americana pelo busto. A Susi foi lançada em 1962 (aqui reinando sozinha até 1985) e respondia mais ao padrão de beleza local.

Barbie e Susi são *fashion dolls*, minimanequins do mesmo tipo que era usado para difundir tendências da moda, embora originalmente fossem protótipos, não brinquedos. Foi vendo a filha brincar com bonequinhas de papel que a esposa de um fabricante de brinquedos teve a ideia de fazer uma versão tridimensional, para ser vestida e poder encenar com ela tramas de boneca-mulher. Isso constituía uma diferença, pois o padrão eram bonecas “filhas”, um treino para a maternidade, carro-chefe da identidade feminina até então.

Eu e minhas vizinhas criávamos para essas bonecas histórias de amor, traição, ciúmes e disputa entre amigas. Elas podiam até constituir família, mas estavam ocupadas mesmo era com “eles”. Infelizmente não possuíamos nenhum Ken,

então tínhamos que nos contentar com uma Pedrita com bigode e algumas Susis carecas. Mas esses canhestros responsáveis da masculinidade não impediam que nossas histórias de amor fossem calientes.

Entre minha vizinha fascinante e nossas bonecas que já não eram mais filhas, mas sim alter egos femininos, fui aprendendo a me maquiar e a querer ser mulher antes ou independentemente da maternidade. Barbies e Susis são mulheres jovens. Eu não admirava a mãe das minhas amigas pela competência com que administrava sua casa, mas sim pelos seus rituais de beleza. Com as bonecas aconteceu o mesmo.

As mulheres-bibelô dos subúrbios americanos da década de 50 viviam uma vida parada, cheia de restrições, e eram eficientes donas de casa. Não creio ter sido casual que também foi nessa época que *soutiens* foram queimados e Betty Friedan as convocou a sair do imobilismo e da depressão. Em suas pesquisas, a teórica feminista questionava-as sobre o que queriam. Afinal, aquelas que pareciam “ter tudo” sentiam-se tristes, numa verdadeira epidemia de donas de casa deprimidas. As respostas vieram com o tempo: elas querem realizar-se profissionalmente, desejam que casamento e maternidade possam ser opcionais, que, caso constituam família, isso não as anule como indivíduos, assim como reivindicam direito a ter um tempo de qualidade com seus filhos, consideram importante sentir-se atraentes, e hoje é imprescindível que sejam eternamente joviais. Coisa pouca... Pelo menos, a ser jovens e bonitas, treinávamos com nossas Barbies e Susis, quando isso parecia ser o maior desafio. Hoje precisamos muito mais do que essas bonecas podem oferecer.

O carnaval do Sr. Carlos

No ano de 1960 o Sr. Carlos passou o carnaval longe da folia. Fazia-lhe companhia seu gato Crispim, já em seus dias de calmaria. Dele, dizia o dono que “experimentou a vertigem da luta livre nos telhados e homologa a invenção da poltrona”. Sorte do Crispim seu Carlos ser o Drummond de Andrade.

Na quietude da solidão, Sr. Carlos pôde vagar pela própria casa a esmo, “andar de um quarto para outro sem ser à procura de objetos: achando-os”. Experimentou olhar para seus quadros, ou melhor, “olhar as paredes, em torno dos quadros”.

Para minha surpresa, a descrição desses dias de estar à toa que Drummond faz na crônica “Ficar em casa” me é inquietantemente familiar. Não encontro os objetos quando os procuro, eles às vezes é que me acham. Meu olhar é uma incógnita: foco em detalhes insignificantes, nunca enxergo o óbvio. Apesar de assídua leitora de jornais, seguido dou vexame por ignorar as manchetes. Sem conseguir priorizar, posso me deter na sessão de cartas, obituário, notícias de cantinho, erratas. Viver comigo é uma aventura, até para mim, agradeço todos os dias a paciência da família e tento fortemente me adequar.

Graças ao Sr. Carlos, passei a conjecturar que esse jeito dispersivo e sonhador de ser, para o qual hoje existe nome e até medicação, é herança da infância solitária de filha única. Ter irmãos, principalmente se as idades convergem, é como ter um amigo ou um rival de estimação, um interlocutor sempre por perto. Os amigos ajudam, mas invariavelmente vão para casa tratar da vida e deixam um vazio em seu lugar. Aos poucos, a criança solitária vai aprendendo a brincar com os olhos, a fazer de cada cômodo um cenário de aventura. Ainda posso percorrer mentalmente as casas em que morei. Nessas andanças não havia necessidade de criar uma brincadeira, organizar o pensamento para comentar com alguém, aliás sequer teria com quem fazer isso. Tampouco precisei objetivar os gestos, não disputava espaço nem comida com mais ninguém. Podia até brincar com os alimentos no prato, organizar montanhas de purê, jardins de

salada, não ia faltar. Aprendi, como disse Drummond, a “habitar a casa como ilha, fortaleza, continente: infinito do finito”.

Com o tempo, até mentes habituadas a andar a esmo, como esta que vos fala, vão aprendendo a se organizar. Hoje quase nada na minha vida assemelha-se àquela solidão silenciosa. Como lembrança da criança que fui restou a dispersividade das mãos e dos olhos. São cacoetes, um estilo por vezes difícil de assimilar. Por sorte, viver é adornar nossas circunstâncias, transformar problemas em dons e principalmente conviver consigo mesmo com bom humor. Embora não tenha me tornado nenhum Drummond, aprendi naqueles tempos a ver que a poesia está em volta do quadro, a comemorar a surpresa do encontro com os objetos. Com uma pessoa já se faz um Carnaval. Se houver um Crispim, melhor!

Ponto para as formigas

Minha casa de infância tinha três jasmineiros, arbustos encorpados, já crescidos. Ofereciam uma profusão de flores brancas enormes, de cheiro desbragado, quase obscuro. Os vizinhos perfumavam suas casas com jasmims que pediam à minha avó, dona do jardim. Eram generosas, ela e as plantas. A casa foi vendida, e a nova dona, insensível aos encantos botânicos, trocou-as por grama. A vizinhança não continha sua fúria, nem eu.

Inconsolável, passei a tentar recuperar meus jasmineiros. Plantei arbustos em todas as casas que tive, tentei em pátios, jardins, sacadas. Fracassei nas cinco vezes em que insisti. Em todas elas perdi para a gula das formigas. Não havia veneno, água de tabaco ou mandinga que as contivesse. Os malditos insetos se multiplicavam a cada folha que nascia, brotavam de lugares surpreendentes. Instalavam ali seu rebanho de pulgões e banquetavam-se. Desisti.

Pelo infortúnio, o cheiro do jasmim tornou-se minha obsessão. Procuro seu tom nos perfumes que uso, fico em alas quando lhe farejo a menção. Com a desculpa de ser saudosista, pratico pequenos furtos de flores.

A mente é ilógica, por isso, se ainda tivesse um jasmineiro, a bela flor branca seria apenas um renovado prazer, não teria mais a marca da nostalgia, sua presença não exalaria saudade. As evocações passadas se diluem frente ao que nos acompanha até o presente. Provavelmente estaria agora caçando cheiro de pitangueiras, também havia delas naquele jardim. As folhas dessa árvore têm aroma comestível, quebrá-las nos dedos liberando a fragrância é um prazer.

Cheiros são passageiros, dão prazer e logo fabricam cobiça. Pela fugacidade, pelo caráter envolvente, o olfato convoca ou mesmo provoca. Ele é, entre os sentidos, a melhor representação para o desejo. Nos desenhos animados costumamos ver um personagem voando em transe, guiado pelo seu nariz, carregado nos ares pelo aroma da flor, da comida fumegante ou do perfume da amada. Cheiros antigos, do tipo que nos transporta para estados de espírito do passado, são uma curiosa combinação de nostalgia e desejo.

Quanto à nostalgia, os psicanalistas insistem em que nossa história pessoal é praticamente obra de ficção, que todos têm dom literário para criar. As lembranças são editadas ao gosto pessoal, em geral a serviço de desejos que se escondem por trás das parcas memórias que possuímos. Já os desejos são como um motor, que nos impulsiona na direção do que queremos. Cobiçar algo que já se teve, como os jasmineiros perdidos, é falsamente querer algo do passado. Na verdade, é um desejo atual que se disfarça de antigo.

A partida daquela casa perfumada significou uma guinada no meu destino. Minha mãe, viúva, casou-se com aquele que foi para mim um novo pai, e mudamos para outro país. Valeu a pena, mas ali ficou em aberto um destino que nunca vivi. Que tipo de pessoa eu teria me tornado se nunca tivesse abandonado a terra natal? Jasmineiros têm o cheiro daquela que nunca cheguei a ser, ambos foram ceifados. Espero ter substituído melhor aquela que eu teria sido se minhas raízes não tivessem sido também arrancadas. Nesse provável e desconhecido destino cabem todas as idealizações, pois a realidade é sempre pobre frente à fantasia. As formigas ganharam a disputa, porque o arbusto real é mais delas do que meu. Para os insetos era uma planta doce, saborosa, alimento de verdade. Para mim, pura ilusão.

Com quantos paus se faz um homem?

Alta e jovem, a mãe caminhava de mãos dadas com seu filho, um daqueles pós-bebês que já têm um ar másculo, menos de metro de altura, presumíveis três anos, mochilinha nas costas. Ajeitei o passo para ouvir a conversa.

Inclinando-se para falar mais pertinho dele, ela conduzia aquele interrogatório a que as mães submetem filhos na volta da escola: o que comeu, o que aconteceu. Escuto que tinha banana no lanche e ele tinha apanhado de um rival, talvez pela posse de um brinquedo, sabe-se lá. Coube a ela fazer uma preleção sobre revidar o golpe, que não precisa ficar batendo nos outros, mas tem que impor respeito! Lá estava ela, ajudando a construir seu pequeno homem, que, se não bater, apanha, tem que ser corajoso, forte e jamais chorar.

Independentemente de quantas mulheres tenham encontrado homens bacanas para amar ou ter como amigos, ainda sobrevive uma estreita compreensão do que deva ser a virilidade. É fácil repetir a cantilena, comum aos grupos de mulheres reunidos, de que eles são todos iguais, só pegam mulheres para se exibirem entre si, se têm em grande conta só porque nasceram com pênis. Seguem as queixas de que eles são bibelôs das mamães, infantis, gulosos por sexo e prestígio, materialistas, que colecionam carros e objetos como figurinhas, bagunceiros e covardes frente à mínima experiência de dor.

Bem, seria o mesmo se a feminilidade fosse definida pelos atributos de ser fraca, dengosa, chorona, contumaz caçadora de reprodutores que aplaquem o furor uterino, desejosa de um marido que sustente e mande pelo resto da vida. Clichês de uma identidade sexual. Por sorte, quanto às mulheres, as conquistas feministas têm flexibilizado essa imagem. Quanto aos homens, não há tréguas.

Eles não nascem homens, tornam-se. Admita-se ou não, há muito trabalho feminino nessa tarefa, pois as mães preocupam-se desde cedo com sua performance viril. Elas sabem que seus filhos crescerão num clima de matar ou

morrer na guerra de prestígio. Ser mulher é enfrentar a desvalorização social, porém conseguir um lugar ao sol na selva dos machos também é tarefa inglória.

Como elas sempre suspeitaram, as bravatas deles servem para anestesiar a insegurança, pois as conquistas são insuficientes e instáveis. Se entre elas sabem ser sarcásticas e destrutivas nas sutilezas da língua, entre eles a agressividade é um jogo aberto, qualquer vacilo será punido sem dó.

A satisfação sexual feminina vale pontos na gincana deles, além do fato de que as críticas, reclamações e exigências delas realmente os atingem. Quanto mais alto o ideal, maior é a insegurança. Ser homem é entrar para a corrida da vida com sapatos de ferro. Protege, mas é uma identidade pesada de se carregar.

Quanto às mulheres, que reclamam constantemente das grosserias masculinas, essa mania de identificar um gênero com seus clichês impede de ver o quanto eles também querem libertar-se dessa carga. Mas será que as mães estão dispostas a perder seus machinhos? Como ficam sem os filhos e maridos que, como galos de rinha, se enfrentam pelas fêmeas nos ringues da vida? Façam suas apostas.

Os mistérios do mar

Tive sorte, nasci na beira do mar. Minhas águas salgadas não eram do tipo cálido, amigáveis, quentes e transparentes. Era o mar gelado do Uruguai, de caráter revoltado, turvo. Um mar cheio de opinião, crivado de enormes e urticantes águas-vivas. Nos invernos, a água desbordava a praia, engolia calçadas. Lembro o frio salobro, histórias de turistas afogados, crianças raptadas por redemoinhos, barcos naufragados e faroleiros safados, piratas em terra firme, que apagavam o sinal, provocavam acidentes e roubavam a carga. Toda comunidade pequena tem muitas histórias e teorias da conspiração. Piriapolis, minha cidade, era cheia delas, e em muitas o mar era o vilão.

Uma relação tão antiga leva a supor uma familiaridade inata. Nada disso: desenvolvi por ele uma admiração cheia de cautela. Devo-lhe um respeito distante, misto de temor e fascínio. Nunca fomos íntimos, o mar e eu. Fico surpresa com aqueles que não podem ver uma onda que já vão arrancando a roupa, afiando os caniços, ou mesmo os surfistas de veraneio, que o encaram como um lugar para brincar ou transitar. Para os esportistas do mar é diferente, ele é coisa muito séria, objeto de culto, como para mim. Pilotos da prancha estudam ventos, correntes e marés, mas é para enfrentá-lo, duelam limites com ele. São corajosos, eu covarde. Os que encaram ondas gigantes, não sei se são loucos, audaciosos ou simplesmente se permitem com o mar uma familiaridade que me escapa.

Quando chego à praia, sinto urgência de ir para a beira. Preciso vê-lo, ouvi-lo e cheirá-lo. Mas fico em terra firme, raramente abandono o paradeiro seguro da areia ou das pedras. Só me banho nos dias em que ele está tímido, calmo, previsível. Para ele, se é que lhe conheço a alma, devem ser os dias chatos, as fases de desmotivação. Até o mar fica deprimido, indiferente a tudo.

Temo que isso seja metafórico da minha vida. Talvez esteja gastando minha existência covardemente, contemplando-a desde a beira. Por exemplo, encaro a morte da mesma forma cautelosa que dedico ao mar: acho que acredito e penso

mais nela do que a maior parte das pessoas. Pode ser, mas fico tentada a valorizar minha atitude frente à imensidão do mar e ao poder da morte. Se estiver sempre alerta, fantasio que o tsunami da morte não me pegará de surpresa. Deixe-me com minhas ilusões. São de estimação.

Quanto ao amor, reservo-lhe os mesmos cuidados, mas são as águas em que mais me aventurei. Navego vigilante, incrédula, atenta às correntes frias e traiçoeiras, aos bancos de areia que surgem e desaparecem deixando-nos sem chão. Os olhos, os gestos do amado são as ondas, neles busco decifrar as marés do seu desejo. Cada dia da relação é uma vitória do casal, um naufrágio debelado, o jogo nunca está ganho.

Pessimismo? Fobia? Por que não pensar essa postura como sinal de respeito? O mar é imenso e imprevisível. Assim são o amor e indubitavelmente a morte. Celebro e reverencio o mistério da vida, não me atrevo a refestelar confiante em suas águas.

Claro que é bom divertir-se, sentir-se confortável, afastar-se da inquietude, enterrar o guarda-sol na areia como se tivéssemos a escritura daquele lugar. Também sei fazer isso, quando dá. Mas somente uma atitude observadora e respeitosa pode perceber as mudanças de humor do mar, saboreando-lhe as diversas faces, conhecer-lhe os detalhes para usufruir sutilmente das belezas.

Há momentos de fechar os olhos e pegar sol, entregue como um bebê, e a felicidade pode ser bem assim, despreocupada: dominando uma onda, soberbos, ou boiando mornamente entre peixinhos coloridos, entregues. Esses são os eventos de óbvio prazer. Mas a maior parte dos bons momentos é sutil, como cheiro de maresia, gritos de gaivota, brisa no rosto. Reconhecer os mistérios da vida habilita-nos a perceber aquela felicidade delicada, mais frequente, que em geral passa despercebida.

Mamãe eletrônica

A mãe não nasce no parto do filho. A maternidade se constrói trabalhosamente, intermediada pelos cinco sentidos. O tato, no toque de pele do colo, o olfato, no cheiro dela, no paladar do leite doce do peito, na audição dos sons de sua voz. A imagem de seu rosto tem dois olhos mirantes, que são um oásis nos momentos de desamparo do filho. Isso tudo não comparece de forma aleatória, senão a cabecinha do bebê ficaria um caos. Tem certa lógica que permite prever como e quando se ganha colo, por exemplo ao chorar, despertar e mamar; as refeições tendem a ter pausas regulares; o cheiro dela sempre anuncia sua presença; suas falas e músicas são repetitivas e marcam momentos específicos, seja para ninar ou para se agitar. Mães são previsíveis, sempre fazem e dizem a mesma coisa, com o mesmo tom de voz.

Mas, querendo ou não, crescemos, será preciso tomar banho sozinho, providenciar uma alimentação regular e nutritiva, dormir horas suficientes, e com muita sorte aparece alguém para nos cuidar quando ficamos doentes. Os médicos fazem um pouco a função, outrora materna, de zelar pela nossa saúde cotidiana: coma fibras, faça exercícios, sol dá câncer, vacine-se contra a gripe. Porém, não é o suficiente, pois na vida adulta falta-nos um elemento vital da maternidade: a rotina dos cuidados pessoais, que é diferente da forma metódica em que as obrigações costumam se impor. É em nome dela que cultivamos algumas excentricidades: por exemplo, os caprichos que cercam o momento do banho, a organização do ambiente necessária para conseguir dormir, a escolha do que comemos. Enfim, nossos horários e chatices. Aqui, por paradoxal que pareça, é que se mostra a importância da televisão.

Há pessoas que situam os acontecimentos de seus dias conforme a programação televisiva: tal coisa ocorreu depois do Fantástico, ou durante o Jornal Nacional. Os personagens das novelas, dos *reality shows* ou os apresentadores parecem familiares. O locutor do noticiário fala como se nos olhasse e se importasse conosco.

O essencial desse vínculo é a previsibilidade das chamadas, da trama, a sequência interminável dos capítulos, a simplicidade das personagens, a repetição das propagandas, tudo tão pouco surpreendente. A tevê encanta também pela sua regular banalidade.

Nunca perderei a esperança de que a televisão também possa crescer como espaço para a criação artística e para a novidade, porém não deixo de admitir o valor de sua presença rotineira. Ela funciona como as mesmas coisas que uma mãe diz, as mesmas músicas que ela canta, os mesmos pratos que ela prepara.

Uma mãe é feita de mesmice, e tudo o que em nossa vida for evocativo desse vínculo imprescindível acaba sendo de grande utilidade. Ninguém fica totalmente só quando a tevê oferece sua constância aparentemente atenciosa. Ela é a amiga das crianças curiosas ou entediadas, dos adolescentes melancólicos, dos viúvos e separados que carecem da presença perdida, de todas as pessoas cansadas, dos doentes e dos adultos nas horas solitárias. Se é para chamá-la de babá eletrônica, como dizem, admitamos que serve para todos. E, como a babá é a substituta da mãe, a tevê também sabe ser uma espécie de mamãe eletrônica. Não tem tato, nem cheiro, mas tem som e uns olhos que fingem nos olhar. A vantagem dessa senhora de vidro é que nunca nos abandona.

Estranho na minha alma

Fim do dia, das forças. O amigo liga chamando para um chope. Chegando lá, agradável surpresa: à mesa estava sua ex-mulher. Inevitável não fantasiar uma retomada, a separação sempre deixa uma ferida mal fechada, uma vontade de colar o que quebrou. Sempre gostei dela, do casal que eles faziam, mas eu sabia que aquele amor acabara. Havia escutado meu amigo o suficiente para saber que seu coração tomara outros rumos. Querê-los juntos novamente era egoísmo. Apesar disso, a conversa foi deliciosa como costumava ser no passado, estávamos relaxados, contentes. Depois, cada um foi pacificamente para seu lado, sem ressentimentos visíveis.

Os amigos também ficam com sequelas dos divórcios, sofrem junto. A pior partilha, quando um amor acaba ou colapsa, é a dos afetos. Os que estão de fora do relacionamento descobrem-se desagradavelmente dentro: são disputados, junto com livros, objetos e algum patrimônio. Os amigos raras vezes conseguem transitar igualmente entre ambos sem ter que escolher. A posição é similar, embora menos grave, à dos filhos. Estes, no entanto, não podem, nem devem, nem querem se posicionar, precisam manter o equilíbrio.

Quando a separação é tinta fresca, os ex-amantes estão loucos. Afogados em ressentimentos, reprisam incessantemente as mesmas histórias, derramadas indiscriminadamente em qualquer ouvido disponível. Conviver com eles exige paciência budista. Descontam a perda em tudo o que passar pela frente, seja filho, amigo, parente ou mascote. Os filhos, com o coração sem lar, precisam acolher a dupla de desequilibrados que substituiu seus pais, abduzidos pela dor. Os amigos sofrem mal menor, mas a costumeira intimidade agradável transforma-se no muro das lamentações.

Fico triste, mas não desaprovo separações. Já entendi que vínculos terminais devem ser eutanasiados. Relações destruídas ou destrutivas podem consumir os envolvidos até o fim das forças. Vi muita gente florescer após um recomeço, por vezes em um novo amor, outras em importante romance consigo mesmas. Mas

sei o alto preço disso. Das separações que vivi, minhas ou alheias, impossível esquecer a devastação, o vazio, o sem sentido que restou. Dói, destrói. Conviver com um amigo separado é reviver esse luto, essa perda. Nessa hora, o amor fraterno é imprescindível, mas impotente, nossa companhia não tapa o furo.

Aquele entardecer, no encontro com uma ferida cicatrizada, me encheu de energia. “Estranha no meu peito. Estranha na minha alma. Agora eu tenho calma. Não te desejo mais. Podemos ser amigos simplesmente. Amigos, simplesmente. E nada mais.” A letra de Fernando Lobo, na música “Chuvas de verão” (que se tornou conhecida na voz de Caetano), traduzia o espírito do momento. O final feliz, por vezes, não é o dos contos de fadas, o casamento. Ele pode ser também uma separação que finalmente aconteceu. Por que não?

Meu pai e os monges
de Mianmar No hospital, no início da
derradeira jornada, meu pai deixou-me
uma complicada incumbência. Ainda na
emergência, aguardando diagnóstico, eu
procurava acalmá-lo. Com o
pensamento confuso, ele tentava tomar
providências práticas, dinheiro, seguro
de saúde. Entre as últimas preocupações
que conseguiu enunciar, ficou a
pergunta que fez já com olhos foscos:
“E os monges de Mianmar?”. Frente à
nossa impotência, à mercê do corpo dele
que insistia em falir, só me cabia
responder: “Deixa que cuido deles!”.
Fiquei devendo essa parte e, como
sempre, quando se perde o pai, tantas
outras.

Era agosto de 2007, a notícia candente da ocasião era o engajamento dos monges budistas nos protestos pela situação, cronicamente precária, desse minúsculo e instável país no sul da ásia. Era tocante a imagem daqueles homens pacíficos, em suas vestes laranja, enfrentando as potências armadas.

Meu pai vivia o noticiário como algo pessoal. Uma posição compreensível para um sobrevivente da Segunda Guerra. Ele teve a família destruída, o pai e o irmão assassinados em Auschwitz, pela má avaliação política que muitos judeus húngaros fizeram. Subestimando a ascensão do nazismo em seu país, deixaram de fugir a tempo. Dali em diante, a conjuntura nunca mais o pegaria com as calças na mão, espero ter aprendido isso com ele.

Lembrei-me de tudo isso ao ler o livro de memórias de Philip Roth *Patrimônio: uma história real*, que narra a etapa final da sua vida com o pai. Ao saber do tumor que mataria Herman Roth, então com 86 anos de idade, o filho Philip foi incumbido de lhe dar a notícia, ou pelo menos as informações necessárias para conduzi-lo à consulta com o neurocirurgião. A caminho desse encontro, o escritor errou um cruzamento e foi, num lapso, parar no cemitério onde repousava o corpo da mãe. Conduzido pelo inconsciente, desceu, contemplou o túmulo que receberia o pai e ponderou... sobre a vida! A sobrevivência quase birrenta do seu pai — “Ele e a vida vinham juntos de muito longe” — e sua compulsão por narrar o tempo todo — “Você nunca deve esquecer nada!”, sempre dizia — marcaram Philip Roth, que tampouco pôde deixar de contar histórias para viver.

Também aprendi que é a vida a grande surpresa, a morte é só uma triste certeza. A mensagem final do meu pai foi que para mantê-la é preciso olhar em volta, entender o que se passa. Observando o mundo, seus povos, políticos, soldados e os monges de Mianmar, talvez possamos sobreviver e fazer alguma diferença. Disso posso cuidar.

Livros & Remédios

Viver é dolorido, verifique a quantia de analgésicos vendidos a granel. Viver é cansativo, tome Stressimil, Anticolapsol. Viver sabe ser triste, antidepressivo resolve, experimente Felisol: sua vida assumirá novo brilho. Viver enerva, Nervocalm drágeas: paz se carrega no bolso. Viver tira o sono, Insonial: para uma noite normal. Para disfunções sexuais, Orgasmax: aproveite o máximo. Ficar de pé é ruim: Varizem; sentado dá hemorroidas, Proctolac creme. Viver enfraquece: Ferrosol com Vitaminoplus. Para hipertensão: Antiexplodium. Na diarreia: Rolyol; prisão de ventre, Excreflux; para gases, Pheidolax. Viver causa fome excessiva: Bulimim; ou tira o apetite, Gulol. Pensar é penoso, tome Cocalina. Viver deixa inválido, viver mata.

Na farmácia parece haver solução para tudo, lá sempre haverá alguma coisa que possa ser engolida com a promessa de bem-estar. A mente se expressa através do corpo, o corpo impõe suas mazelas ao pensamento, mas sonhamos com uma saúde plena, pois nos foi dito que mentes sãs dependem de corpos sãos. Confundimos saúde com a mudez do corpo, qualquer sinal, qualquer dor, qualquer efusão fora do normal será motivo de pânico. A eloquência do corpo equivale a uma doença e deve ser calada imediatamente.

Para alívio dessas inquietudes há os remédios, mas dizem que o melhor é prevenir. Para tanto, recorra ao material escrito. Compre receitas para uma vida saudável, como melhor comer, dormir, relaxar, exercitar, amar. Bom senso impresso e encadernado, conselhos de doutores bons de pena, ideias vindas do oriente ou comprovadas por pesquisas do ocidente. Vale tudo, desde que nos cure desse mal de viver ou de viver mal. Livraria também pode ser farmácia, mas é uma pena.

Houve um ano (2006) em que o cartaz de divulgação da Feira do Livro de Porto Alegre recomendava: “tome Bandeira, Quintana, Cecília, muitas e muitas vezes ao dia”. Para o coração fraco, receitava romance urgente; para o pulmão, mistérios, sustos, suspense, intriga, aceleram a respiração. Enfim, sugeria que o

livro é o melhor remédio. O cartaz era brilhante no texto e nas imagens: tatuagens de figuras que lembram o romance, a aventura, só que elas apareciam gravadas diretamente nos músculos, como impressas no interior do corpo. O texto acrescentava: “você também é feito de histórias, viva o livro”.

Acreditamos que, se nos ocuparmos obsessivamente do corpo, seja com medidas estéticas, curativas ou preventivas, levaremos de brinde a paz de espírito. Porém, feito de músculos, sangue, órgãos, o corpo não passa de um barco parado. O que o move, o vento que incha a vela, são as histórias. Quando narrados pelos mestres das palavras, os amores tornam-se romances, os reveses viram aventuras, e as neuroses e loucuras podem ser a inteligência do drama.

Nas mãos dos artistas, a vida se eleva para além da carne, pois também é de palavras que as suas, as minhas, as nossas dores são feitas, e também é com palavras que serão transcendidas. A capacidade de compreender o que nos deprime, angustia, estressa, lateja, depende do quanto conseguimos entender a trama do romance a que nos entregamos, da intriga e do suspense do nosso destino, a saga da nossa família, a inteligência das ruminações dos nossos pensamentos.

Livraria não é farmácia, mas leitura cura sim. Por baixo da pele, há muito mais que músculos, ossos e vísceras — repousa impressa, tatuada, a história da nossa vida. Remédios ajudam, conselhos médicos são para ser seguidos, ok, mas nada disso movimenta a máquina da vida.

Já que nas veias correm histórias, podemos tentar viver como num livro. Se não formos um best-seller, um clássico, que sejamos ao menos um diário, para saciar a curiosidade dos descendentes.

Exuberância enrustida

No intervalo do cafezinho da clínica onde eu trabalhava, com seu inconfundível sotaque argentino, ela me disse: “tu te achas muito bonita”. Eu, uma psicóloga desalinhada, na casa dos 20. Ela, uma psicanalista quarentona e cheia de charme. Acostumada a viver em eterno litígio com minha imagem, custei a entender a alfinetada. Complementou: “é que não te pintas, porque achas que não precisas...”.

Minha colega, de fato, não saía de casa sem delineador. Como se seus enormes olhos azuis necessitassem de algo a mais. Sempre precisamos de algo a mais, era o subtexto. é pretensão pensar-nos suficientes com o que temos. No fundo, todo discreto se tem em boa conta. Paradoxal, mas verdadeiro.

Discreto não é displicente, não é largado, não me refiro àqueles que boicotam a sua imagem. Ninguém é tão bonito a ponto de sobreviver ao esculacho. Todos precisamos de uma boa cota de investimento em cuidados pessoais, nem a top model acorda com cara de top.

Hoje passei da idade que minha colega tinha na época e não saio de casa sem delineador. Tampouco dispenso os truques disponíveis para disfarçar o que me desagrada e ressaltar o que sobrevive à autocritica. Costurei uma versão pessoal do conselho recebido. O investimento na própria imagem pode ser de vários tipos: óbvio, como no caso das pessoas chamativas, enfeitadas, ou mesmo uma aposta no detalhe, no que é pouco visível a olho nu. Professo o segundo tipo, daqueles que fazem o gênero da discrição presumida, da falsa humildade, da exuberância enrustida, chame como quiser.

O cuidado com a lingerie, por exemplo, traduz esse espírito. Embora fique oculta a maior parte do tempo, deve combinar entre si e é meticulosamente escolhida conforme o que revela, comprime, marca, sugere. Temos a depilação, que tenta fabricar uma superfície impecável, a tatuagem, enfeite perene da pele. Nunca cessa o combate à topografia da celulite e das estrias, acidentes geográficos a serem reparados. São preocupações obsessivas, parte de um

complicado processo que termina com o arremate da maquiagem, reta de chegada de um labirinto de incertezas. Tradicionalmente, os homens não cansam de afirmar que não reparam nem na metade dessas providências, mas as mulheres insistem num cuidado incapaz de calar a profunda inquietação, o pânico do erro. Aliás, hoje esse tipo de zelo encontra cada vez mais adeptos no outrora universo rústico dos machos. Longe dos que só conheciam o sabonete, os chuveiros deles contabilizam importante presença de shampoos, condicionadores e esfoliantes. No fundo, todas essas providências almejam a perfeição, como se houvesse possibilidade de controlar o olhar, ditar letra por letra o conteúdo do desejo alheio. A fantasia subjacente é de dominação. Como sempre, a insegurança gera sede de poder.

Minha avó insistia em que uma mulher deveria estar sempre impecável por baixo das roupas, “nunca se sabe quando vamos parar no hospital”, dizia. Sua intimidade era meticulosa no aguardo da síncope, do atropelamento. Eu prefiro cultivar a fantasia de que meus caprichos não se destinem ao encontro com o azar, que se enderecem ao escolhido para apreciar meus detalhes. Mas aprendi algo com minha colega experiente: não há lugar para o pecado da soberba, reparei que até seus lindos olhos se beneficiavam do arremate.

O que é bom dura pouco

Minha amiga fez uma reforma dentro de casa. Deviam incluir reformas, principalmente aquelas nas quais se permanece habitando um lar semidestruído, nos testes psicológicos. Se o morador do imóvel em escombros não enlouquecer, dificilmente perderá o equilíbrio em situações extremas: seria um caso de saúde mental comprovada. Um casal que sobrevive a uma reforma será feliz para sempre. Pois minha amiga, sua família e os dois gatos superaram isso e passam bem. Ninguém pediu a opinião felina do Quincas e da Frida, mas tenho certeza de que eles discordam da necessidade de ter feito tudo aquilo.

Quando fui visitá-la para ver as melhorias prontas, a casa estava tão bonita e agradável que imediatamente instalou-se o sentimento de que sempre fora assim. Comentamos que é uma pena, mas o período em que comemoramos as novidades boas passa demasiado rápido. Também quando algo piora, estraga ou deteriora, aos poucos adotamos naturalmente os caminhos necessários para contornar o problema: a luminária queimada será evitada, a janela emperrada será menos utilizada, do liquidificador estragado decorrerá a eliminação das receitas que o necessitem.

A vida é movimento, e somos muito plásticos, adaptamo-nos às circunstâncias, expediente que permite a sobrevivência até em condições extremas. Mudamos o tempo todo, nem que seja pelo fato de que a cada dia vamos ficando mais velhos e carregamos a experiência, os temores e sucessos armazenados dos momentos anteriores. Por vezes mudamos para muito melhor, por outras enfrentamos perdas ou mesmo a triste constatação de um esforço inútil, como diriam o Quincas e a Frida sobre as novidades na casa da minha amiga.

Mas nada é à toa, devo discordar dos gatos. Eles são uns ranzinzas e prefeririam que nada se alterasse nunca, tanto que existe a expressão “mais nervoso que gato em dia de faxina”. Queria lembrar àqueles dois gorduchos peludos que agora eles têm mais luz e espaço em vários cômodos da casa, mas eles vivem um eterno presente, assim como costuma acontecer conosco.

No fim do ano fazemos balanços. Até os que declaram que isso é ridículo, pois o primeiro de janeiro é exatamente igual ao 31 de dezembro, que nada recomeça, são atropelados pelas retrospectivas do ano na mídia, pelo ambiente de promessas e esperança.

O resultado dessa avaliação anual sempre é prejudicado pela dificuldade de perceber as mudanças e, principalmente, de comemorar as boas-novas. Reagimos como um bebê: quando está com fome, berra como se nunca tivesse sido alimentado, e, ao ser bem cuidado, ronrona um prazer que parece contínuo. Quando a felicidade chega, olhamos para ela como certos pais que recebem as boas notas dos filhos e, em vez de elogiar, dizem que ele não fez mais do que a obrigação. Pobre felicidade, a mais incompreendida e maltratada dos sentimentos. Por isso, a cada novo ano você pode dispensar a lentilha, os fogos, mas não abra mão da gratidão pelo que melhorou. Por outro lado, se algo piorou, acredite, de algum modo vai passar.

Infeliz ano novo

Existe uma solução simples para problemas complicados: assista a propagandas. Quer saber do que os homens gostam? Consulte comerciais de cerveja. Cigarros informam como andam os solteiros bem-sucedidos. Sabões em pó apelam à dona de casa que ainda se acredita habitar em cada mulher. Boa parte das propagandas ensina às mulheres como parecerem para ser desejadas e aos homens como serem sedutores infalíveis. Já as propagandas de margarina deram forma à família ideal.

Família feliz é aquela que amanhece sem mau humor, toma café junta, e até a pressa é motivo para sorrisos. Deve ter pais jovens (heterossexuais), que acordam apaixonados, filhos simpáticos que jamais brigam (dois, um casal) e cachorro (grande, de preferência). A família-margarina não acorda despenteada, remelenta e muito menos com mau hálito; sua rotina em pouco ou nada se assemelha à nossa.

O Natal é também época de exaltação dessa família idealizada, em países laicos inclusive consta no calendário como “festa da família”. A cena idealizada nessa ocasião abandona o desjejum, e os parentes se reúnem em torno da árvore. A opulência do cenário e do figurino já serviria para lembrar à maioria que seu bolso não condiz com a data, mas o maior papelão é feito pelas personagens da vida real.

Não importa como você comemore o Natal, seja entre parentes ou amigos, você fracassou. Se sua festa é chique, provavelmente nela falte espontaneidade. Se sua festa é simples, você é um remediado. Se você formou família, algum mal-entendido ou uma névoa de tédio terá maculado a perfeição do momento. Se você não casou e teve filhinhos, sente vergonha.

Antes que um suicídio coletivo mostre que é insuportável fazer o balanço de fim de ano após a ressaca familiar do Natal, é bom lembrar que os ideais estão aí para dar forma ao impossível. Não há família perfeita, já que a personalidade de um filho se constrói também a partir das falhas dos pais. No casamento, os

parceiros só continuam adiante em nome da incessante tarefa de tornar o outro semelhante à fantasia com que se casaram. Para finalizar, convívio tranquilo entre gerações é difícil, porque os jovens precisam matar imaginariamente aos poucos os mais velhos para poder crescer.

Assim como o Natal, a festa de Ano-Novo é de mau prognóstico, certamente nunca será como o esperado. A maior parte das previsões não se cumpre, mas o fracasso das expectativas dessas grandes festas é uma que, se for feita, sempre funciona. Nas propostas que fazemos para o novo período sempre nos esquecemos de uma tarefa que deveria ser essencial: perdoar a vida por ela ser tão diferente dos comerciais. Nela encontraríamos uma boa possibilidade para um ano novo verdadeiramente feliz.

Morrer de véspera

Bilbo viveu 15 anos. Para humanos essa idade é o fim da infância, na sua trajetória canina é o fim da vida. Aos sete anos, dois veterinários diferentes lhe deram pouco tempo de vida. Alegavam, o que deve ser verdade, pois apareceu nos exames da época, que ele tinha o coração quase do tamanho da caixa torácica e 30 por cento da função renal. A não ser que um milagre tenha acontecido, isso só pode ter piorado ao longo dos oito anos que se sucederam. Na ocasião lhe receitaram vários remédios, ração especial, uma vida de velho. Ele detestou, é própria da sua raça a infância eterna. Nenhum buldogue-francês amadurece, só ficam mais lentinhos. Os tratamentos o tornaram muito magro e deprimido, ficava arrasado cada vez que lhe empurrávamos mais uma pastilha. Por isso decidimos deixá-lo em paz: que durasse pouco mas fosse feliz! Cortamos os remédios, a ração insossa. Livre da existência terminal, voltou a brincar e correr. Se fosse gente, teria durado uns bem aproveitados 80 anos.

Pensando bem, se fosse humano, talvez já estivesse morto pouco depois do diagnóstico, de preocupação, de tristeza pela condenação que uma doença grave significa. às vezes morremos de desesperança, achamos que, se não for infinita, não adianta que a vida dure. A religião já não consola, a suposta eternidade da alma deixou de ser uma meta atraente. Mesmo com saúde, é só olhar em volta e acabamos fazendo os cálculos de quantas estimadas décadas nos restam, na melhor das hipóteses, e de como nos pareceremos no futuro. A avaliação nunca agrada. Aliás, o envelhecimento é exorcizado principalmente porque informa o tempo que já gastamos. Velhice é folha corrida. A fantasia de ser eterno e intacto, como os belos vampiros dos best-sellers contemporâneos, faz a vida parecer fonte de infinitas possibilidades. A consciência da morte obriga a objetivar as escolhas: não teremos tempo de ser e ter tudo. Mas, entre a ignorância do animal e o pensamento negativista dos homens, há outras atitudes bem mais inspiradoras.

Convivi com amigos que, em vez de morrer de véspera, fizeram de uma má

notícia fonte de sabedoria. Há duas décadas o diagnóstico da contaminação com o vírus HIV era prenúncio de morte iminente. Felizmente, não foi assim para todos, mesmo antes da descoberta do coquetel. Em alguns casos, a ameaça de morte os livrou das dúvidas pueris, da constante prorrogação da adolescência. Agarraram-se à vida com vontade, viabilizaram escolhas profissionais, relacionamentos estáveis. Acabaram o estágio, profissionalizaram-se na arte de sobreviver. Pressionados, efetivaram-se no emprego da existência. Uma vez descoberta, a medicação que lhes devolveu a imunidade já os encontrou de bem com a vida.

Woody Allen disse que a palavra mais bela que já tinha ouvido era “benigno”. Sua hipocondria cômica sempre nos lembra de que a consciência da morte pode ajudar a repactuar com a vida. Mesmo que o fim seja certo para todos nós, por que não seguir alegremente? Assim fez meu velho cão.

A esperança equilibrista

Elis Regina legou um repertório escolhido e interpretado com tal paixão autoral que certas músicas são indissociáveis da sua versão. Partiu deixando em todos a impressão de que perdemos uma parente. Sua arte ficou marcada em mim de uma forma particularmente inusitada: quando me tornei mãe e me propus a entoar cantigas de ninar, infiltrou-se, entre as Cucas e Bois da Cara Preta, “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, cantada por Elis.

Certamente não se trata de canção recomendável para ninar um bebê. Embora fosse um veículo capaz de produzir uma precoce conscientização da história recente do nosso país, não creio que nenhuma das minhas recém-nascidas tenha tido ocasião de absorver tal dimensão. Porém, a voz materna não fala ao vento, sempre está a dizer do mundo e do seu amor a seu bebê. Acalantos mencionam perigos, valorizam o aconchego, ao mesmo tempo em que garantem ao bebê que o bicho-papão até existe, mas em seu sono não chegará. Bastava-me descobrir sobre qual medo alertava a estranha música que escolhi.

Em certa ocasião foi pedido a uma turma de crianças que desenhassem o bicho-papão, aquele que mora embaixo da cama (o meu, pelo menos). Quando foram reunidos seus trabalhos, a diversidade das representações era fascinante. Não apareceu um igual ao outro: dragões, ciclopes, extraterrestres com tentáculos, criaturas híbridas de todas as espécies fantásticas e animais se misturaram para dar forma ao medo de cada um. Nossa criatura assustadora é construída à imagem e semelhança das necessidades individuais.

Como se vê, a face do bicho-papão varia, mas não sua função de transformar angústia em medo. Pode não parecer grande coisa, mas para bebês é tudo. Eles sabem tão pouco sobre si próprios quanto sobre o mundo que os rodeia. Ignoram, por exemplo, se eles ainda existem quando a mãe está ausente.

A sensação de um pequenino que adormece é muito mais próxima da angústia do que do medo. A angústia é uma experiência de diluição e vertigem, em que nos sentimos perdendo os contornos sobre os lençóis, enquanto explodimos em

palpitações que se afiguram mortíferas. Por isso, paradoxalmente, é tranquilizador quando a mãe evoca o medo, canta que a Cuca, o Boi da Cara Preta e o Tutu Marambá é que são os perigos. E eles rondam lá fora, logo, vê-se que nenhum deles é a mamãe ou está nela, pois ela está a falar deles, tampouco estão dentro do corpo da criança, pois se eles podem vir, é porque não estão aqui. Ufa!

é na letra de “O bêbado e a equilibrista” que mora o segredo desse inusitado uso para o acalanto. Cresci trajando luto, perdi meu pai e meu avô ainda bebê. A evocação dessas mortes incompreensíveis para alguém tão pequeno misturou-se com outras. Eram as causadas pela guerra e pela repressão, das quais os adultos cochichavam em volta. Mesmo sem ter consciência disso, precisava alertar minhas filhas desses perigos. De que há “tanta gente que partiu”, mas “que uma dor assim pungente não há de ser inutilmente”. A morte, a repressão e o exílio eram o meu bicho-papão.

A tarde sempre cai pesadamente feito um viaduto e nos conduz ao fim do dia, e não há fim que nos caia bem. Quando estamos frágeis, a tardinha parece um tipo de morte, por isso as depressões tantas vezes nos atacam a essa hora. O momento em que o cotidiano apaga suas luzes e vamos antecipando o temido encontro no escuro com as inevitáveis ruminações neuróticas.

O sono é como uma morte temporária: interrompe esses pensamentos chatos, mas, nos braços de Morfeu, reduzimo-nos aos sonhos e pesadelos. Ainda bem que já somos grandes e sabemos que depois do crepúsculo sempre vem algum amanhecer, para os indivíduos e para os povos, porque o show tem que continuar. Essa Esperança Equilibrista dança na corda bamba, mas não deixou de ser uma espécie de anjo da guarda que consegui providenciar para minhas pequenas e para mim mesma.

Professora Simone

O nome dela era Simone, professora de Português. Ela não me tinha em grande conta, já eu a achava poderosa. Entre nós houve um momento marcante: certa ocasião, envergonhada de ser tão sonsa, fingi que havia colado. Fingi para mim mesma, já que o pânico da pretensão de transgredir me enevoava a visão de tal modo que, de fato, não consegui enxergar nada na prova da colega. Se o feito não tinha sido grande coisa, pelo menos tentei fazer valer a intenção, contando vantagem entre meus colegas na saída da prova. Não é preciso dizer que a professora ouviu e tomou as medidas que lhe cabiam. Início e fim da minha incipiente e ridícula carreira criminal. Conto isso para que não se julgue que se tratava de uma particular relação de mútuo afeto ou camaradagem, que recubra ou mascare o caráter marcadamente pedagógico do que se segue.

Durante aquele ano, no primeiro grau do Grupo Escolar Daltro Filho, a professora Simone determinou que escrevêssemos uma composição (era assim que denominávamos as redações) por dia, logo, sete por semana. A cada segunda-feira, reunidos em pequenos grupos, escolhíamos as menos piores para serem lidas para o resto da classe. Obviamente, eu escrevia as sete no domingo à noite.

Fora a vergonha de falar em público, o que lembro mesmo é a labuta de inventar assuntos variados e transformá-los em pequenos textos, misturada à tristeza de domingo. A música do Fantástico anunciava o fim dos tempos, e eu ainda precisava ter sete boas ideias. Nunca duvidei nem duvidarei que a pressão ativa a criatividade. Enfrento o dilema da pauta em aberto com menos medo, graças àquela experiência. Ainda escrevo aos domingos.

Simone não era a Professora Maluquinha, alfabetizadora sensível do livro de Ziraldo, muito menos eu era uma aluna bacana de quem ela fosse lembrar-se. Inesquecível foi o desafio que ela orquestrou em nós. Vivências escolares definem destinos, professores tatuam almas com suas atitudes, propostas, atividades. São os pais que precisam prover a formação moral, as bases

emocionais. Eles providenciam a bagagem, mas são os professores os primeiros guias de viagem. É na escola que vamos lapidar a pedra bruta que trazemos de casa.

Em nosso país, entra e sai governo e o Ensino Fundamental jamais é considerado como tal, que dirá os que se seguem. Nas escolas públicas, os professores lutam contra todo tipo de miséria, inclusive a do seu salário; nas privadas, contra a tirania dos clientes. Quadro triste, mas não irremediável. Pelo menos, gostaria de fazer aqui algo de que nunca tive oportunidade: agradecer à professora Simone.

Minimonstros

Crianças são apaixonantes, cheias de frases e gestos surpreendentes, amolecem a alma, despertam ternura, conectam qualquer um com sua pieguice interior. Crianças são insuportáveis, inconvenientes, barulhentas, sujas e cada vez mais espaçosas. Crianças são anjos e monstros.

Adultos são protetores, saem da maternidade com um bebê capaz de quase nada e, às custas de amor, pouco sono e muita lábia, o transformam num ser humano civilizado. Adultos são assustadores, descarregam nos filhos todas as frustrações da vida e exigem das crianças nada menos que a perfeição. Adultos são anjos e monstros.

Monstros S.A., filme da Disney-Pixar de 2001 que se tornou um clássico infantil, brinca com essa dubiedade. Nele há uma doce criancinha a quem um monstro chama de “Bu” e um monstregoão grande, peludo e assustador que a menina chama de “Gatinho”.

Essa inversão de papéis mostra como cada vez mais os adultos temem as crianças. O filme reproduz uma cena que quase todos nós um dia vivemos ou testemunhamos: uma criatura de meio metro, com o simples manejo da voz, é capaz de deixar acuado um ou mais adultos de quase dois metros, que suplicam, apavorados, que o minimonstro cesse com sua performance constrangedora.

A fábrica em que os monstros trabalham tem um lema: *we scare because we care*; traduzindo, fica algo como: “assustamos porque cuidamos”, ou talvez “assustamos porque nos importamos”. Educação pressupõe algum tipo de imposição, o que não deixa de ser um jeito de cuidar. O filme acaba sendo uma boa síntese do quanto pode estar incomodando às crianças esse novo quadro. Nele os adultos estão conectados com suas próprias fragilidades e incertezas, deixando-as desamparadas, à mercê do próprio descontrole.

No final da história, os monstros se propõem a divertir as crianças em vez de assustá-las, exatamente como todos os pais de hoje, pois o lazer é sempre prioritário. Não é nada surpreendente, então, que as crianças divirtam-se

passando medo, com filmes de terror, montanhas-russas, sangue e forças malignas. A cultura trabalha fornecendo um imaginário que faça suplência da face assustadora do pai.

Os Monstros chegaram para alertar que não é preciso ter tanto medo das crianças. Antigamente a infância sofria por ser ignorada e desrespeitada. Hoje ela enfrenta outra forma de solidão: a infantilidade e a fobia dos adultos, incapazes de bancar a exigência de um lugar paterno.

Esportistas involuntários

Cultuados como deuses, os jogadores de futebol colocam seus dotes físicos a serviço do orgulho nacional ou do seu time. O corpo do esportista é objeto de admiração, mas às custas de inclemente exigência, vide a comoção nacional quando algum craque mostra visível sobrepeso. Eles encarnam nosso desejo de transcender os limites da capacidade física, não importando o quanto isso possa doer. Deles, qualquer falha é imperdoável.

Esqueça o corpo desses heróis, e vamos para outra cena. Nela há algo que manca, há algo fora do lugar. é o corpo das pessoas que padecem de sequelas físicas limitantes, que pede outro tipo de heroísmo. Avariados permanentemente pelo acidente, pela fatalidade, pelo destino que ninguém escolhe ter, oferecem uma imagem que quebra nosso espelho de físico poderoso. São os artistas da sobrevivência, que se locomovem sem as pernas, fazem as coisas sem a ajuda das mãos, orientam-se sem ver, comunicam-se sem ouvir e por vezes sem falar. Tão exigidos quanto os jogadores, convivendo diariamente com a dor e a necessidade da superação, os deficientes tornam-se atletas involuntários do árduo esporte da vida na adversidade cotidiana.

A presença dessas pessoas torna evidente que o sorteio da fatalidade é aleatório, e o bilhete “premiado” pode ser de qualquer um. Seus corpos, queiram ou não, denunciam nossa fragilidade, o equilíbrio precário da marcha, a soma de gestos difíceis que compõe a motricidade, os múltiplos recursos de que dependemos para perceber e nos comunicar. Basta um grupo de músculos ou de neurônios recusar-se a desempenhar sua função que o todo se desmancha.

Nunca esquecerei meu primeiro contato com um grupo de jovens afetados por lesões cerebrais. Chegando a uma instituição em que iria trabalhar, fui logo incorporada a uma festa animada, na qual cada um participava como podia. Seus corpos, completos e perfeitos na estrutura, negavam-se a desempenhar de modo convencional o mais banal dos movimentos, por isso cada um improvisava a seu modo, numa variedade de movimentos e soluções que nunca me ocorrera tão

vasta. Naquele dia compreendi que nosso esquema corporal, tal como estamos acostumados a considerar normal, sustenta-se num fio delicadíssimo, fácil de romper.

Por essas e outras, a relação com o corpo tende à paranoia. Dele podemos extrair prazer e orgulho, mas também pode ser a porta do inferno com todas suas torturas. A mais conhecida é a dor, mas a limitação da autonomia pode ser uma pena ainda maior do que a física. Por isso nos entusiasma o desempenho dos recordistas. Festejamos nesses campeões a ilusão de que do corpo podemos pedir sempre mais e mais, na mesma medida em que recusamos o espelho partido da deficiência. As pessoas portadoras de deficiência são as verdadeiras recordistas. é delas o maior exemplo não somente de superação física, mas também de vitalidade mental para seguir adiante, enfrentando desafios que outros considerariam insuportáveis.

Mas é em vão viver escondido da fatalidade, afastando do olhar público os portadores de deficiência, negando-lhes a circulação e a inclusão social. Se você observar bem, ela chega para todos: é a velhice. Com o passar do tempo, as dificuldades vão se impondo, devagar e sempre. E não há plástica nem vida saudável que elimine a dor, a diminuição do fôlego e da mobilidade, a crescente dependência, as grandes ou pequenas doenças que nunca deixam de comparecer. é preciso ter uma determinação de atleta ou de portador de deficiência física para viver a terceira idade com bom humor. Como se vê, a superação dos limites físicos para os esportistas é uma escolha, para os deficientes, uma necessidade, e, para todos nós, uma questão de tempo.

Nemesis

No esporte, o jogo limpo, mais conhecido como *fair play*, garante uma bela disputa, vitórias justas, derrotas vividas com dignidade. A vida seria bem mais fácil se isso vigorasse sempre. Mas nem sempre conseguimos ser tão construtivos. Na contramão disso, infelizmente, identifico em mim ideias que não trajam essa elegância esportiva. Costumo sentir inveja por rivais imaginários, em geral escritores com quem travo disputas dentro do meu pensamento. Estes, superiores em todos os sentidos, sequer sabem da minha existência.

Quando encontro textos publicados por eles, almejo-lhes o fracasso ou a mediocridade. Se o escrito for incriticável, fico mordida, reconheço a derrota e conduzo-os, de mau grado, ao merecido pódio. Aproveito qualquer brecha suposta no raciocínio do autor para pensar que eu faria melhor. Já a suprema glória é acreditar que já escrevi de forma mais interessante sobre o assunto.

Em língua inglesa essa rivalidade tem um nome: é *Nemesis*. Originalmente esse é o nome da personagem mitológica responsável pelo controle da soberba, a personificação da vingança. Em inglês, diz-se que um herói tem sua *Nemesis* quando possui um inimigo tão temível quanto admirável, como o professor Moriarty é o contraponto à altura de Sherlock Holmes.

Não passa de uma inveja recreativa. Tanto que ela praticamente não surge em minha atividade profissional, a psicanálise. Os baixos pensamentos se confinam à escrita, meu trabalho das horas vagas. Os *Nemesis*-escritores servem para escoar minhas rivalidades. São como o time adversário para um torcedor fanático.

Quem tem irmãos praticou essa competição saudavelmente ao longo da vida sem dar-se conta. A disputa fraterna é construtiva, graças a ela ninguém pode almejar a perfeição. Os rivais sempre nos ressaltam as fraquezas. Sem isso, qualquer um se acha a cereja do bolo, o queridinho da mamãe, mas o nascimento de um irmãozinho costuma lembrar que o reinado é passageiro. Quando há

irmãos mais velhos, serão um parâmetro, um ideal instigante. Como eles, meus escritores-rivais certamente me ajudam a aperfeiçoar a escrita.

Sei que muitos dirão que há lugar para todos, pregarão um coração pacifista. Concordo, também acredito no constante questionamento de conceitos e valores, sem medir-se com ninguém. Porém, não há como negar que fazemos parte de vários grupos e, na sociedade individualista, nossa condição de seres sociais não tem muito prestígio.

Ignoramos com prazer os laços que nos atam aos semelhantes e aos ancestrais. Cada um de nós gosta de se imaginar um lobo solitário, um *self-made man*, figura adorada do capitalismo, que não depende nem deve nada a ninguém. Quanto a mim, deixem-me com meus Moriartys, graças a eles posso tentar ser uma espécie de Sherlock.

Pobre rottweiler

No meu caminho tinha um rottweiler. Ele montava guarda em um estabelecimento comercial que fechou, era um desses cães de aluguel. Meu problema é que sempre me emociono por coisas ridículas e erradas, e isso novamente aconteceu. Cortava-me o coração vê-lo ali em seu território inóspito, amarrado e solitário. Muitas vezes, a caminho do consultório, cheguei a atravessar a rua para não sofrer. Para piorar as coisas, na calçada em frente ao lugar guardado pelo animal acamparam vários moradores de rua, vivendo ao relento entre trapos e restos de comida espalhados. Seria deles, da minha espécie e mais numerosos, que deveria me compadecer, mas não vou mentir, meu coração amolecia pelo rottweiler imaginariamente abandonado.

Após alguns trajetos, perguntei-me a razão dessa sensibilidade fora de propósito, o porquê da injustiça de meus sentimentos. A explicação mais óbvia que me ocorreu é similar àquela que enunciam os que se ocupam de animais maltratados: consideram que eles precisam de ajuda porque não têm livre-arbítrio, são vítimas passivas de nosso descaso e maldade, enquanto os humanos o têm. Lamentava a falta de liberdade do cão, sua solidão, coisa de que mesmo aqueles pobres-diabos não padeciam, pois eram livres e estavam em grupo.

Como sempre, havia algo a mais: animais domésticos são para nós fonte de inúmeras projeções, representam as crianças que fomos, os filhos que se teve ou não. Nem gosto dessa raça de cães, acho-os uns brutamontes perigosos, só teria motivo para temê-lo, mas ao ver o rottweiler ali, sem ter com quem brincar, nem donos para lhe dar algum carinho, encontrei ecos das tantas jornadas de brincadeiras solitárias que tive na infância. Minha tristeza tomava como objeto a mim mesma, numa leitura autocompadecida do meu passado. A autocomiseração é um sentimento sumamente atraente. Como se vê, meu altruísmo é do tamanho de uma noz. Não creio ser mais egoísta do que a média dos humanos, o que é um consolo bem pífio.

Proponho ao leitor que também passe seus bons sentimentos no raio X, pois

eles costumam atender a motivos autocentrados. Desconfio dos que se arvoram ser grandes corações, dos amores desinteressados, da vontade de parecer uma boa alma. Não quero dizer com isso que somos incapazes de altruísmo e solidariedade legítimos. Apenas lembro que nosso preferencial objeto de compaixão e amor somos nós mesmos, em uma medida maior do que estamos dispostos a admitir. Não custa ser um pouco sincero consigo mesmo, sem isso ficamos à mercê da influência de qualquer rottweiler que se achesse em nosso caminho.

Kryptonita

Tive todas as oportunidades de emburrecer com a babá eletrônica. Fui uma criança apaixonada pela telinha pequena e imprecisa, em preto e branco, que era o máximo que se podia pretender nos anos 60. Ansiava muito pela hora da tevê começar e me sentia miserável ao término da programação. Dessas extensas jornadas televisivas restam muitas memórias, mas uma evocação é insistente: a Kryptonita, proveniente dos desenhos animados do *Superman*.

Trata-se de uma arma que era usada contra seus superpoderes pelos inimigos, a única que o colocava fora de jogo. Aproximar dele um fragmento dessa pedra, um mineral verde luminoso, deixava-o fraco, indefeso. O mais enigmático é que a Kryptonita era uma das raras coisas provenientes do planeta natal do herói, Krypton. Do mesmo lugar de onde se originaram seus poderes, veio também o calcanhar de aquiles. O fragmento de ficção, e da pedra, sobreviveu na memória por portar uma verdade e um alerta: há um lugar, nossa origem, que determina o que somos, mas é também de onde a derrota pode se insinuar.

Não posso omitir a cilada do meu inconsciente: meus dois sobrenomes, tanto materno como paterno, contêm a palavra *stein* (pedra, em alemão), ou seja, meu passado é uma “pedreira”. Suponho que não só o meu, também o seu, o de todos. A infância, quando os outros são grandes e nós pequenos, é lugar de proteção, mas também de submissão, passividade, medos. O mundo dos pequenos é uma massa escura que eles dificilmente conseguem enfrentar se não tiverem uma mão para segurar. Não é fácil lembrar-se disso. Tornamo-nos fortes e grandes graças ao exílio desse planeta natal da fragilidade. Só ficamos “super” porque crescemos.

Ao voltar à casa dos pais, mesmo velhinhos, sentimos a sinistra sensação de que lá o tempo congelou. Perdemos os bons modos, esnobamos a comida do prato, distraímos-nos ao som da voz da mãe, testamos a força do pai, ficamos irritadiços, por vezes irreconhecíveis. Os lugares do passado são magnéticos, atraem à superfície fragmentos, cacos sobreviventes de outras eras. Atravessar a

porta familiar dessa casa é como a queda de Alice no sinistro País das Maravilhas. Não é porta, é portal, do outro lado esperam memórias que nos tomam de assalto. Assombrados pelos nossos outros “eus” do passado, descobrimo-nos, como Alice, viajantes surpresos num país de pesadelos, dentro de um corpo que encolhe, espicha e nunca nos abriga direito.

Faz toda a diferença como encaramos e como nos contamos as experiências que vivemos, a mesma história pode ser enquadrada por diversas lentes. Diferentes visões produzem novos efeitos. Mas nem tudo pode ser posteriormente resgatado, sempre há restos, alguma pedrinha nociva que incomoda ou obstrui. O passado é esse planeta natal, fonte de nossa força e vulnerabilidade.

Memórias felinas

Meus gatos sempre abusaram de mim. Faziam de mim gato-sapato, para ser redundante. Koshka, minha segunda cria felina, parecia dar discursos. Mesmo sem entender o gatês, eu sabia que ele estava reclamando do meu tempo de ausência, embora os dele pudessem durar dias. Ele era louco por briga e rabo de saia, suas temporadas mais caseiras coincidiam com olho purulento, orelha rasgada ou pata inchada. Entre minhas atribuições de escrava humana estavam, obviamente, os curativos.

Minha primogênita, a Fera, era confinada num apartamento, o que só aumentava seu poder: na falta do que fazer, ela decidia em que posição eu iria dormir, sentar e comer, além de que sua farra noturna me exauria. Felinos passam o dia dormindo, assim ficam prontos para as noitadas. No caso da Fera isso incluía uma bolinha de gude, que ela mantinha escondida e resgatava para fazer rolar pelo parquê e bater nos cantinhos nas altas horas da madrugada. Nunca consegui tirar a bolinha dela, sumia providencialmente assim que eu me levantava, acho que ela guardava na boca...

Sempre supus que Jim Davis, o cartunista criador de *Garfield*, tinha uma verdadeira experiência com gatos. A gestualidade da personagem, sua relação tirânica com o dono e o inabalável narcisismo felino eram traduzidos à perfeição através de seu traço e das situações hilárias que ele criava. Soube, por entrevista na *Folha de S.Paulo*, concedida por ocasião dos 30 anos da criação da tira, que ele cresceu numa casa com 25 gatos, devia ser um caos.

Nessa entrevista, Davis declarou que ele se identificava particularmente com Jon, o fracassado e melancólico dono de *Garfield*, particularmente nas memórias de sua adolescência de garoto pouco popular com o sexo oposto. Já com o gato gorducho, sarcástico e exigente, identificamo-nos todos nós, nas lembranças da infância. A memória dessa época, na qual vivíamos para comer (bem), brincar (muito) e dormir (muito) é preciosa. Crianças e gatos veem os adultos como fontes de satisfação potencial, os quais fazem exigências que ambos não estão

muito dispostos a atender.

Quando éramos crianças, os humanos grandes nos enxergavam como se fôssemos do tipo de Odie, o cão idiota e brincalhão dessas tiras, ou como Nermal, um gatinho jovem e terrivelmente fofo, de quem Garfield morre de ciúme. Na verdade, embora parecêssemos uns bobinhos, faceiros e fofinhos por fora, éramos críticos e meio azedos por dentro, como Garfield. Por isso rimos tanto, porque, embora pareçamos pessoas ocupadas e ponderadas por fora, ainda somos um gato gorducho, preguiçoso e egoísta por dentro. Pelo menos às segundas-feiras.

Trilha sonora do passado

No táxi, o rádio submete o desamparado passageiro à vontade do motorista. Como o assunto era futebol, dissocie. Mas despertei do devaneio por força de um som inusual: a narrativa histórica, em espanhol, de um gol, reproduzida por um programa de comentários desportivos. Escutar um gol na língua-mãe abriu um arquivo esquecido de lembranças e sentimentos ligados a ele.

Em Montevideu, onde vivia na década de 60, seguidamente eu ia almoçar aos domingos na casa de uma espécie de tio, cujo filho ao crescer tornou-se juiz de futebol. Eles acompanhavam as partidas com paixão, os gols eram praticamente uivados pelo locutor. Eu brincava por ali, à escuta dessa trilha sonora que tantas décadas depois me tomou de assalto. O gol transmitido pelo rádio em espanhol reavivou a memória de todo um cenário: a imagem borrada da tevê preto e branco, um maravilhoso aparelho de fazer soda, a detestável sopa fria de frutas, meu amigo Muki, o cachorro da casa.

Em São Paulo, para onde me levaram depois, tive que aprender o português. Nunca esquecerei a lição que me mandavam repetir: “João perdeu o balão, João é um chorão”. Lição impossível. Quem chorava era eu: “Nunca vou conseguir falar isso!”. Aprendi, crianças são permeáveis ao som das línguas, deixam-se colonizar. Agora, como canta Caetano em “Língua”: “adoro nomes, nomes em ã, de coisa como rã e ímã”. O português gaúcho, que aprendi a falar depois (primeiro foi o paulistês), soava rude, hoje é meu tom. Minhas pátrias são os sons das minhas línguas.

Ao falar, letra e música são uma só. Inclusive ao ler, recitamos para nós mesmos com ritmo, emprestamos cadência ao texto. A memória auditiva é uma linha direta para o passado (assim como o olfato). Uma vez reencontrados, os acordes das palavras produzem arrebatos, emoção, memórias, como naquele gol. Pelos ouvidos somos sequestrados para um tempo que podíamos até lembrar, mas que não pensávamos que ainda era possível sentir. Mesmo que não tenha mudado de país, de língua, qualquer um possui sua “língua-mãe”, constituída

pelas vozes dos parentes, pelas propagandas antigas, as músicas da época. As expressões verbais da infância e da adolescência soam mais eloquentes.

Somos datados: o som da língua é nosso carbono-14, só as vozes do passado são sentidas como próprias, autênticas. Essa é uma das dificuldades da longevidade de que nos beneficiamos hoje: como viver tantos novos tempos, que soam tão diferentes, sem sentirmo-nos estrangeiros?

Dias atrás, uma amiga falou ao telefone uma expressão em ídiche que não escutava desde que perdi minha avó e suas contemporâneas. Outra avalanche de memórias, arrematadas por mais um som: a gargalhada gostosa daquela velha senhora que nunca terminava as piadas. Ríamos era dela, que ria às lágrimas e sufocava o final.

Tristeza real

A memória de minha nobre xará, a princesa Diana, ainda é cultuada pelos súditos transformados em fãs. Seus 16 anos de reinado foram marcados tanto pela filantropia, na qual foi inovadora, quanto pela identificação com as esperanças e tristezas de qualquer plebeu.

Quando ela se casou, ignorando a cilada aristocrática que promoveu sua união, o evento foi tratado como um show. Charles tinha que desposar uma jovem nobre, anglicana e virgem, que lhe fornecesse um herdeiro. Apesar da duradoura relação com Camilla, ele escolheu Lady Diana Spencer, promovendo uma cerimônia vistosa para divertir o público global. Logo a função de esposa oficial foi ficando evidente, e mais uma vez o público foi convocado, desta vez para compartilhar sua tristeza. Decididamente, não se fazem mais príncipes e princesas como o suposto antigamente dos contos de fadas.

Diana deprimiu-se, teve transtornos alimentares, tentou suicídio, teve amantes, declarou que seu marido era um banana incapaz de ser rei. Ela alardeou sua inconformidade pelo casamento sem amor, lamentou-se em público. Sua depressão pós-parto revelou que ser mãe de um herdeiro real não era capaz de fazê-la feliz. Sua bulimia demonstrou que não haveria iguaria do palácio que valesse permanecer em suas entranhas. Foi a princesa da depressão, da recusa enfatiada de tudo o que o dinheiro ou o prestígio pudessem comprar.

Os problemas reais e Reais que enfrentava foram sempre atribuídos aos outros: se teve amantes, era por ter sido traída; se estava triste, era por viver em meio à hipocrisia e à frieza do palácio. Nada de novo nisso, é sempre assim que começa o relato de nossos males, num primeiro olhar achamos que é tudo culpa dos pais, amantes, amigos, colegas e chefes que nos maltratam. Muitas vezes eles realmente não prestam, mas sempre cabe a questão de qual é a nossa participação na construção dos sofrimentos que nos atingem. Além de insatisfeita, Diana foi uma princesa queixosa.

Como Lady Di, nós também sempre achamos pouco o que temos. Trocamos de

amores como de marcas de carros, mudamos de casa, de profissão, de cidade, de modo de vida, agitados, inconformados, em busca da terra prometida da felicidade. Ela viveu rápido e morreu jovem. Talvez isso seja um ideal que partilhamos: morrer enquanto ainda podíamos querer tudo, ignorantes dos sonhos que nunca se realizam.

Sobreviver à juventude implica algum grau de controle da onipotência. Viver mais obriga a aprender a saciar-se, por isso mesmo a massa de anoréxicas está entre as jovens. Essas moças famélicas recusam toda relação, vivem para sua insatisfação com todo tipo de vínculo, para elas representado pelo alimento.

Não sei qual teria sido uma boa saída para ela, não lhe exigiria que se conformasse, mas é fato que Diana padeceu da mesma infelicidade crônica contra a qual nós plebeus nos drogamos. Sua juventude bela e poderosa evocou nossa idealização da adolescência, sua bulimia expressou a tentativa de controle sobre seu corpo e vínculos. Foi de fato uma “Princesa do Povo”, popular em gestos e sentimentos. Bela soberana da tristeza, reinou sobre seu tempo como poucas e certamente não partiu em paz.

Nus e pelados

Lembro o dia em que descobri o que era a nudez. Era carnaval e não havia baile infantil de clube ou de rua naquela cidade uruguaia. A folia era simples e sem graça: circular pelas ruas mais povoadas do balneário, esperando e temendo ser atingida por uma bombinha d'água ou um jato. Era isso que os garotos faziam e eram eles que me interessavam. Com sorte, o banho seria de confetes ou serpentinas, mas eu não conseguia decidir se isso era um mérito em relação a ser atingida pela água, mais incômoda, ou um descaso.

Não sei que idade tinha, mas acho que não havia atingido os dois dígitos. Minha fantasia era composta de um sarongue e um colar daqueles de flores de plástico, usados sobre a parte de baixo do biquíni. A parte de cima, naqueles tempos mais ingênuos, sequer era usada na praia. Sarongue, colar e flores para a cabeça, saí toda primaveril para a rua, disposta a brincar de temer ser molhada.

Foi quando notei a presença dos meus seios. Não me refiro aos reais, que nem sugeridos estavam naquela ocasião, mas sim àqueles que um dia apareceriam. Foi naquele dia que pela primeira vez me senti nua. O fim da infância chegou, sem se anunciar, em pleno Carnaval.

Meia quadra depois corri para casa de volta, completei a fantasia com o resto do biquíni, mas já era tarde: mesmo oculto, meu corpo de criança já tinha o que mostrar. A nudez é um sentimento que pode atingir a pessoa mesmo quando não há nada para ser visto, assim como pode estar ausente quando tudo está explícito. O que me expôs a um olhar cuja existência eu ignorava até aquele Carnaval foi o desejo que senti de ser alvo das brincadeiras dos meninos.

O Carnaval está aí para que a sensualidade possa ser exibida, enfeitada, fantasiada, desnudada ou travestida, numa festa civilizada. A exposição dos corpos de passistas e destaques carnavalescos é, no fim das contas, tão educada como uma praia de nudismo, onde se pode andar sem roupas sem ser incomodado.

Já o desejo que a nudez revela é diferente do direito de andar pelado e rebolar

em público, ele se alimenta daquilo que quando visto produz algum efeito, algum rubor, algum frisson nos envolvidos. Pode e costuma ser controlado, mas move montanhas. No começo da vida de todos há esse divisor de águas: aquele momento do surgimento da nudez, no qual o corpo se torna desejável. A partir daí a intimidade é necessária, e a porta do banheiro se fecha para os olhos da família.

O momento carnavalesco dessa história de infância foi dado pela oportunidade de parecer uma havaiana. A diversão estava garantida se tivesse continuado o passeio sem ficar envergonhada, mas fui atropelada por um desejo que ainda desconhecia, e toda nudez tem algo a ver com ele: a ideia de que o que pode ser visto denunciará as mais recônditas fantasias do portador. Essas fantasias não desfilam, elas costumam sair na calada do sexo, na intimidade dos casais. Os pelados da avenida são lindos, exuberantes, vistosos, e sejam bem-vindos. Mas nudez, meus amigos, essa é outra coisa e, por sorte, não ocorre somente no Carnaval.

Camaleões

Minha tia ligou. é uma mulher sensível, gosta de cinema e sabe o que sente. Ela me pedia algo muito simples: “Posso matar o Almodóvar?”. Ponderei que não valia a pena, afinal, ele nos deu tanto. Ela estava inconformada, saíra do filme dele *A pele que habito* muito inquieta. Não é que o filme seja ruim, dizia, é que “ele não tinha direito de fazer aquilo conosco”. Aplaquei sua ira com um argumento baixo, nem sei se verdadeiro: graças a ele temos o Antonio Banderas. Ela amoleceu.

O filme de Pedro Almodóvar trabalha na vertente persuasiva do horror, parte de premissas absurdas, inaceitáveis, e as faz parecerem viáveis. é a magia do cinema, mas a literatura consegue o mesmo com menos orçamento, pois o combustível do encantamento é nossa empatia, fonte dos melhores efeitos especiais.

Nessa obra, um cirurgião plástico transforma alguém em uma criatura construída à imagem de suas obsessões. Ele aprisiona e intervém nesse ser tornando-o outra coisa, seu belo monstro. é possível que alguém se torne algo tão diferente do que seria normalmente só porque outro o quis assim? Acredite, é muito mais comum do que parece.

Os pais, amigos e parentes assistem a isso rotineiramente. Eis que alguém com quem sempre convivemos se apaixona e fica irreconhecível. Por força desse amor, vai se modificando de tal forma que sua identidade mais se parece com a fantasia que compartilha com seu atual parceiro. Se for um amor construtivo, isso ocorre suavemente, nos parece natural e não produz grandes resistências.

O chocante nisso é nossa suscetibilidade, a maleabilidade da imagem e da identidade, como se não tivéssemos uma essência. Entregues, em breve não conseguiremos mais diferenciar o que éramos daquilo que nos tornamos por amor. Encarnamos as fantasias daqueles que amamos com assustadora facilidade. Tão plásticos e influenciáveis, quem somos afinal?

Minha tia tem razão, Almodóvar não precisava ter sido tão duro, isso dói. A

pele que habitamos é um órgão sensível, uma superfície modificável pelo amor. Vai tomando a forma dos seus olhos. é assim que ocorre com todos os filhos, que se constituem inspirados pelo afeto e desejo de seus pais, por isso os filhos adotivos se assemelham aos pais não biológicos. Esse fenômeno segue vida afora, e a cirurgia plástica, com seus poderes de transformação, algum dia acabaria herdando a sina desse feitiço, que levado a extremos causa horror. O bisturi é o instrumento mágico que representa o fato e a fantasia de que nos transformamos pelo olhar dos outros. Se um artista é aquele que melhor desvela as fantasias, só podemos por isso agradecer ao Almodóvar. Além do Banderas.

O precipício de cada um

No alto da montanha não tive a sorte de Moisés, não recebi nenhuma mensagem divina. Mas sem dúvida encontrei algo grande: o pânico. A paisagem era de tirar o fôlego. Para os outros turistas do meu grupo, aquele era um momento de deleite, para mim, uma cilada. No topo, enquanto os outros tiravam fotos e procuravam novos ângulos para contemplar a maravilha, fiquei encostada na parede de pedra, sem olhar para baixo, refém das golfadas de medo. O precipício me sussurrava ameaças de morte. Sem opção, tive que descer com a ajuda paciente de companheiros de caminhada. Desci sentada, vexada, prometendo nunca mais ignorar essa covardia.

O medo de cair afeta alguns e é irrelevante em outros. Muitos têm a tranquilidade de deixar os olhos passearem além do parapeito, da beira. Parece óbvio, qualquer um teria direito a esse prazer. Afinal, se você estiver apenas olhando e não mexer nenhum músculo, obviamente não cairá. Meus sentidos negam-se a essa conclusão lógica.

O sonho de queda no vazio é um clássico da vida onírica, todo mundo alguma noite despencou numa visita ao pesadelo da vertigem. Por sorte, o despertar sempre ocorre no limite do encontro fatídico com o chão. Acordamos suados, coração acelerado, os olhos em busca de âncora. A escuridão do quarto é macia quando emergimos de um pesadelo. Esse tipo de sonho ocorre porque a angústia, sentimento universal, se parece muito com a vertigem.

Para o angustiado não há nada nem ninguém que garanta sua segurança, muito menos ele próprio. Crises de pânico são grandes ondas de angústia e, mesmo que pontuais, aparecem alguma vez na vida de todo mundo. Elas são experiências de desamparo, nas quais se fica indefeso como um recém-nascido. Tudo se apaga, ficamos à mercê de um perigo difuso mas intenso, reféns do próprio corpo. Só sabemos do medo de que o coração pare ou dispare, da pele sensível que se crispa a qualquer toque. Cabelos eriçados, olhos cegos, ficamos tontos, nauseados, imobilizados, presas fáceis da morte. Nesse momento, o corpo é

“ele” e o pensamento é “eu”, não somos a mesma coisa.

Nas alturas, em pânico, não vejo a paisagem, o vazio parece ditar ordens ao meu corpo. E chama, pede que me entregue, balance, afrouxe as mãos que me prendem à rocha, coloque o pé num lugar errado. O perigo que ameaça àqueles que têm medo de altura é interno, não é terremoto nem deslizamento de terra. É o medo de ir ao encontro da morte, movidos por uma força maior que não dominamos.

Invejo a sorte dos senhores do seu equilíbrio, a quem a vertigem não lembra quão sutil é o elo que nos liga à vida. Para não me sentir injustiçada, consolo-me em acreditar que o medo de se deixar cair é apenas uma das formas pelas quais a morte se insinua a cada um. A consciência da fragilidade da vida é universal, cada um tem a sua. Você não?

Mãe só tem uma?

“Família, família. Papai, mamãe, titia. Almoça junto todo dia. Nunca perde essa mania.” Certos os Titãs ao descrever a família como uma teimosia da humanidade, pois, se há uma instituição que resiste às mudanças sociais, é a família em sua forma clássica, heterossexual, nuclear. Mas dentro desse dinossauro vêm-se gestando várias novidades, de forma lenta e sistemática. Em função delas, de tanto em tanto, é preciso acordar e perceber que, sob o manto tradicional da família, muita coisa já está diferente.

Urge ampliar nosso vocabulário, anote nas margens do seu dicionário as expressões: “união homoafetiva estável”, “família monoparental”, “filiação afetiva”, entre tantas outras que você vai ter que aprender a usar. Já tornou-se necessário repensar o formulário da certidão de nascimento das crianças, pois os campos destinados ao nome do pai e ao nome da mãe não absorvem bem as variantes que a família está assumindo. Nada é tão simples como se acreditava, a função materna não equivale à feminilidade, enquanto a paternidade não precisa ser exercida por um macho; há famílias com duas mães, com uma só, com pai nenhum, com um ou dois pais...

Desde que o mundo é mundo existem outras formas de organização familiar às margens da suposta normalidade, é o caso das famílias clandestinas, das mães solteiras, dos filhos de adolescentes criados como irmãos, dos casamentos de fachada. Porém, prevalecia uma rígida convenção do que era certo e errado, cabendo a algumas mulheres e aos homossexuais o papel de guardiões solitários e envergonhados de tudo o que fosse diferente do padrão.

“Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar. Que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre sempre acaba”, escreveu Renato Russo. E eis que as graduais modificações que foram ocorrendo na intimidade agora pedem jurisprudência, registro, debate, reconhecimento na escola, no convênio, na herança, questionamento de direitos e deveres. As mulheres não estão mais dispostas a arcar com seu “mau passo”, escondendo o nome do pai de seu filho,

ou até uma família inteira para que a reputação de seu homem não fosse maculada. Esperava-se que homossexuais e solteiros se conformassem à condição de exilados dos vínculos familiares e não pretendessem a parentalidade ou o casamento. Não foi o que ocorreu.

Para os apocalípticos, que anunciavam a instalação de uma suruba cósmica decorrente da liberação do amor e do sexo, a história havia reservado uma curiosa revanche: a família tornou-se uma reivindicação universal. Em vez de destruí-la, a liberdade conquistada a ampliou, reafirmando sua força e perenidade, sua mania de existir.

“Mudaram as estações, nada mudou. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu. Tá tudo assim, tão diferente”, cantava Cássia Eller. Ela estava certa: depois de sua morte, sua companheira assumiu legalmente a guarda do filho da cantora criado por elas.

Provas e provações

Para mim já acabou, como criança que fui e até como mãe, mas doeu nas duas pontas. São as incertezas do fim do ano escolar, o medo de não passar, da opinião do professor, a necessidade de provar o que não temos certeza se sabemos ou se, caso saibamos, conseguiremos demonstrar.

Todas as professoras de matemática que tive foram uma provação, sua matéria continua até hoje insondável para mim. Uma delas recentemente encontrou minha mãe na rua e, ao ser informada de que eu não havia fracassado na vida, não pôde conter sua surpresa: “Então ela deu em alguma coisa!”. Como se vê, não fui aluna muito promissora nesse quesito.

Assim como ocorreu comigo, creio haver muitos alunos que não são eficientes em todas as áreas, que encontram dificuldades em exatas ou humanas, ou mesmo são atrapalhados para se adaptar à sala de aula, sendo agitados ou sonhadores. Por vezes, há algum problema com o aluno, mas, sem dúvida, quando se trata de aprender, não cabemos todos na mesma forma.

Para que alguém possa aprender, é preciso que haja algum espaço para a curiosidade, que as dúvidas não sejam atestados de ignorância, que o envolvimento do docente seja visível. Se não for assim, a única coisa que estará sendo testada nas provas é a obediência, a capacidade de disponibilizar o cérebro para ser preenchido pelo pretensamente sábio superior hierárquico. Dar-se bem, nesse caso, prova que o aluno não se opõe a ser influenciado e formatado pelo seu mestre.

Com muita frequência, graças à competência de professores e escolas, isso tudo funciona. Porém, por vezes, crianças e jovens se fecham frente aos ensinamentos dos pais ou professores para se proteger de uma invasão imaginária, ou talvez porque haja outro assunto relevante que precise ser digerido. Também pode ocorrer que sua natureza penda radicalmente para outra forma de aprendizagem, que um campo de saber lhe seja mais permeável, enquanto o outro seja hostil e estrangeiro. Cada professor prefere um tipo de

aluno e vice-versa, o resto é desencontro.

Ignorando tudo isso, certos mestres se regozijam com a autoridade de que gozam, intimidando seus alunos, principalmente aqueles com maiores dificuldades. Infelizmente conheci alguns desses. é uma covarde glória do forte sobre o fraco, que no final do ano vive sua apoteose de poder. Felizmente esses são poucos, e graças a isso, no fim das contas, acabei não dando tão errado assim. Apesar de nos meus pesadelos os carrascos da SS terem a cara de certas professoras de matemática.

p.s.: Tenho uma irmã (política) que é professora, entre suas inúmeras paixões pedagógicas está a de ensinar matemática para atrapalhados como eu, adora casos perdidos. Como se vê, a categoria também conta com suas fadas!

Uma verdade inconveniente

Quando se está apaixonado, há coisas que simplesmente não se está a fim de entender. Essa é a ideia que fica quando lemos um livro escrito por Greg Behrendt e Liz Tuccillo, roteiristas de *Sex and the City*, chamado *Ele simplesmente não está a fim de você*. O texto, simples e rápido, sublinha repetida e insistentemente nosso hábito de recobrir amores frustrados com milhares de desculpas e explicações.

Os relacionamentos que o livro fulmina são do tipo que não deslancha, bastante comuns, nos quais nos sentimos desvalorizados e desrespeitados. Podem ter durado uma ou duas noites, mas nos custarão dias, horas, semanas, meses, pensando ou discutindo qual é a melhor estratégia para desentocar o ser amado.

Vai ver que ele “está com medo da mulher independente que sou”, ou “está num momento difícil de sua vida”, ou ainda “não usei a estratégia certa”, quem sabe está “traumatizado depois de um relacionamento problemático”. Arrolamos todas as hipóteses complexas e necessárias, só para não pensar na possibilidade mais óbvia: a de que essa pessoa não prestou muita atenção em nós, ou não somos seu tipo, ou que o encontro pode não ter sido marcante o suficiente para persistir.

Essa máquina de produzir explicações não é burrice, é pura onipotência. Quanto às mulheres, iniciadas nas artes da sedução, historicamente preparadas para focar sua vida nessa tarefa, estão com dificuldade de abandonar antigas e superadas missões. Como mulheres-orquestra capazes de tocar todos os instrumentos, costumam agir como se tudo dependesse unicamente das táticas e estratégias da sua abordagem. Essa obstinação ignora facilmente que as relações são como uma sinfonia, da qual só tocamos uma parte, e o diabo é quem rege. Na melhor das hipóteses temos metade do capital, o resto fica por conta do sócio.

Depois de tantas batalhas passamos a crer que podemos, sozinhas, gerenciar

isso também. Em vez de lucrar com a liberdade adquirida, nesse aspecto o conquistado poder feminino parece ter trazido mais um inútil grilhão: a obrigação de organizar, sozinhas, a viabilidade de um casal. Vã ilusão, o amor não obedece a critérios racionais e se escorrega ainda mais facilmente de quem tenta subjugar-lo. Mimados por séculos de supremacia, habituados a tanta soberba, tem sido curioso ver os homens somando-se a esses padecimentos, tontos de tantas ruminações infrutíferas.

A regra básica número um é que não há regras nos encontros e desencontros amorosos, e generalizações não funcionam. Mesmo uma mulher sendo inteligente, linda e realizada, alguém chato e feio pode não se sentir atraído, quando deveria agradecer aos céus a oportunidade. Mesmo um belo homem, espirituoso e bem-sucedido, pode sofrer com inúmeros desencontros, desprezado por quem não lhe chega aos pés.

Alguém pode passar uma vida do lado de outra pessoa porque ela tem um cabelo que lhe cai de certa forma. Há os que só amam estrangeiros, ou os que se interessarão pelos que praticamente cresceram juntos na mesma rua; há os independentes, enquanto outros dependerão um do outro até para trocar o papel higiênico. Relações podem ser feitas de silêncios ou de intermináveis negociações verbais. Há amores que se temperam de traições de ambos os lados, outros necessitam de exclusividade, assim como também podem sentir-se satisfeitos os que se beneficiam da inapetência sexual do parceiro, sem contar o crescente número dos (homens e mulheres) que realmente não querem uma relação estável. Poderia citar por séculos as variações combinatórias possíveis, mas o importante é lembrar que a liga amorosa depende de caprichos da alma que são incompreensíveis. Existem poucas coisas mais rebeldes ao controle do que o apaixonamento, tão imprevisível quanto talvez só mesmo a morte.

O livro é muito tolo, entre outras coisas, porque retrata mulheres obsessivas com isso, buscando homens que são um estereótipo de bom-mocismo e não aceitando nada diferente disso. Como se elas não soubessem ser também, total ou parcialmente, egoístas, inadequadas e infiéis. O que nos resta é a regra básica número dois: se um relacionamento ou um encontro gastar mais saliva do que tempo de convivência, deve ser reconsiderado. Ponto!

Flocos de solidão

Dizem que em 1984 nevou em Porto Alegre. Dizem, porque não vi. Não foi daquela vez que conheci a neve, na ocasião minha descoberta foi a solidão. Era o primeiro dia de estágio obrigatório em uma área na qual eu não tinha interesse. Fui admitida de favor em uma empresa que aceitou a estagiária mais desmotivada do mundo. Sem saber o que fazer com a recém-chegada, puseram-me em um cubículo sem janelas com uma enorme pilha de folhetos para classificar. Bateram a porta depois de informar o horário do fim do expediente. Na hora da libertação, no elevador da firma, todos falavam excitados sobre a neve que viram das janelas, e alguns desceram para tocá-la. Minha desolação não podia ser maior. Na época não havia celular, muito menos rede social, e ninguém na empresa lembrou ou sabia que eu estava lá. Não havia um colega para avisar a estagiária reclusa do fenômeno.

As facilidades tecnológicas de comunicação que temos são frequentemente acusadas de promover exibicionismo e certa falsidade afetiva. Superconectados, não faríamos mais do que mascarar o isolamento. Discordo: a verdadeira solidão consiste na inexistência de comunicação, ainda que virtual, exígua. Mesmo que no cubículo estivesse a pessoa pior relacionada do mundo, certamente teria sido informada dos flocos rarefeitos, esparsos, mas festejados pelo seu caráter surpreendente.

Solidão é ausência absoluta de diálogo, nem que seja imaginário. Não basta ver a neve, para entendê-la é preciso poder contar isso para alguém. Seria suficiente uma frase, enviada a míseros dois contatos virtuais.

Certa vez, referindo-se a uma paisagem que a impressionou em uma viagem, a escritora Virginia Woolf escreveu que a beleza era tanta que se tornou indescritível. Isso lhe parecia insuportável “como se a natureza tivesse me dado seis pequenas navalhas para fatiar uma baleia”. Em viagens, às vezes fotografamos um cenário assombroso esperando que a imagem, depois de capturada, nos balbucie algumas palavras.

Quando se atravessa uma experiência de dor, a solidão é uma crueldade, mas também nos momentos belos é preciso dizer para crer. Ao ver a neve ou a paisagem inusitadas, carece dividir isso com alguém para entendê-las. Naquele dia ninguém partilhou sua neve comigo.

A solidão é algo muito maior do que a ausência de amigos, família, colegas. Quando ela se apresenta em toda sua dimensão, absoluta como ocorre em certas vidas ou momentos, ela é principalmente uma forma peculiar de silêncio. Frequentemente precisamos dizer para pensar. As diversas formas virtuais de comunicação funcionam como interlocutores imaginários. São antídotos contra a impessoalidade das cidades, onde é fácil sentir-se invisível, transparente. Nesse sentido, as redes sociais, tão amadas quanto criticadas, acabam sendo imprescindíveis. Todo tipo de encontro é válido, sempre é muito melhor que nada.

Perder-se no outro

Amar é despersonalizar-se. Aos nossos ouvidos isso mais parece palavrão. Deveria ser assim: se escolheria, na hora em que bem se entendesse, alguém que casasse com nosso modo de ser; uma vez encontrado aquele que se moldasse ao nosso desejo, ficaríamos com ele tanto quanto nos conviesse. Além disso, a separação não deveria nos destruir, depois de cada fim poderíamos voltar a ser sós e disponíveis, sem maiores traumas, abastecidos de mais um rico recurso pessoal. Quanta idealização há nessa pretensiosa fantasia contemporânea!

Na contrapartida disso, está a imagem que fazemos das relações estáveis: uma pessoa confinada à outra ao longo de uma vida interminável. Seriam então previstos, para viabilizar esse sistema, a anulação de uma ou ambas as partes às necessidades do matrimônio e o inevitável empobrecimento que disso decorre. Também não é bem assim.

Não gostamos de admitir que nos identificamos uns com os outros, sejam amantes, parentes ou amigos. Quanto mais amorosamente envolvidos estivermos, mais parecidos com eles ficaremos. Mas odiamos admitir que precisamos deles! Concebemo-nos como autoengendrados, gostaríamos de acreditar que o que conseguimos na vida é livre da influência da família, de amores e amigos, pois é admirável ser independente, desligado. Por isso é atraente imaginar que amores sejam experiências descartáveis.

Claudia Tajes escreveu uma bem-humorada caricatura disso: *Louca por homem (Histórias de uma doente de amor)*. Os episódios da atribulada vida amorosa da personagem são variações sobre o mesmo tema: amar é mimetizar-se. Graça é uma professora de geologia, meio desmiolada, que se apaixona perdidamente por sucessivos homens, totalmente diferentes um do outro, transformando-se a cada relação. É uma amante camaleônica, uma mulher-zelig (*Zelig*, o filme de Woody Allen sobre um homem que muda assombrosamente para ser aceito).

Depois de cada uma dessas jornadas amorosas, ela sai com uma característica do amado recém-perdido incorporada a sua personalidade. Assim, quase se

converte ao judaísmo, fica obcecada por limpeza, descobre a poesia, o prazer de fumar, o sexo tântrico, há a fase dos bares, dos esportes e assim por diante. Ela se cura dos aspectos obsessivos de cada um desses amores, mas herda algumas capacidades ou qualidades adquiridas nessas relações. Como qualquer um de nós, a professora em questão precisa sair da casa dos pais, sentir-se segura para conquistar um lugar no mundo, e consegue isso viajando por vários braços masculinos. Dessa volta ao mundo em 11 paixões, descritas no livro, ela retorna transformada e transtornada.

Mesmo que a pessoa amada seja muito parecida conosco, a relação sempre será uma terra estrangeira onde aprenderemos novos costumes, um amor sempre nos legará alguma coisa diferente, um novo paladar, hábito ou modo de ver a vida. Não adianta fazer cara de esfinge: de cada encontro sairemos marcados, assim como deixaremos os vestígios de nossos dentes na personalidade daqueles que se aventurarem dentro de nós. Amar é transitivo.

Testrálíios

A coragem de enfrentar temas espinhosos na literatura dos mais jovens certamente foi um dos importantes ingredientes da receita de sucesso da saga de *Harry Potter*. Destaco três: a tristeza, a solidão e a morte. Numa passagem do quinto livro, encontramos a alusão a certo tipo de cavalo alado que exemplifica muito bem essa abordagem de J.K. Rowling. São os Testrálíios: equinos feios, com uma cara draconina, corpo esquelético e olhos vidrados. Além de serem inteligentes animais de tração, possuem a característica particular de só poderem ser vistos por aqueles que já encararam a morte. Harry Potter, que presenciara a morte dos pais e de seu amigo Cedric, pode enxergá-los, enquanto para seus amigos as carruagens da escola parecem andar sozinhas.

A ficção antecipa verdades aparentemente incompreensíveis da nossa alma, eis um exemplo. De fato, a percepção daqueles cuja vida a morte roçou com seu manto é radicalmente diferente da dos outros que não tiveram essa má sorte. No livro, os alunos de Hogwarts comentam a crença de que esses animais fantásticos dariam azar, mas o professor os esclarece que sua visão não é prenúncio, é consequência. Também é por essa confusão que muitas vezes, em nossos tempos obcecados pela eternidade juvenil, os idosos são tão mal tolerados. Considerados agourentos pela sua proximidade com o fim, na verdade apenas demonstram com sua presença que a vida tem um prazo.

Há várias formas de presenciar a morte e possuir uma relação estreita com sua existência. É preciso ter sofrido alguma doença potencialmente letal, ter perdido alguém essencial ou viver um momento dramático de guerra ou catástrofe. Essa experiência nos divide em duas categorias: a dos que possuem uma relação apenas intelectual com a morte, afinal ninguém consegue ignorar sua existência; e a dos que já fitaram seus olhos vidrados. Ao longo da vida todos acabamos enxergando esses animais mágicos; quando espreitamos a escuridão que nos espera no fim do túnel, os Testrálíios já são um estado de espírito.

No filme, o jovem Potter conversa com uma menina que havia perdido a mãe,

é ela quem lhe explica o fenômeno. No livro é um pouco diferente, ele constata que outros alunos partilhavam suas percepções. Foi fundamental para Harry descobrir que não estava maluco, que não estava vendo coisas e havia outros como ele. A dor de uma morte pode nos deixar loucos, torna-se uma presença perene e silenciosa, é uma esquina virada na vida após a qual a paisagem nunca mais será igual. Resta aos outros, que possuem a felicidade de ainda não enxergar esses tristes mensageiros da morte, oferecer uma solidariedade respeitosa que minimize a solidão dos que sofrem.

Fezinha

Sou de natureza atea e incrédula, portanto não conto com o consolo da conexão com algo maior, com a possibilidade de esperar que alguma instância superior possa interceder a meu favor. Posso até tomar milhares de cuidados, mas não me iludo. Há um forte elemento de acaso. A morte e o sofrimento podem simplesmente aparecer quando bem entenderem. Tomada por essa ideia, sem perceber, criei e pratico uma espécie de brincadeira, um pequeno oráculo portátil que ajuda bastante. Acredite se quiser: são os sachês de adoçante.

Uso uma marca de adoçante em pó que vem em doses individuais, são pequenos envelopes cada um com uma cor diferente. O ritual é o seguinte: no café da manhã, devo pegar um deles na caixinha sem olhar (a fé é cega), e sua cor constitui o prognóstico do dia que me espera. Há cinco cores: roxo, azul, verde, amarelo e cinza.

Fui montando um sistema de interpretação no qual tendo ao bom prognóstico: os envelopes roxos significam um dia “excelente”, todos meus desejos serão viabilizados, nenhum acidente ou violência ocorrerá, tampouco uma doença se revelará ou matará a mim ou a qualquer das minhas pessoas queridas. Já os azuis e verdes, nessa ordem, são dias respectivamente “muito bom” e “bom”, nada ruim é esperável nem excepcionalmente ótimo. Assim está bem, é agradável ver desenrolar-se a rotina, a cadência de um cotidiano eficiente. O amarelo significa um prognóstico “regular”, uma sombra de preocupação. Somente o cinza pede muita cautela, perigo no ar, frustrações ou tristeza à vista. Como se pode observar, em cinco possibilidades, só uma é ruim. De posse desse pequeno prognóstico, em geral alentador, reúno a coragem matutina suficiente para enfrentar o desafio da jornada diária.

Embora não fosse consciente disso, acabei descobrindo que a brincadeira não era sem sentido: pertenço a uma família de diabéticos, meu avô morreu antes de ficar velho, incapaz de respeitar a abstinência alimentar exigida pela doença. Para mim, o açúcar era um grande vilão, era ele o culpado pela sua ausência.

Sem perceber, associei minha brincadeira mágica a uma providência prática: substituir o açúcar por adoçante.

Afinal, trocando em miúdos, não se tratava de uma aposta cega na sorte! Talvez, no fundo, ela não exista. Toda fé, superstição ou crença incluem seus ritos. Reverenciam-se homens santos, reza-se, fazem-se oferendas, pensamentos positivos, rituais. Sempre é uma revolta ativa contra a passividade à qual a morte nos condena. Ela vem quando quer, mas não morremos sem lutar.

Elegi o açúcar como um vilão que me sentia em condições de enfrentar. Sem contar que ainda tinha a vantagem de me sentir mais corajosa que meu avô, não claudicando frente ao canto de sereia da glicose. Sempre temos uma silenciosa competição com nossos antepassados, não basta herdar, temos que superá-los.

Com tantos benefícios acumulados no pequeno gesto de sortear o envelope, me arvorei ao direito desse otimismo infundado, onde de cinco possibilidades tenho quatro bons prognósticos. Quem dera a vida fosse assim, passível de controle! Ainda bem que algo do pensamento mágico, próprio da infância, sobrevive para que possamos brincar de esperança. Nem que seja recorrendo a pequenos truques.

O gato e a montanha

Quando vejo certas entrevistas feitas a personalidades, fico fantasiando o que aconteceria se algum dia eu fosse suficientemente importante para que me perguntassem sobre meus gostos. Qual seria meu livro preferido, filme, prato, palavra, lugar? Respondendo mentalmente à entrevista que nunca me fizeram, costuma dar branco total. Não lembro nada que li, nenhum filme especial, comida, sei lá. Nada a declarar.

Mas esses dias respondi a uma dessas perguntas, numa mesa com amigos, sobre o livro que levaria a uma ilha deserta (aquela ideia de que só se poderia levar uma coisa de cada). Dessa vez, ocorreu-me uma resposta: *A montanha mágica*, clássico do escritor alemão Thomas Mann, publicado em 1924. O livro é sobre um engenheiro que vai parar em um sanatório para tuberculosos, do qual não se anima a sair, embora não esteja propriamente doente. Quando fui justificar a escolha, não me ocorreu nada sobre o conteúdo da obra nem sobre seu estilo, mas sim sobre a quantidade astronômica de tempo que levei para lê-la. Sou leitora lerda e dispersiva, por isso leio muito menos do que gostaria.

Na época da leitura da “montanha”, na minha década dos 20, eu tinha um gato chamado Koshka (até onde sei, essa palavra designa gato em russo). Como bom felino, ele acreditava ser o centro do meu mundo e via no livro de Mann um rival e tanto. Não porque eu de fato lesse muito, mas porque passava longos períodos divagando, com ele no regaço. Só que, na opinião do gato, meu colo era possessão sua.

Iletrado, Koshka não sabia que a maior parte do tempo eu estava só sonhando. Resolveu mostrar sua supremacia frente ao suposto inimigo: deixou-o impregnado daquele cheiro horroroso de xixi de gato. Não havia remédio, o exemplar foi para o lixo; tive que terminar a leitura num emprestado.

Folheando a obra anos depois, senti o mesmo tédio a respeito das longas discussões filosóficas das personagens que me ocorria na época. Mas minha empatia era com o sem sentido da vida daqueles enfermos, confinados em um

sanatório nas montanhas. No livro, o cotidiano reduzido às rotinas do corpo, onde quase nada ocorre, contrasta com grandes polêmicas e expressivas emoções. Esse paradoxo me engatava.

Eu entendia, e entendo, Castorp, o personagem principal, que não queria ficar bom, covarde para voltar à sua vida. Em certa cena, vê-se o protagonista distraído, atenção focada no braço de uma mulher atraente, providencialmente repousado na cadeira da frente durante uma palestra. A imaginação podia voar, seu dono estava seguro no retiro disciplinado do sanatório, pobre em fatos mas rico de pensamentos. No meu caso, a própria leitura desse livro funcionava como uma montanha mágica. Por longo tempo significou repouso, intervalo para pensar. Foi graças ao Koshka que sua natureza se revelou: marcando território, tratou o objeto como se fosse um lugar. Gato sabido, um livro é uma terra de sonhos, um lugar para divagar.

Mães de porta de escola

Na porta da escola das minhas filhas, incontáveis vezes escutei as outras mães combinando horários, prazos e conteúdo de trabalhos dos filhos. Também costumavam comentar resultados de provas, ou dificuldades em realizar determinada tarefa, como se fossem suas. São essas que chamo de “mães de porta de escola”. Isso sem falar nas feiras, exposições ou quermesses, para as quais eu sempre chegava com os itens solicitados mas saía com a sensação de que não era bem isso que havia sido pedido.

Participei como pude da gincana escolar de horários e tarefas a que os pais são submetidos. Estive presente nas apresentações musicais, de teatro, nas festas religiosas e pequenos espetáculos que frequentemente eram feitos no meio da semana e do expediente. Eu não era diferente da maior parte das mães que encontrei, que também trabalhavam. Todas davam seu melhor, mas sempre havia aquelas que pareciam estar sabendo de informações imprescindíveis, que nos faltavam. Pertenci à categoria das mães que, pela sua passagem apressada pela escola, pensam que estão em falta com a maternidade ideal, nesse caso representada pelas mães de porta de escola. A solicitude infatigável dessas, cujas boas intenções são indiscutíveis, é um pesadelo para mulheres como eu. Lembra-nos, às outras, que se sentem vexadas e omissas, de que o futuro do seu filho está nas mãos do desempenho escolar dele, para o qual não estariam contribuindo adequadamente. Esse problema termina no vestibular, mas começa cedo: inaugura-se com cada colagem de figuras de revista ou maquete de sucata do jardim de infância.

Os psicanalistas usam o conceito de “mãe suficientemente boa”, alcunhado por D.W. Winnicott. Gosto dele justamente pela palavra “suficientemente”, que é diferente de “plenamente” ou “totalmente”. Ele descreve a função materna e a forma como seu olhar e voz constituem a subjetividade do filho. Mas também evoca que são imprescindíveis os momentos de ausência da mãe, necessários para que se produza no filho o espaço para fazer sozinho o que ninguém pode

fazer por ele. O filho precisa empenhar-se em seu próprio trabalho de compreender o mundo a seu modo e a si mesmo como uma pessoa em particular, descobrir que ele continua existindo mesmo quando está só.

A todas as mães que se sentem em falta, gostaria de dizer que as mães de porta de escola até podem existir, mas elas são grandes mesmo é no nosso pesadelo. Neste, somos insuficientes em todos os territórios, na presença afetiva e na preparação dos nossos filhos para a disputa pelo prestígio que enfrentarão no futuro. Mães ocupadas de todo o mundo, uni-vos! E relaxem, vocês são boas mães. Um filho se constitui de presenças e ausências, a sabedoria nesse caso está na dose certa.

A pressa é inimiga da percepção

Numa concorrida estação do metrô de Washington, na hora do rush matutino, aconteceu algo inédito. Não foi evento casual, foi uma performance cultural cuidadosamente calculada para fazer pensar. Joshua Bell, um dos maiores violinistas do mundo, tocou divinamente como costuma, mas posicionado como se fosse um músico de rua. A consequência você já pode prever: ninguém parou para escutá-lo, embora ele tenha ganhado 37 dólares jogados na caixa do seu Stradivarius.

Trata-se de uma “obra de arte sem moldura”, comenta-se na revista *Piauí* (no texto “Pérolas aos poucos”, de Gene Weingarten). Poderíamos culpar a pressa, inimiga da fruição, que serve também para justificar a insensibilidade das mais de mil pessoas que passaram indiferentes ao apaixonado desempenho de Bell.

Há quase 200 anos, Andersen mostrou um fenômeno contrário, mas de mesmo sentido, em “A roupa nova do rei”. No conto, o público é chamado a apreciar o que não vê, mas finge que enxerga para não passar por burro na frente dos outros. Na apresentação do violinista, ninguém pode se deixar tomar pelo que o resto das pessoas também não está apreciando, porque a fruição da música vem em segundo lugar. Em primeiro vêm o contexto, a moldura.

Nossos valores estéticos são complementos de uma imagem pública, o que talvez influencie mais as escolhas do que os momentos de prazer ou os sentimentos e questões levantados por uma determinada obra. O mesmo ocorre com as casas, que, quanto mais finas, menos são para ser habitadas, como aquelas toalhinhas de lavabo, que não servem para secar as mãos, só para decorar. Escutamos as músicas mais populares, lemos os livros mais vendidos, assistimos aos filmes mais falados, enfim, dificilmente seremos pilhados como desinformados daquilo que “todo mundo” está apreciando. Até que nos façam de bobos, como foi no caso dos espertalhões do conto de Andersen ou da

performance de Bell.

Ciosos da autoimagem, dizemos aos quatro ventos que temos estilo, não nos atemos ao senso comum, vide nossos caprichos estéticos e artísticos. Hoje valorizam-se tanto o estar inserido quanto a originalidade, num evidente paradoxo. Há também os autodeclarados eruditos, que sempre tentam estar na contracorrente, sentindo-se contrários aos consumidores de cultura popular. Mas estes sofrem de cegueiras similares, também obedecem a seus preconceitos e procuram ater-se ao que vem com etiqueta de alta cultura. Uns e outros, independentemente do estilo, não enxergamos nada além da moldura. Essa é o olhar dos outros que nos veem vendo, escutando, assistindo, vestindo.

Precisamos trabalhar, é certo, mas também comprar, comparecer, transitar muito além das necessidades do ganha-pão. A pressa é outro dos nossos disfarces obrigatórios: aquele que anda devagar, parando para conversar, ver e ouvir, assim ao léu, sem lenço nem documento, é considerado um desocupado, um ser humano sem moldura. Joshua Bell estava trajando as roupas de um fracassado, seu palco era o daqueles que mendigam segundos de atenção, a serem pagos com míseras moedas. Quantas belezas perdemos de ver e escutar nessa mesquinhez do tempo e dos sentidos em que vivemos?

Hiperativos como o Coelho da Alice, nossa atenção fugidia é arrebatada pelo estímulo seguinte, sem que tenhamos terminado de apreciar cena nenhuma. Queremos ser e ter tudo, mas não paramos para pensar sobre nada. Quanto mais almejamos um lugar especial, mais nos massificamos.

Resta disso uma constante sensação de vazio, pois não há tempo para que nada nos preencha. Por isso, se o teatro for bonito e o ingresso caro, então os outros saberão que se estamos lá é por que somos alguém e poderemos prestar atenção no espetáculo. Pena, esquecemos que a beleza pode estar de boné tocando numa esquina. Mas não a notaremos, urge a pressa de sermos importantes.

Carta a M. sobre *Carta a D.*

Mário, recentemente acabei de ler o livro que recebeste de aniversário de teu amigo: *Carta a D.: história de um amor* (Cosac Naify, 2008). é uma carta aberta, um manifesto de amor duradouro, mas também o balanço final da relação de 58 anos de André Gorz com Dorine Keir. O escritor André era um judeu austríaco que viveu o intenso século 20, navegou pelas águas do existencialismo, do marxismo. Tornou-se uma das figuras inspiradoras das ideias de Maio de 68, foi um precursor do pensamento ecológico. Dorine era uma inglesa que iniciava uma carreira teatral quando se conheceram, acabou dedicando sua vida à parceria com o amado.

Nessa jornada, ela suportou os intermináveis períodos de escrita silenciosa dele, acreditou em sua obra na época em que era um desconhecido. Mas foi além disso: também fez contatos, organizou arquivos, colocou questões. Como estrangeiros, se estabeleceram na França e viveram plenamente seu ambiente político e intelectual, mas nunca se acomodaram. Foram pensadores inquietos, adiante do seu tempo.

Dorine adoeceu devido a um contraste que lhe havia sido injetado em um exame. Sofreu dores intensas e incuráveis durante décadas. Ele mudou sua vida para se adequar à fragilidade dela. A carta, escrita em março de 2006, é eloquente de um amor urgente, imprescindível, a princípio estranho num antigo casal de velhos. Nela está dito: “nós desejaríamos não sobreviver um à morte do outro”. E assim foi feito: em setembro de 2007, André e Dorine, já octogenários, decidiram que seria a hora do ponto final.

Indaguei sobre tuas impressões de leitura: disseste que o livro deixou-te um pouco inquieto com as palavras de André, o qual te pareceu demasiadamente autocentrado, pouco atento a Dorine. De fato, ele acabou chegando à conclusão de que não tinha motivos para se orgulhar do amor que dedicou a ela quando eram jovens. Por isso, a carta tenta fazer justiça à companheira. No final, reconhece-lhe os créditos, dedica a ela o tempo de sua maturidade e sua última

obra. Disseste que tua antipatia talvez se devesse à identificação com ele. Nada mais injusto, meu querido, pois quando li ocorreu-me o mesmo: também me senti parecida com ele!

Escrevemos juntos há tanto tempo que já nem sei como é pensar sem tua escuta. Cada um de nós possui focos, acervos e estilos diferentes, mas aprendemos a sintetizar, desenvolvemos a arte da intersecção. Quando Dorine queria casar-se, André questionou-a assim: “o que nos prova que em dez ou 20 anos nosso pacto para a vida inteira corresponderá ao desejo do que teremos nos tornado?”. A resposta dela foi linda. Disse que o que eles iriam tornar-se seria o resultado dessa convivência: “nós seremos o que fizemos juntos”.

Como eles, somos um casal de estrangeiros, talvez todos o sejam. Um amor é um lugar no mundo, funda-se um país particular, uma linguagem, um modo de habitar determinado espaço e tempo. Já faz três décadas que nos dedicamos a isso. Talvez nunca consigamos ser tão atentos um ao outro como gostaríamos, mas tampouco consigo pensar em viver sem ti.

O sótão

A morte de uma paciente aumentou meu sótão. Quando ela partiu — a idade a levou — fiquei em seu velório um bom tempo, em pé, perdida. Não sou da família, tampouco amiga, a única pessoa ali com quem eu falaria seria ela própria. Provavelmente comentaríamos a bonita despedida que estava recebendo, mas creio que ela sabia que seria assim. O problema é que fiquei com as lembranças que ela deixou em mim e sei que ela nunca mais vai buscá-las.

é assim com meu trabalho de psicanalista: guardamos milhares de histórias, personagens, sonhos, que em geral ficam ali, empoeirados. Não quer dizer que fico pensando nisso, aí não seria sótão, seria cristaleira: aquelas coisas que se tira o pó, usa-se em ocasiões festivas, olha-se de vez em quando. Sótão é para guardar as coisas que se tornaram inúteis, não se quer mais, mas tampouco ousaríamos jogar fora.

No último filme da série *Toy story*, o menino que é dono dos brinquedos protagonistas cresceu, vai para a faculdade e precisa liberar seu quarto. O destino dos brinquedos mais apreciados seria o sótão. Por peripécias da trama, eles se perdem, acabam descartados e encontram um destino feliz nas mãos de uma garotinha. Mas há uma pequena cena que deixa claro quem é o verdadeiro sótão: a mãe do rapaz. é ela que ficará com as memórias da infância dele, as quais serão buscadas, talvez, quando ele se tornar pai. Ela entra no quarto esvaziado, olha em volta, e mesmo num filme de animação é possível perceber seu desamparo. Provavelmente não era só o dela, era o meu que estava vendo, pois também estou com filhas crescidas, saindo das mais diversas formas. Atrás delas ficam brinquedos, livros infantis, pôsteres de filmes, cuidados maternos agora desnecessários. Definitivamente, os pais são o sótão dos filhos.

Memórias são diferentes de lembranças de viagem, álbuns de ocasiões festivas, que ficamos tentando mostrar para pobres pessoas que fingem que se interessam. Memórias são matéria de sótão, lugar destinado ao que já foi significativo, mas que não se usa mais. Onde colocar, por exemplo, as lembranças de um

casamento que acabou? São imagens e pensamentos que ficam na vã esperança de um resgate, como os brinquedos do menino teriam ficado se fossem para lá. Guardar tudo isso não é voluntário, nem mesmo útil, já que minha paciente não vai mais usar suas histórias e talvez meus netos nunca se interessem pelo playmobil que encaixotamos.

é engraçado que, amadurecendo, costumamos nos queixar de que ficamos mais esquecidos. Deve ser porque o sótão ocupa cada vez mais espaço. Mas pobre daquele que não o tem.

Homens-livro

Fahrenheit 451, cujo título alude à temperatura na qual os livros entram em combustão, sempre foi uma das minhas histórias mais queridas. Baseado nesse livro de Ray Bradbury, escrito em 1953, há também o excelente filme homônimo dirigido por François Truffaut, de 1966.

Bradbury projetou, para um futuro não muito distante, uma sociedade alienada, na qual a população idiotizada era mantida distante de qualquer coisa que pudesse gerar angústias, dúvidas ou tristezas. Uma sociedade de semianalfabetos, alimentados cotidianamente pela ilusão de participar de uma programação televisiva simplória e realista. Contentavam-se com metas medíocres, como a aquisição de objetos da moda, o aumento da capacidade de consumo, o cuidado com a própria imagem. Também se dedicavam à vida social baseada em conversas fúteis, principalmente sobre tevê. Para garantir um estado de espírito compatível com essa rotina bovina, tomavam remédios regularmente. Sentimentos e emoções eram proibidos, nenhuma manifestação artística era suportável. Os livros eram então caçados e queimados. Sobreviviam apenas como remanescentes clandestinos de um passado recente, quando ainda era permitido viver intensamente dores, amores, desejos, tristeza, raiva, culpa.

Qualquer evocação da nossa sociedade vinda da descrição anterior não é mera coincidência. Detalhe: nesse quadro montado pelo autor havia uma ditadura que submetia a população a horizontes tão estreitos. Bondoso da sua parte, pois já devia saber que entramos espontaneamente na fila dos pobres de espírito.

Nessa distopia de Bradbury, há um grupo de revolucionários que não são guerrilheiros ou resistentes no sentido clássico, eles apenas defendem a existência da vida interior representada pela leitura. Trata-se de homens no exílio, na clandestinidade, que se empenham na sobrevivência do acervo literário da humanidade. Eles decoram obras e se incumbem de contá-las e preservá-las. Cada um torna-se um homem-livro. Ao deserto daquelas mentes eles contrapõem seu apego à leitura. É interessante que a escolha da obra é feita por

cada revolucionário, que passa a “ser” esse livro, será identificado por ele, atenderá por seu nome, fará das palavras dele as suas. Existe melhor representação do tipo de relação que temos com nossas histórias prediletas?

Ler pode e deve ser prazeroso, não necessariamente nos faz felizes, mas certamente nos enriquece. A fruição solitária e portátil de um livro não requer instalações nem efeitos especiais. Basta a imaginação de outro ser humano, escrita no código de uma língua que conheçamos bem, e a viagem está garantida. Naquela sociedade, a leitura foi banida porque faz dos cidadãos seres pensantes. Todo aquele que lê complica as coisas, no bom sentido. Na resistência imaginada pelo autor, cada indivíduo carrega e preserva um pedacinho do acervo cultural da humanidade para fazer diferença no futuro.

A contraposição — que nessa história é quase caricatural — entre cultura e barbárie é verdadeira e profética. Em nossa sociedade hipocondríaca, “vidiota”, consumista e narcisista, mais livros fariam diferença. Talvez quanto mais homens-livro houvesse, menos homens-bomba seriam necessários. Estes terroristas terminais apostam no gesto decisivo da morte, nossos revolucionários literários despertam para a vida. Não serão necessárias tantas hipnoses, sejam midiáticas, narcóticas ou fundamentalistas, se tivermos menos medo do que somos. E você, se pudesse salvar um livro da destruição, já pensou qual seria?

O preço da genialidade

“As crianças são as mensagens vivas que enviamos a um tempo que não veremos”, escreveu Neil Postman. Nelas fazemos as maiores apostas, delas esperamos feitos significativos. Outrora funcionava assim: homens importantes construíam grandes nomes. Havia um patriarca, que era como um guarda-chuva que abrigaria as gerações vindouras. Hoje quem quer ser importante investe pesado no aperfeiçoamento da sua prole. Nos vemos nos sucessos ou fracassos de nossos filhos. Antes não era melhor nem pior, só que era ao contrário. Sabemos que tudo o que fizemos ou pensarmos influenciará em seu destino e nunca tivemos tanto medo de errar.

Não é à toa que os gênios não param de marcar presença na ficção contemporânea. Uma vasta linhagem de superdotados nos lembra de que não poupamos expectativas para garantir que as crianças recompensem os esforços educativos com sua genialidade. Para lembrar alguns clássicos mais conhecidos da turma infantil: temos a endemoniada Matilda (do livro de Roald Dahl, transformada em filme por Danny DeVito); Franjinha, o cientista genial da *Turma da Mônica*, hoje atualizado por Jimmy Neutron; a brilhante Lisa Simpson; o filme de Jodie Foster *Mentes que brilham*. Entre os jovens e adultos, a lista é também vasta, para exemplificar: *Uma mente brilhante*, *Gênio indomável*, *Prenda-me se for capaz*, *A rede social*, além da hacker sueca Lisbeth Salander, da saga *Millenium*, representando o protagonismo feminino.

Embora admirados, em geral eles são nerds, malucos, isolados, franzinos e descontextualizados pelo seu excesso de inteligência. Aquilo que mais se deseja para um filho também é de certa forma temido. Em primeiro lugar porque, quando um filho supera enormemente seus pais, fica difícil reconhecer-se nesse descendente. é como se fosse um prêmio na loteria genética que os pais não têm certeza de ter merecido. Além disso, teme-se o que estaria vendo ou pensando aquele que vai além do convencional, o encontro com essas inteligências tão valorizadas é sinistro, como se eles vissem os defeitos dos “normais” no raio X.

Quando um tema insiste, sempre revela algo que estamos tentando entender, elaborar. Esses gênios da ficção são a caricatura da criança moderna, cujo potencial parece ser tão ilimitado quanto nossa capacidade de investimento. São também as provas de que alguém pode desenvolver-se de forma bizarra a fim de realizar o sonho dos pais.

Criamos gênios do detalhe, que, para dar conta de uma especialidade, ignoram o resto do mundo. A tarefa de se tornar a grande obra de outrem pode fazer alguém capaz de verdadeiras proezas matemáticas, informáticas ou linguísticas, porém incapaz de ter um amigo. O resultado é um “filho-chester”, ave que mal se locomove mas tem um grande peito comestível.

Os gênios malucos são ao mesmo tempo o sonho e o pesadelo dos pais de hoje. A perfeição em determinada área pode representar uma ignorância absoluta do contexto. Afinal, é por saber que o desejo dos pais é inatingível que conseguimos adaptar algo de seus sonhos para uso pessoal. Para tanto, temos que admitir que será necessário desiludi-los, contrariá-los, até mesmo se tornar indiferente àquilo que nossos antepassados fantasiaram para nós.

Quando uma mente brilhante conquista seus méritos, é bom perguntar-se: a que preço? é por isso que na ficção cada vez fica mais claro que superdotados não são super-heróis, são gente que sofre com o tanto que pensa, com o tanto que se espera deles. Pena que muitas vezes os pais se esquecem dessa lição que as histórias de fantasia estão tentando lembrar. Felizmente já descobrimos que somos frágeis, que a loucura e o fracasso vêm da mesma fonte de onde provém o tão cobiçado sucesso. Os genes e a educação podem ajudar, mas é a negociação entre as expectativas de pais, filhos e professores que vai decidir o destino de uma inteligência, seja ela do tamanho que for.

Confissões de uma centopeia

Quando menina, adorava histórias de pioneiros americanos e sua vida difícil. A compra de um tecido, de uma fita, um instrumento, uma boneca era ocasião rara e comemorada. Aquela vida espartana, em cujas páginas gostava de me aninhar, parecia valorizar os objetos com os quais se convive. Aqueles puritanos precisavam de tão menos coisas do que nós! Sentia o aconchego da justa medida, de um tempo em que se era livre da necessidade de consumir. O vasto acesso a uma infinidade de objetos cansa: o que parecia possibilidade torna-se compulsão, é o feitiço que acaba dominando o feiticeiro.

Possuo muito mais sapatos do que necessito: fosse uma centopeia, estaria abastecida. Certa vez, discutindo o porquê dessa fascinação por calçados com uma amiga, ela observou: “O sapato é a única peça do vestuário que mulheres de qualquer silhueta podem comprar!”. Matou minha charada, ela tem razão: o calçado serve para todas, sempre cai bem, sejamos mais ou menos afortunadas pela beleza. Se a democracia dos pés é uma realidade, conclui-se que, mais do que de sapatos, gostamos é de poder comprar.

Homens trocam carros que ainda estão ótimos; os celulares são os sapatos dos adolescentes; crianças acumulam tantos bonecos ou carrinhos que se atrapalham para brincar; idosos são vítimas dos canais de compras. Lembro-me de uma filha que vivia com os pais velhinhos e tremia cada vez que soava o interfone, alguma encomenda estapafúrdia estava chegando! Eles compravam óculos 3D, aparelhos de ginástica espaciais e objetos para a cozinha que preparariam jantares na Casa Branca se necessário.

Não faz diferença o número que se veste, a idade ou sexo do consumidor, a publicidade sempre tem algo a oferecer. Sereias cujo canto nos fascina, comerciais e lojas parecem traduzir nossos desejos, sempre tão difíceis de compreender, em objetos passíveis de compra. Nunca sabemos bem o que queremos ser ou ter: a quem, como e quando amar, como trabalhar, como descansar, de quais prazeres usufruir, como fazer para ser admirados.

A pergunta do gênio da lâmpada é sempre angustiante: quais seus desejos? Em termos de consumo, fica mais fácil de definir: as crianças, os amigos-secretos e parentes são instruídos a pedir algo em datas festivas, ocasiões em que felicidade e amor se materializam, parecem compráveis. Não são, por isso nos frustramos tanto.

Consumir é uma satisfação que pede sempre mais. Como todas as ilusões, essa ideia de que — mesmo por um instante — é possível saber exatamente o que nos faz falta acaba sendo um alívio provisório. Mas, como um vício, só funciona se não parar. Quando o objeto está em mãos, o vazio já se instala. Compras só adiam a insatisfação, que ruge mais forte quando provocada. O consumo é o ópio do desejo, entorpece o que realmente nos move. Enfeitiçados pelo canto das compras, ignoramos nossos verdadeiros desejos. Estes só se expressam se tivermos coragem de enfrentar, com angústia, a pergunta verdadeiramente genial: afinal, o que mesmo você quer?

Cobertor de orelha

Com os acordes dos primeiros frios começa a sinfonia das relações estáveis... Até que o verão os separe. Da mesma forma como é preciso trocar as roupas do armário, subindo biquínis e descendo cachecóis, surge o discurso de que é a boa época para namorar, tomar um vinho e ver filmes embaixo do cobertor, de preferência um cobertor de orelha.

Quem escuta essa conversa acha que mandamos em nosso coração, que poderíamos adequá-lo de forma a melhor fruir os encantos de cada estação. No verão, recomenda-se a liberdade dos corpos à mostra, convidando a experimentar tudo e todos, no inverno o recolhimento da intimidade.

O clima afeta o humor, dias sombrios tendem à introspecção, enquanto o bom tempo propicia a sociabilidade. Mas não somos vegetais para florescer e fenecer conforme a posição solar, por vezes cultivamos até o oposto do esperado. Eu, por exemplo, fico bem-humorada em dias nublados. Quanto ao amor, certamente não nos tornaremos dedicados, fiéis e tolerantes com alguém só porque é inverno lá fora.

Constituir uma relação estável é complicado e não muda conforme a época, como o seletor de temperatura do ar-condicionado. Namoramos quando se impõe a necessidade de escolher alguém, fora da família, com quem estabelecer um vínculo prioritário. Um amor estável é aquele que é tão forte quanto o que há entre pais e filhos, mas que rivaliza ou substitui esse amor primordial. Por isso o amor se impõe tiranicamente na adolescência, quando precisamos acreditar que há vida fora do *bunker* familiar, que há oxigênio lá fora.

Já quando a necessidade de seduzir e de ser desejado por pessoas diversas é mais importante do que a manutenção de um laço, apenas “ficamos”, sem nunca realmente ficar com ninguém. Também, quando os vínculos com pais e irmãos são insubstituíveis, ou quando nossa família é tão sufocante que acabamos com urticária de gente pendurada, evitamos relações estáveis. São os casos de *overbooking* de afetos. Isso só para abranger alguns casos, entre milhares de

alternativas. Como se vê, o clima é uma variável decididamente menor.

Mas adoramos achar que decidimos livremente e de fato temos escolhas, nada nos impede de casar, separar, transar, ficar, morar junto. Somos livres dos grilhões visíveis, mas não dos invisíveis desígnios do inconsciente. O modo de amar é nosso sintoma mais difícil de debelar porque é o encontro de duas cabeças que produzem uma só sentença, que ambos juram que é do outro.

Amar é terceirizar nossa neurose. Compreendendo-se neurose pelas manias, pelos sentimentos despropositados, pelas escolhas inexplicáveis que fazemos, por tudo aquilo que parece condenável, egoísta, burro e irracional, ou seja, muita coisa. Terceirizar, ou seja, delegar e contratar um terceiro para desempenhar uma tarefa ou papel que nos cabe, é prática do mundo dos negócios que muito se utiliza na vida amorosa.

O outro sempre nos influencia, não porque sejamos dóceis e manipuláveis, mas porque aproveitamos suas soluções para nossos problemas. Se o amado é autoritário, posso me comportar de maneira infantil; se é ciumento, posso ser promíscua pelo menos na fantasia dele; se é dependente, posso ser maternal, e assim por diante. A alienação amorosa é completa: não sabemos por que escolhemos alguém, ignoramos para que ele nos serve e ainda acreditamos que é dele que emanam nossas razões. E é justamente aí que mais fantasiemos estar escolhendo.

Se você aproveitar o inverno para namorar, não culpe o termômetro. Algo o convenceu a dependurar as chuteiras da conquista no cabide ao lado da lareira. Se sua opção é por uma forma de calor que não discute a relação, fique tranquilo, mesmo no inverno você não ficará fora da moda da estação.

Loira burra

Sempre me incomoda pensar que a mulher mais desejável é também considerada a mais desprezível: a loira burra. Essa gostosa estereotipada é um poderoso reduto de preconceito e discriminação. A loira burra é um pesadelo para as próprias loiras, exaltadas e destruídas numa só tacada. A quem serve o cultivo dessa caricatura feminina? Estamos somente diante de um novo e disfarçado alvo para o machismo nada enrustido?

A loira burra é depositária de preconceitos que cercam o próprio gênero feminino. Desde os gregos, os fisicamente avantajados são considerados proporcionalmente privados de inteligência, como se houvesse uma contradição entre atrativos sexuais e pensamento. Se os encantos femininos encontram na loira sua melhor tradução e são contraditórios com a inteligência, podemos concluir então que as mulheres mais desejáveis são necessariamente burras. Seguindo o raciocínio, vale a inversa, portanto a inteligência tornaria a mulher menos atraente.

A psicanálise descobriu que as coisas costumam representar-se pelo seu contrário. Por exemplo, se insistimos muito em que alguém é detestável, podemos suspeitar que essa pessoa no mínimo nos interessa muito. Por isso, tanta fama de burrice só pode nos levar a pensar no contrário: a supor que as mulheres gostosas teriam acesso a alguma sabedoria que nos falta.

São acusadas de ignorância na mesma proporção com que a fantasia as torna conhecedoras do segredo do gozo sexual, teriam as chaves que não falham em abrir as portas do desejo. Uma “loira burra” teria o dom de ser uma máquina de gozar de eficiência comprovada, capaz de produzir um desejo sexual infalível.

O sexo não é um território de sabedoria convencional, ali impera o segredo, a ignorância sobre si mesmo, o que não é dito e por vezes sequer pensado. é no sexo que a verdade mais escondida de cada um se oculta e ao mesmo tempo revela-se em involuntários pensamentos lúbricos. Ali se ocultam os restos de infância que não nos largam, as inadmissíveis fantasias bizarras que temos. Todo

tipo de medo e fragilidade irrompe quando estamos nus, à mercê das pelancas, gordurinhas e suores. é disso que não queremos saber. Que bom seria se fosse mesmo um território imaginário simples como seus representantes ideais: as loiras burras. Elas são correspondentes dos machos musculosos, jovens e bem-dotados, mas sobre eles não recai uma tradição de maledicência de tanta monta.

Tanta persistência desse fetichismo cruel é filha da força das fantasias sexuais. Nelas se enroscam as neuroses e as maiores complicações de que um ser humano é capaz. O sexo no mundo das Barbies, assim como das mais cobiçadas entre as fêmeas, pareceria ser bem mais tranquilo. Pena que ele não existe. De qualquer maneira, vale pelo menos perguntar, que culpa disso têm as mulheres? é algo que sabemos?

A propósito, estas linhas não foram escritas em defesa pessoal, apenas em nome da solidariedade feminina. A autora destas linhas nasceu morena e rapidamente ficou grisalha.

Sua vida trouxe você até aqui

“Sua vida trouxe você até aqui.” Li essa frase no texto de um comercial. Na imagem que a acompanha, um rapazote cabeludo, em idade de andar de ônibus, observa o que a propaganda anuncia como “Seu primeiro grande carro”. Atrás dele a vida é simbolizada por um bizarro e interessante grupo de pessoas amontoadas: família, amigos, amores, colegas de diversas fases da vida, médicos, religiosos, professores, mas também há personagens ficcionais, representantes da cultura pop e de comerciais.

Cada um tem sua própria seleta de elementos que integram o acervo da memória, dela é composta a vida que nos leva a algum lugar. São histórias, frases, nomes, músicas e imagens que constituem uma bagagem afetiva e intelectual. Nas evocações do passado, os fatos e a ficção se confundem. O mesmo ocorre quanto a eventos marcantes que disputam espaço com outros de aparente banalidade. Por isso imagens ou palavras provenientes de um gibi ou de uma embalagem de cereais podem rivalizar em importância no acervo de lembranças com a última frase da nossa avó em seu leito de morte.

Examinando o conteúdo de nosso acervo pessoal, veremos que na memória tudo está ali por alguma razão. Em minhas catacumbas, por exemplo, mora a imagem da *Ipirela*, uma espécie de *Barbarella* de posto de gasolina. Era uma loira escultural com olhar provocante, garota propaganda pintada em um enorme mural na parede do posto da esquina de uma das minhas casas de infância. Contemporânea dessa lembrança, da época em que começava a ir à escola sozinha, é a imagem de um gato eviscerado, caído do alto de um prédio. A mulher irresistível que eu adoraria ser no futuro e a morte colhendo aquele que era para ter sete vidas se entrelaçam através de eventos ou imagens aparentemente banais.

Não é irrelevante lembrar que essas duas cenas datam do início da independência: elas representam meus primeiros passos a sós no mundo sem uma mão para me guiar. Certamente é também o momento de encarar o

crescimento, a sexualidade e a morte.

A mente é como um armário remexido, cada peça tirada ou posta altera tudo, nunca mais fica do mesmo jeito. Mesmo que depois se arrume, algo falta, algo se acrescenta, e a tendência é que com a alteração dos elementos mude a visão do todo. Em nosso estoque de lembranças, o significado e importância do que se guarda dependem do contexto, e o que se evoca acaba sendo reeditado; lembrar é algo que se altera e nos altera.

Independentemente do rumo que nossa vida tenha tomado, o que não muda é o fato de que o destino bebe na fonte das memórias; boa a sacada do comercial. Ainda bem que há cientistas trabalhando para nos ajudar a preservá-las quando a idade ou alguma doença nos privam delas. O mesmo fazem os psicanalistas, procurando lembranças nos porões pessoais e alheios.

Outra coisa são os pontos de chegada, os quais espero que sejam tão particulares e variados quanto as memórias. Para mim um carro não é uma perspectiva atraente. Queria era ter ficado parecida com a *Ipirela*. Não deu.

Mãe-aranha

Costumo dizer a meus pacientes: mãe só tem uma, graças a Deus... As mães são muito chatas, muito mesmo. Nós, mães, grudamos nos filhos com uma solicitude viscosa. Quando presentes, somos ostensivas, grandiloquentes, mas, apesar disso, todo filho se queixa de algum tipo de descuido.

Coraline é personagem de um filme de animação (*Coraline*, direção de Henry Selick, baseado numa história de Neil Gaiman). Ela só tinha uma mãe, aliás, uma senhora bem parecida comigo: do tipo que dividia os olhos entre a filha e o teclado do computador e a deixava livre para brincar. Só que a menina sentia-se abandonada.

Seus pais escreviam sobre plantas, mas não cuidavam do próprio jardim. Sua casa era árida, a comida ruim, feita pelo pai. Também me identifiquei com eles, por tantas vezes ter ficado escrevendo sobre crianças em vez de me dedicar à verdadeira infância das minhas filhas em tempo integral. Culpas nunca faltam.

Coraline sonhava com outra família: uma casa cálida cheirando a comida fresca e gostosa feita por uma mãe prendada. Quanto aos pais, não deveriam ter vontade de fazer mais nada além de brincar com ela. Já o jardim de seus anseios era uma floresta viva de espécimes mágicos e impressionantes. Em suas andanças solitárias e entediadas pela casa alugada pela família, ela acabou encontrando tudo o que desejava. Na verdade, tratava-se de um mundo paralelo, ao qual tinha acesso através de um buraco na parede, com um único agravante sinistro: nele seus “outros pais” eram iguais em aparência aos dela, mas tinham botões no lugar dos olhos...

Esse mundo paralelo existe para todos nós, Freud o chamava de “Romance familiar do neurótico”, no qual imaginamos que até poderíamos ser adotivos, filhos de uma família mais nobre. Curiosamente, essa fantasia clássica encontrou uma nova forma, sobre a qual tenho escutado em meu consultório: a da filha que sonha com uma mãe ao modo antigo, do tipo que alimenta, agasalha e não tem vida própria.

Cegada pelos desejos que pensava estarem se realizando, a pobre Coraline acabou caindo numa armadilha. Aquela mãe tão atenciosa era na verdade uma bruxa de aparência aracnídea. O ninho agradável não passava de uma ilusão, uma teia destinada a prender a menina para lhe roubar os olhos. A bruxa nutria-se de olhos infantis, dos quais extraía energia para seu poder maligno.

Essa “outra mãe” em cujo mundo Coraline ingressa por um túnel, numa espécie de parto ao contrário, ainda vive oculta dentro das mães ocupadas, trabalhadoras, como eu. é aquela que possui um calor que atrai, mas é como uma cobra que hipnotiza para melhor devorar sua cria. Se essa personagem materna assusta tanto, é por que a desejamos em fantasias como a que esse filme capta: essa é a mãe da primeira infância.

Mamãe pode até ser uma trabalhadora cansada, uma estudiosa, uma virtuose em sua área até, mas sua vida fora de casa pouco importa aos filhos. Para eles será sempre uma espécie de dragão-fêmea de quem queremos ser o maior tesouro, sobre o qual ela passe a vida sentada em cima, defendendo-nos com seu hálito de fogo. Hoje, a vida real de mães e filhos passa longe da caverna desse monstro, mas no ofício da maternidade sempre oscilaremos entre dois opostos que se complementam: a mãe boa, que nutre e aquece, e a mãe-aranha, que aprisiona na sua teia para melhor devorar. A vida pode ser arrojada, mas as fantasias são conservadoras.

O privilégio do azar

Na fila do caixa do supermercado, por várias vezes disputei pelo privilégio do azar. Estabelecimento lotado, filas grandes e lentas, escolhemos uma: obviamente será aquela em que vai dar algo errado, o cartão que não funciona, um produto sem preço ou estragado. A fila que não escolhemos sempre anda mais rápido. Quando finalmente nossa vez chegou, a fita da caixa registradora acaba, e é preciso parar tudo para trocar. Certa feita, frente a essa situação, declarei em voz alta que só podia ser comigo, era sempre assim! Uma senhora que estava atrás de mim insistia em que o motivo do percalço era a presença dela. Assim, meio rindo, meio falando sério, ficamos discutindo o protagonismo daquele pequeno azar.

Essa demonstração pública de pessimismo, na qual reivindicamos ser a causa do que dá errado, é no mínimo intrigante. Afinal, qual seria a vantagem a ser alardeada de ser o escolhido para coisas ruins, mesmo que de pequena monta? Justamente porque se trata de uma vantagem: a ideia de que os pequenos azares substituem os grandes. é comum ficarmos temerosos de que alguma catástrofe virá para acabar com a festa quando algo bacana está para acontecer. Para mim não há viagem de férias em que não tenha pressentimento de que alguma desgraça vai me impedir de partir. é uma espécie de culpa, como se o prazer antecipado devesse ser punido. No fundo me espreita o pânico de que o destino tome providências para impedir a realização desse desejo. Estaria certo usufruir desse prazer? Por que seríamos merecedores de um passeio, de um encontro muito esperado, uma refeição cuidadosamente planejada, uma homenagem recebida? Alguém vai aparecer para impedir, revelar nossos defeitos, nossos pecadinhos, vai levantar a mão como num casamento quando se pergunta se há alguém que se oponha à união. Ficamos culpados, pensando que talvez estejamos cometendo alguma injustiça, será que não haveria outra pessoa que teria mais direito a esse privilégio?

é aqui que entra a utilidade dos revezes insignificantes: não serviriam para

aplacar a ira do azar? Como se fossem oferendas, sacrifícios: manda-se para a fogueira da culpa uma bobagem, esperando que ela queime no lugar de uma verdadeira desgraça. Depois disso, o que tinha para dar errado já foi, tudo transcorrerá maravilhosamente.

Esse pessimismo de bolso acaba sendo um tributo ao otimismo. Somos mesmo muito paradoxais. Com esses pensamentos estranhos acreditamos estar controlando o destino, garantindo que será favorável, já que sacrificamos à desgraça alguma cota de tempo, paciência ou dinheiro. é bom saber que, apesar de resmungões, somos otimistas incorrigíveis e perseverantes. Nesse sentido, admiro a esperança de Valter Hugo Mãe, que escreveu: “Pensava que quando se sonha tão grande a realidade aprende”.

Confesso que olhei

Estava em um táxi com uma amiga quando, em meio a nossa conversa, fui assaltada por uma visão: uma mulher com um traseiro exuberante. Indaguei se ela havia visto “aquilo”, mas não, só eu fora capturada. Noto bundas porque, nesse aspecto, a natureza não foi muito justa na distribuição das suas benesses. Acredito que algumas mulheres receberam a parte que me cabia nesse item. Esse olhar para o mesmo sexo não me faz uma exceção entre as mulheres: temos os olhos postos umas nas outras — sempre na busca do que “ela tem que eu não tenho”. O maior zelo na indumentária feminina responde a uma preocupação com o olhar crítico das outras: por trás dessa rígida avaliação há uma disputa, um desprezo que esconde as falhas que cada uma julga ter.

Muitas cenas de ciúme baseiam-se no momento do casal em que se percebe, ou se supõe, que o ser amado estaria desejando outra pessoa. O detalhe cômico é que frequentemente os ciumentos estão equivocados: reconhecem melhor o próprio desejo que o do outro. Meu marido costuma dizer que sempre fico com ciúmes das mulheres erradas. Procede, pois ele me escolheu e, como boa mulher, ainda não entendo o que o teria levado a fazer isso, portanto, jamais teria ciúme de alguém que remotamente lembrasse meu tipo. Prefiro as que trazem o que me falta, são essas que me interessam.

A discórdia conjugal sobre quem é atraente revela que as motivações para olhar alguém são diferentes. O desejo sexual representado por esses olhares responde muito mal às tentativas de enquadrá-lo em clichês e padrões e, embora seja de caráter homossexual, não tem motivação de conquista. Supomos que o desejo sempre se direciona para um objeto que gostaríamos de possuir, mas muitas vezes ele é guiado pelo que queríamos ser.

Para as mulheres, a relação com a própria mãe é de exclusão, não há lugar para duas no mesmo castelo, como bem sabia a rainha-bruxa, madrasta de Branca de Neve. A madrasta de Cinderela dava jeito de esconder a única filha bonita. Foi uma velha fada contrariada (provavelmente com sua velhice) que condenou Bela

Adormecida ao sono eterno, justamente quando ela atingia a flor da idade. Apesar de madrastas e bruxas, todas elas são figuras maternas. Histórias são como sonhos: um baile de máscaras, no qual sob a face da bruxa pode ocultar-se muito bem a mãe. A mãe boa existe nessas narrativas, mas, em geral, não por acaso, está providencialmente morta. O sexo feminino construiu sua identidade sob uma tradição de disputa, em que se luta por ser “a escolhida”, portanto, os maiores atrativos de uma mulher são os que ela imagina que a tornam elegível. As grandes transformações de costumes em curso estão colocando essa identidade de gênero em questão, cada vez mais os homens partilham essa expectativa, mas ainda há uma memória de séculos de histórias de princesas para dar conta.

Como se vê, um olhar, muito mais do que traduzir uma simples cobiça sexual, é pautado por todas essas pendências. Por isso, sem vergonha nenhuma, confesso meu segredo: reparo em bundas. Elas representam os atributos que acredito que me faltam, nelas encontro a fantasia de uma mulher verdadeira, perfeita, essa que nenhuma nunca será.

Inconsciente cantor

Sem descanso, aquela música insistia. Repetir o mesmo estribilho perde a graça, torna-se compulsão, castigo. Em momentos de solidão a voz escapava e me pescava cantando alto, mas em geral meu cérebro ruminava letra e melodia o dia inteiro: “Que tristeza que nós sentia *Cada táuba que caía* Duía no coração *Mato Grosso quis gritá* Mas em cima eu falei: Os homis tá cá razão. Nós arranja outro lugar”. Vinha na versão da Elis para a música de Adoniran Barbosa. “Saudosa maloca” é a estrela dessa divertida parceria entre a intérprete e o compositor, mas aquilo era mais do que gosto musical.

Quando uma letra de música cola, ela persistirá até que sua mensagem seja escutada. São textos embutidos, cartas cifradas enviadas pelo nosso inconsciente, que costumam ser ignorados. Se assim forem, com o tempo a frase se esquece de tentar entregar seu aviso, desiste ou é substituída por outra.

Subitamente, cantarolando baixinho num cômodo vazio da minha casa que estava passando por uma reforma, entendi aquelas palavras: algo do meu mundo havia sido desmantelado e doía no coração. O quarto em questão era ocupado pela minha filha mais velha, que saiu de casa. Aproveitamos essa mudança para ampliar nosso dormitório, uma reforma bacana que só podia me deixar feliz. Mas o que havia se desmantelado com a independência dela era um lugar simbólico: ficaram abaladas as estruturas da casa da infância, aquela habitada por adultos que são acima de tudo pais. Mesmo que os vínculos permaneçam afetivos e íntimos, a saída de cada filho transforma-nos.

No começo de uma família, o eixo da vida dos pais desloca-se, abandona o próprio centro. Inclina-se para o filho, como um adulto que se abaixa para melhor escutar as palavras da criança. Pode ser trabalhoso, mas subjetivamente falando é mais fácil viver num sacerdócio dedicado ao outro do que encarar-se. Ver-se entregue a um novo tipo de solidão instiga a preenchê-la, interrogando os próprios desejos. Depois de algumas tarefas cumpridas, a vida deixa de ser pura promessa, sofremos as consequências de muitas escolhas e, por melhores que

tenham sido, contabilizam-se perdas e danos. Além disso, esse balanço involuntário costuma ocorrer quando a luta contra o tempo se acirra.

Gritar não adianta, o filho está com a razão, nós arranja outro lugar. Cabe aos pais a resignação, mas também a guarda das memórias dos dias felizes vividos entre as crianças. Depois que todos os filhos partem, os pais podem incumbir-se da manutenção de um cardápio tradicional nas festas, encontros ou nos fins de semana, da conservação do cheiro da casa que eles reencontram ao entrar, da custódia dos causos e piadas internas de cada família. Vamos transformando-nos em curadores da história alheia quando ainda temos parte da nossa para fazer. Captei a mensagem do meu inconsciente cantor: é fácil dizer que os filhos são do mundo, difícil é lidar com a saudade que sua infância nos deixa.

Alma animal

Donos de animais de estimação costumam ser acusados de lhes dedicar um amor excessivo. Tratá-los como filhos é considerado um obsceno deslocamento de afetos. Tendo a discordar: apesar da forma em que se expresse, quem quer filhos tem filhos, cães e gatos geralmente ocupam outro lugar.

Talvez a melhor representação disso esteja na concepção de Dimons, personagens que encontramos em *Fronteiras do universo*, uma trilogia que se inicia com *A bússola de ouro*, de Philip Pullman. São animaizinhos mágicos, uma duplicação das pessoas, sua “alma de estimação”. Na história, cada humano tem um Dimon, sua extensão animal. É como se a alma caminhasse a seu lado e ainda fosse possível dialogar com ela. O de Lyra, a personagem principal, chama-se Pantalaimon e pode assumir várias formas, mariposa, gato-do-mato, arminho, morcego, mudará conforme a necessidade. Quando ela crescer, sua personalidade tendo atingido uma forma mais definida, o mesmo ocorrerá com ele, que assumirá uma identidade estável, condizente com a da dona.

Oriundo da mágica Oxford, Pullman lecionou lá, como seus mestres Carroll, Tolkien e Lewis, mas encontrou um nicho de fantasia próprio. Conseguiu dar corpo novo a um recorrente aspecto do mundo mítico: nossas metamorfoses como animal. Em muitas sociedades antigas os animais eram pensados como seres de outra cultura, não como parte da natureza, tais como nós os concebemos. Imputam-lhes linguagem e credos, assim como atributos mágicos específicos a cada espécie. Conservamos algo dessa visão mágica, por isso o animal se presta para metaforizar o caráter e predicados que supomos ter.

É dessa ordem a relação que estabelecemos com nossos animais de estimação, cujo maior mérito é estimar o dono. Se são tratados como filhos, o são somente na medida em que um filho pode ser uma extensão do amor-próprio e do orgulho dos pais.

O excesso de zelo dedicado a um animal de estimação parece ridículo aos que estão fora da cena. Soa mal vê-los disporem de cuidados de saúde dos quais

carece a maior parte da população. Existem incontáveis desequilíbrios em nosso mundo tomado de miseráveis, e naturalmente não há desculpa para ser indiferente a eles. Porém, não falta quem culpe os clientes dos médicos-veterinários por essa injusta distribuição de benefícios.

Quando seus animais adoecem, os donos apresentam um genuíno sofrimento, que aprendi a jamais subestimar. Da mesma forma, a morte de um animal de estimação arrasta consigo uma parte de nós, afinal, não dizem que os animais se parecem aos donos?

Por essa função de duplo que o animal ocupa, comemoro quando um paciente que costuma sentir-se solitário passa a estimar um para chamar de seu. Dialogar com essa criatura, adivinhar seus desejos e necessidades, é uma experiência amorosa que funciona melhor que muitos antidepressivos. Se necessário use, não tem contraindicações, além de que sempre é bom descobrir a cara de nosso Dimon. O meu costumava ser um bulldog-francês ancião, cujos olhos enormes e dóceis mascaravam uma natureza insubordinada. Meu número.

Casulo de tristeza

Tristeza tem fim sim, mas é inevitável e, uma vez que ela chega, deve ser tratada como hóspede importante. Não adianta fingir que ela não está ali, no meio da sala com suas malas ao lado, pronta para passar uma temporada dentro de nós. Melhor acomodá-la, fazer um café e ver o que ela tem para contar. Trata-se de visita que nunca aparece sem uma missão, se for levada em conta mais cedo partirá.

Ela surge bem cedo na vida, só que não é dado às crianças ficar suspirando por aí. É na puberdade, fase cheia de desânimo, que ela aprende a instalar-se. A partir daí, volta e meia há episódios em que dá medo de viver e torna-se preciso procurar abrigo. Há outros jeitos de desconversar a desesperança, mas não se cresce sem essas visitas. Para enfrentar essas épocas em que nos sentimos mais frágeis, carece construir um bom casulo de tristeza: ele é como um escudo protetor, um lugar onde se recolher para temer, questionar e olhar o mundo de fora. Entramos nessa espécie de abrigo em diferentes fases da vida, passa a ser o *habitat* das nossas transformações. Pensando assim, a tristeza parece algo bem menos pernicioso e assustador.

Quando perdemos um ser querido, certamente é hora de voltar para dentro. No luto, a morte encobre cada detalhe da vida com seu manto de absurdo. Cada gesto, cada fato, cada ideia alardeiam ausência. Se conseguimos invocar uma presença hipotética daquele que partiu, supondo o que diria, do que gostaria, o que faria em tal ou qual situação, seu caráter imaginário de fantasma acaba se revelando e a tristeza nos engole. O mesmo ocorre com outros tipos de perda: o desemprego, uma separação amorosa, o exílio, só para citar alguns. São longos períodos de dor, nos quais continuamos nos surpreendendo com a falta da pessoa, do lugar, da ocupação. O trabalho do luto, que se expressa a modo de tristeza, consiste em acreditar, aos poucos e a contragosto, no insuportável e incompreensível. “A tristeza é senhora, desde que o samba é samba é assim”, como Caetano diz e emenda: “tudo demorando em ser tão ruim”.

Recentemente, a nova edição do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), apelidado de “Bíblia da Psiquiatria”, incluiu o luto na patologia da depressão. A depressão é diversa do casulo de tristeza, de onde saímos superados e diferentes. Ela se parece mais com uma toca, da qual não se quer sair por nada e sequer se sabe bem como foi que se acabou lá. O tratamento nesses casos é mais árduo e pode se beneficiar do auxílio da medicação.

O manual tenta estabelecer prazos, no caso dessa edição foram estabelecidas aproximadamente duas semanas para diferenciar um luto necessário daquele que seria depressivo. Entendo esse esforço de compreensão do sofrimento, mas, no que diz respeito à tristeza, as regras psiquiátricas parecem não falar sua língua. A música sim soube dizê-la: “o samba é pai do prazer, o samba é o filho da dor, o grande poder transformador”. Ao regulamentar a tristeza, ao suprimir seus aspectos positivos com remédios, ficaremos privados do casulo necessário, da dor e de seu poder transformador.

A sedução do pirata

Johnny Depp é uma gracinha. O pirata Jack Sparrow, de andar oscilante, é uma personagem imprevisível e fascinante. Não é um vitorioso, é heroico só quando lhe convém, não é confiável nem mesmo para sua tripulação, o que não a impede de amá-lo, entre um motim e outro. As mulheres sempre terminam por esbofeteá-lo, mas só depois do beijo. O olhar castanho e sorrateiro de Depp, a sexualidade ambígua dos trejeitos do corsário, são muito diferentes do queixo quadrado, dos músculos e da personalidade previsível dos super-heróis que fazem a cabeça do público masculino. Não é essa nossa escolha: Sparrow é campeão de suspiros entre as mulheres, principalmente as mais jovens. Mas o que é que o pirata tem?

Os fora da lei sempre tiveram grande potencial de ganhar espaço em nosso coração. Mais do que amá-los, identificamo-nos com eles. Eles levam a vida provando que o patriarcado não é o tudo o que pensa que é, só se acha. Governantes, soldados e policiais são mostrados como administradores burocráticos de um poder instituído, os quais nutrem secreta e invejosa mágoa do seu rival. Os piratas e outros malandros são perseguidos ou depreciados pela hierarquia masculina, mas contam com a simpatia das heroínas, mesmo que elas comecem odiando-os. São amores que, na prática, começam e terminam numa bofetada, mas protagonizam os sonhos eróticos das mulheres.

Filhos rebeldes do papai-sabe-tudo, nossos heróis marginais estão na vida para provar que até mesmo nós, que não temos bíceps vigorosos nem privilégios hierárquicos, podemos usurpar a liderança do navio. Hoje muitas de nós capitaneiam grandes embarcações de todo tipo, embora paire a suspeita de sermos usurpadoras de um lugar que a princípio não estava planejado para nosso gênero.

Quando bem pequenas, acreditamos que o pai é uma autoridade absoluta, parece que ele estabelece e executa sua própria lei. é grande, barbudo, áspero, possuidor dos encantos que ainda mobilizam ou pelo menos que emocionaram

um dia a nossa mãe. Não demora muito para que qualquer filho suspeite (ou deseje que assim seja) que, por trás do super-homem que ele supunha ter em casa, há um Homer Simpson: barrigudo, subalterno e covarde. é aí que ficamos prontas para sermos sequestradas por um navio pirata, onde haja um homem que faça sua própria lei. Ele deve marcar sua virilidade no fio da espada e subjugar as mulheres somente por prazer, sem esperar que lhe lavem as cuecas. O pirata prova do que é capaz num mundo ainda mais viril do que o exército, onde qualquer fraqueza será punida com a destituição ou a morte.

Enquanto femininas jamais seremos um “deles”, como papai. Cabe-nos então uma missão de irreverência, destinada a provar que sua lei e seu poder não são absolutos. Por isso sempre fomos taxadas de histéricas, bruxas, embusteiras, manipuladoras, que foi nossa forma tradicional de piratear. A sedução do pirata talvez seja proveniente do fato de que ele é uma de nós. Surpreendente, não?

Freud implica

No princípio a psicanálise parecia uma aventura de horror e exorcismo. Quando Freud era um aprendiz de feiticeiro, a histeria era uma doença com ares de espetáculo e obscurantismo. Na França, o jovem médico austríaco observou como seu mestre, Dr. Charcot, era capaz de produzir ataques histéricos em suas pacientes utilizando apenas seu magnetismo pessoal. Na mesma temporada viu que sugestão e hipnose tinham também o poder de suprimir essas irrupções de patologia tão vistosas, debelando paralisias, ataques e visões. Eram os tempos de *O médico e o monstro* (R.L. Stevenson, 1886). Já não ignorávamos que havia algo dentro da nossa alma que conspirava contra a moral e os bons costumes, mas naquela época parecia tratar-se de uma maldição, um conteúdo a ser eliminado.

A Freud coube livrar o inconsciente desse caráter demoníaco e demonstrar que ele se alimenta das simples relações domésticas. Além disso, não havia tanto o que temer; feito de pensamentos e sonhos, tinha mais de intenções do que atos. Temos desejos e frustrações que a consciência, com sua paixão pela razão, exclui, barra-lhes a entrada. Por isso são obrigados a comparecer ao baile disfarçados de pequenas mentiras úteis, de sonhos, de sintomas. Mesmo assim, o controle é limitado, o inconsciente nem sempre se atém a seu território de exílio: também sabe ser terrorista, irrompe no cotidiano, constrangendo-nos através de atos falhos, esquecimentos, evocações estranhas. Em geral são episódios aparentemente banais, como quando cumprimentamos efusivamente a pessoa errada na rua (a quem desejaríamos tanto encontrar?) e temos vontade de nos atirar no primeiro bueiro.

De volta a Viena, Freud empreendeu os caminhos da sua prática, que acabou chamando de *Talking Cure*. A histeria era uma patologia tagarela, relatava suas inquietações, sonhos, memórias, fazia queixas, acusações. Freud foi o primeiro a escutar tudo isso e, no fundo, acabou descobrindo que em geral eram histórias de amor. Não eram romances bonitos, do tipo que ilustrava as fantasias femininas

populares, mas tramas de amor inconfessáveis, tingidas de incesto com uma frequência assustadora.

Talvez nunca saibamos o que permitiu àquele homem tão tradicional implicar-se profundamente com as histórias que escutava. O que o levou a admitir que tudo isso também fazia parte dele mesmo. A partir daí, passou a prestar atenção em seus próprios sonhos, lapsos e sofrimentos e acabou criando uma teoria baseada nessas fontes aparentemente absurdas.

Em contato com suas fantasias, descobriu-se potencialmente parricida e incestuoso como Édipo, elas também o faziam parecer impaciente e egoísta, assombrado pelo sexo e o medo da morte, desde pequeno. Como se fosse pouco, a técnica que desenvolvia revelava-se um tipo de história de amor, artificial, mas efetiva, entre o analista e seu paciente.

Visto assim, parece que Freud mais complica do que explica. Mas não sejamos injustos, de fato quem complica não é ele, somos nós. Somos uns chatos, especialistas em amores não correspondidos ou às avessas. Somos eficientes para tudo o que é inútil e incompetentes para o necessário. Vivemos incômodos, constantemente achando que deveríamos estar em outro lugar. Queixamo-nos de tudo e achamos causas para nosso sofrimento em todos os lugares, exceto em nossos próprios domínios.

Depois de mais de um século e meio do nascimento do criador da psicanálise, ainda não terminamos de aprender sua lição. Teimamos em negar as evidências da influência do inconsciente em nossas vidas: se alguma coisa dá errado, preferimos acreditar que é um sintoma orgânico, uma síndrome qualquer, de preferência do último modelo à venda no mercado. Se sofrermos, deve ser um trauma que nos impuseram, culpa de alguém alhures.

Freud contava algumas histórias clínicas que nos familiarizam com sua prática, entre elas está relatada uma pergunta que fez a Dora, nome fictício de uma paciente: “Qual é a tua parte no drama de que te queixas?”. É uma questão aparentemente simples, prova de que ele não complicava tanto assim.

A maior parte das perguntas que os psicanalistas fazem é aparentemente fácil de responder. O problema é que em geral falta-nos a coragem dele. Nunca se furtou a implicar-se em cada volta do destino, de se expor para melhor expor-nos. Apaixonados pelas mentiras que nos contamos, para fazer de conta que somos de uma cepa moral mais nobre, nós é que implicamos com ele.

Homens na cozinha

Homem na cozinha é *chef* ou *gourmet*, mulher é cozinheira. Certo? Errado.

Quem pensa assim não conheceu minha avó. Ela passava o dia domando uma carne para transformar um músculo em algo que derretia na boca. Tarefa concluída, ficava à mesa totalmente enlevada, alheia às conversas, focada na trajetória dos talheres e no movimento das travessas para os pratos. Mantinha um inventário preciso da distribuição do alimento: quem comera quanto, quem consumiu elogiosas quantidades, quem desprezou seu esforço culinário servindo-se uma quantidade desprezível. Não eram os sons aprovadores e elogios que a convenciam, confiava na verdade dos fatos, que para ela se resumiam à quantidade consumida.

Quando entraram para o reino das panelas, o que os homens descobriram foi uma forma de prazer que elas já dominavam, a de produzir uma satisfação oral nos outros. Mais que isso, ao invadir a cozinha os homens começaram a abandonar a infância eterna a que estavam relegados dentro de casa. Fora podiam ser importantes, chefes, doutores, capatazes, soldados, mas na intimidade eram uma espécie de filho que deveria ser cuidado, vestido e principalmente alimentado.

As crianças têm muitos assuntos a tratar com a comida. A voracidade e o regurgito dos bebês, as fases anoréxicas pelas quais todas as crianças pequenas passam, os ataques de gula em que elas adoecem por ter se empanturrado de algo que gostam, assim como a chatice alimentar, são intrínsecos à infância normal. Fazem parte de uma espécie de diálogo amoroso com a nutridora, já que todo alimento será visto como uma extensão daquilo que inicialmente se aninhava em seus seios.

No começo, a entrada e saída do alimento, junto com o sono, são as únicas atividades possíveis, razão de viver dos bebês e dos que se ocupam deles. A aceitação da comida oferecida é vista pela mãe como uma resposta amorosa, toda fome para ela é de amor. Um filho gordinho está pleno desse afeto,

recheado dela própria, alimentando-o ela o habita. Isso é fundamental para a relação com os bebês e os ajuda a sobreviver e crescer, mas, convenhamos, é até meio assustador. Não surpreende que controlar e opinar sobre o que entra e sai do corpo seja uma grande conquista de território pessoal.

Cozinhar é herdeiro dessa luta por abandonar a relação passiva com o alimento. O preparo demorado e criativo do que será consumido por pessoas cuja satisfação nos interessa está na contramão do funcionamento primitivo de ser alimentado. Gourmets raramente são obesos, são parcimoniosos na quantidade, precisam saborear, variar. A voracidade ansiosa dos grandes obesos, ou bulímicos, como se quiser chamar, é um ato de desespero, não um prazer.

Engolir simplesmente, muito e rápido, faz parte da tentativa de reviver aquela forma primitiva de amor. é um gesto que já nasce fracassado, porque reduzir um vínculo ao objeto que o representa é um encontro garantido com a frustração. O seio só satisfaz o nenê se for muito mais do que um fornecedor de leite, se trazer junto os braços e o olhar da mãe. Os adultos que devoram tudo buscam algo a mais na comida, mas, como não encontram, repetem o gesto de se entulhar ao infinito. São como Sísifos do amor materno, fadados a um enorme esforço alimentar sem nunca chegar a um estado de plenitude; comer condena-os ao vazio.

Os homens na cozinha são aqueles que cresceram e não a tomam como tabu do corpo materno, são os que se arriscam pelos territórios femininos podendo decifrá-los sem medo de serem devorados. Dentro dos clichês que ao longo da história foram atribuídos a cada um dos gêneros, associa-se a atividade ao masculino e a passividade ao feminino. à mesa, porém, sempre foi ao contrário, por isso a tradição de fugar um homem pelo estômago.

Quanto à alimentação, as posições tradicionalmente se invertem, ficando as mulheres com a ativa e os homens com a passiva.

Cozinhar é fazer ativamente o que sofriamos passivamente, quando tínhamos que ficar abrindo a boca para a colher “aviãozinho” que estava sempre querendo pousar. A infância é o paciente exercício da passividade, crescer é revoltar-se contra ela. Nesse sentido, a mulher que alimentava os outros crescia, passando para a posição ativa, enquanto os homens que se faziam alimentar permaneciam ligados a essa posição infantil.

Ao mesmo tempo, as mulheres também viraram a própria mesa, recusando-se à

relação servil com as panelas. Partiram em busca de outras formas de exercitar uma relação ativa com o mundo. Os homens cozinheiros de hoje são muitas vezes companheiros de mulheres que abandonaram essa atividade em prol de novos territórios desafiantes. Elas também foram experimentar a reserva de mercado deles, ousando rivalizar com o próprio pai no campo do trabalho e do estudo. é um festival de identificações cruzadas, onde as mulheres vencem no mundo e os homens no lar. Depois disso, para o bem de todos, nada será como antes.

Mamma son tanto felice

Dia das Mães, todo ano a gente faz tudo sempre igual. Passados os ritos comerciais e gastronômicos, resta pouco. São coisas não ditas, afeto que não se deixa encerrar, presentes de grego. Entre os silêncios, pelo cordão umbilical que nunca se corta transitam inúmeros segredos femininos, coisas que mulheres não passam de mãe para filha, que não contam nem umas às outras, que ginecologistas não alertam e pediatras são obrigados a suportar.

Dizem alguns que esses segredos visam preservar socialmente a maternidade, que, caso informadas do que nos esperava, não a cometeríamos. Duvido. Dizem também que somos tagarelas e incapazes de guardar segredos, também não é bem assim.

Ocultamos umas das outras que as mães sempre choram, e não somente lágrimas de ternura. Não me refiro a ocasiões de crise ou celebração, em que se chora de tristeza ou de alegria pelo filho, mas àquelas em que choramos por nós mesmas.

No momento inaugural da maternidade, a recém-puérpera chora porque aquela criaturinha parece incompreensível e está querendo demais. Além disso, ela está surpresa de que o papel da mãe caiba a ela, que ainda é tão filha, sente-se abandonada pelas mulheres mais velhas, que por vezes ajudam, mas parecem não compreender pelo quê ela está passando. Acima de tudo, esse é um choro inexplicável, de emoção pura, de vazão a uma experiência que é engolfante e inefável.

Desculpem a comparação, mas é como quando descobrimos em nós um câncer, que por minúsculo que seja virará nossa vida do avesso, arrombará nossa rotina com o processo de sua cura, destruirá nosso modo de ver a vida, nos obrigará a reinventar tudo. Aqui estamos falando de vida, enquanto a doença evoca o fantasma da morte. Óbvio que gerar é uma experiência vital, o avesso da morte. Mas há também uma morte: a da mulher que se foi antes da maternidade, principalmente nas primigestas.

Em alguns aspectos, o encontro com a nova vida de um filho pode ser tão maluco como o encontro com a ameaça da morte. Ambos tornam nosso passado aparentemente obsoleto, e precisaremos recuperar aos poucos nossa identidade e nossos sonhos das ruínas.

Passada essa tempestade inicial, a mãe lembra bem quem ela era, mas não tem certeza de que saberá retomar. Já sabe que não é incapaz de ser mãe, mas chora porque teme a exclusão social, acha que vai ser esquecida em todos os ambientes que agora se encontra limitada para frequentar.

Ao longo da infância do filho, ela descobre que não construiu a criatura perfeita e novamente chora, julga-se fracassada, se for chamada na escola ou o filho for excluído do time, ou da festa de pijama. Finalmente, a mãe madura chora o vazio que resta depois de cumprida a tarefa, quando terá que reorganizar sua cabeça para voltar a priorizar tudo o que antes era prescindível.

Numa espécie de estranho pacto de silêncio, essas lágrimas se fazem segredo entre as próprias mulheres. Por vezes é mais fácil queixar-se dessas lágrimas bobas com o companheiro do que com outra mulher. Nenhuma delas as assumiria sem morrer de vergonha, como se fosse a única a sentir tudo isso. Se contar num grupo, ou até mesmo por vezes para uma amiga, será acusada de depressiva, narcisista e possessiva, quando na verdade está numa simples crise de identidade. Enfim, toda mulher enfrenta suas sinas sociais quando tem filhos e é marginalizada por isso. Pior, quando não os tem, idem. E haja flores, presentinhos e publicidade para dourar essa pílula.

Gente plastificada

A charge da humorista argentina Maitena é sobre um evento que está se tornando cada vez mais comum: o de não conseguir definir a idade de uma pessoa. Dois homens se encontram, um está acompanhado. O outro observa: “Puxa, Machado, que bem acompanhado você está! Vem cá, desculpe a indiscrição, mas hoje em dia nunca se sabe: é sua filha ou sua mulher?”. E o primeiro responde: “É *minha mãe*”. O desenho da tal mãe é eloquente de uma estética bem contemporânea: olhos orientais, nariz de Michael Jackson (*after*), corpo lipoescultural, lábios ostensivamente carnudos. A piada ilustra a fantasia de embaralhar as gerações, mas o efeito prático é uma senhora inexpressiva que parece uma boneca de plástico de *sex shop* ou uma Barbie.

é um prazer encontrar pessoas maduras, saudáveis e bonitas, que se tratam bem. Não por acaso, adotamos nosso próprio corpo como a um filho justamente na mesma época em que os pais morrem ou vão se tornando frágeis. óbvio que a velhice dos pais costuma coincidir com a maturidade dos filhos. Esse é o momento em que, embora em diferentes graus, chega-se àquela que ninguém consegue explicar por que seria a “melhor idade”. Mas também é um tempo em que já ninguém zela por nós, são os mais velhos que precisam de atenção, então cuidar-se é imprescindível.

Vale a pena, assim o declínio se suaviza, pois deixado à própria sorte destrói a aparência e a saúde com uma eficiência indesejável. Minhas avós, quando as conheci, tinham 50 e já aparentavam 70, e os homens da minha infância, quando sobreviviam aos 60, pareciam caricaturas. Mas isso era antes de o narcisismo ganhar as eleições.

Por outro lado, as rugas são os sulcos formados pela erosão de uma vida. São traços resultantes do cenho franzido de preocupação ou impressos pela força da mira do olhar, são os vestígios deixados pelas caras e bocas que fizemos. Não estou defendendo que ninguém pareça uma passa de uva antes da época, mas observo, com tristeza, que muitas pessoas adultas estão ficando idênticas umas

às outras, com a mesma cara de nada.

Tentar parecer eternamente jovem é o mesmo que acreditar na ilusão de zerar o hodômetro. A ideia tentadora é começar de novo, com tanta disposição como antes, mas com a estabilidade da maturidade. Isso é falso não somente porque o resultado é pouco convincente, quando não caricatural, mas porque as marcas do sofrido não saem com bisturi. Por trás desse apagamento da aparência resta a intenção de zerar a vida, estar sempre prontos para começar de novo, voltar ao início do jogo.

Sempre é possível mudar e nunca é tarde para guinadas na vida. Em nome de um desejo, vemos pessoas reinventando-se, abrindo novos campos de trabalho ou estudo, apaixonando-se ou fazendo viagens que jamais imaginaram ousar. Essas são aventuras que prescindem da juventude. Não é necessário esconder a idade, principalmente de si mesmo, para ter essas oportunidades.

As plásticas exageradas não significam nenhum tipo de aposta ou renovação, muito menos têm produzido uma boa vida. Na verdade são responsáveis por uma legião de gente de olhos arregalados, faces cadavéricas e sorrisos paráliticos. Nesses casos, a eloquência dos rostos foi sacrificada no altar da juventude eterna, e o resultado são caras inescrutáveis e olhos sem olhar. Deixar com que algumas marcas da idade se associem a nossa imagem é assumir que se viveu um bocado, fizeram-se escolhas, que se aprendeu errando e, principalmente, que se tem consciência da própria finitude. Provavelmente esses olhos, que de tão espichados já não fecham direito, fiquem submetidos a contemplar incessantemente a cena do próprio envelhecimento. Quanto menos suportado, mais se torna uma obsessão. Não adianta ficar vigiando de olhos abertos dia e noite, não há como congelar os relógios, tampouco fugir da morte quando ela resolve chegar.

Noites no Aqueronte

Ao lado da cama, sem perceber, eu havia ancorado um minúsculo barco de metal. Dentro dele uma moeda esquecida. Um dos tantos objetos sem sentido que preenchem uma casa. Já reparou que sempre há algumas quinquilharias que nunca vão para seu lugar? Sabe por quê? Porque aquele é o seu lugar. Foi assim com meu barquinho despropositado.

O enfeite herdei do meu pai, na verdade o recolhi entre seus objetos, depois que ele se foi. Ele não o teria dado, estava usando. Como eu, tinha-o parado ali em seu porto, pronto para levá-lo de volta para casa. Eu é que não tinha entendido essa missão.

Meu pai veio de barco para a América fugindo do nazismo. No porto foi a última vez em que viu seu pai e seu irmão, mas na ocasião ele não sabia disso. Quem sabe se pudesse navegar de volta àquele momento pudesse evitar o desaparecimento deles ou pelo menos despedir-se com um verdadeiro adeus. Como o resto da família também tinha planejado emigrar, ele partiu com um atêlogo, que sempre lhe pareceu insuficiente.

Quer sejamos religiosos ou não, imaginamos que nossos mortos sempre estão em algum lugar, no mínimo naquele onde nossos pensamentos os visitam. Talvez para esse fim, ou mesmo para o seu fim, meu pai tenha guardado sua pequena embarcação de metal.

Para os gregos era um barco que os levava para o Hades, terra subterrânea dos mortos, sua última morada. Não era céu nem inferno, apenas outro lugar. Porém, o acesso não era gratuito: custava uma moeda que deveria ser entregue a Caronte, o soturno barqueiro incumbido da travessia do rio Aqueronte. Para tanto, na cerimônia de despedida dos mortos, uma moeda era colocada na boca ou nos olhos do defunto, que partia com o pagamento necessário. Deve ser por isso que jamais vou dormir sem uma moeda em meu barquinho. Pelo jeito, tomei precauções sem notar, pois não quero ficar navegando a esmo para sempre.

Cada noite de sono é uma espécie de visita às margens do Aqueronte. O

abandono do corpo, indispensável para dormir, requer também abrir mão da consciência de si. Ficar inconsciente, nem que seja pelas horas que separam um dia do outro, pode dar medo porque é como morrer temporariamente. Meu barquinho representa tudo isso, tão pequeno e tão carregado. A morte de cada noite, o extermínio do qual meu pai fugiu, outros não, sua espera pela viagem final e a minha.

Repare nas suas pequenas bagunças, elas encerram em si muito mais verdades do que os enfeites organizados e bem pensados de nossas casas. Os objetos decorativos são como a cara que apresentamos ao espelho, nossa versão editada. Já os aparentes desleixos, principalmente aqueles objetos que se abancam num lugar como se tivessem vontade própria, esses contêm muitas verdades. A minha é que vivo a cada dia consciente de que estou nesta margem apenas por um tempo. Grata pela sua duração, mas, quando for a travessia, quero estar preparada.

Moda e fé

A cada manhã escolhemos a roupa que vai nos representar durante o dia, há até quem posta suas variações indumentárias na internet, para inspirar os faltosos de imaginação. Não é incomum que ao sair deixe-se o quarto de dormir com jeito de pós-tsunami, todas as roupas do armário parecem ter saído dele tentando ser as eleitas. é a grande onda da insegurança que arrasa qualquer certeza do que é adequado ou fica bem em nós para vestir.

Sou nesse ponto um desastre, adoraria ter sempre comigo alguém que me ajudasse a diferenciar o marrom do cor de vinho e o verde do azul, é uma espécie de daltonismo indumentário. Combinações, então, são infernais: raramente uso saia, não consigo descobrir qual é o formato e cor da blusa que correspondem. Vestidos, roupas pretas (a única cor que não apresenta variações) e jeans são a salvação de gente como eu. Por isso mesmo sou admiradora confessa de quem se veste com arte e originalidade.

Sobre esse tema, para tantos espinhoso, há uma boa história: o filme *O diabo veste Prada* (de 2006, baseado no livro homônimo de Lauren Weisberger), que me ajudou um pouco a pensar por que se vestir complica tanta gente. A trama é bem simples: jovem jornalista inteligente desce ao inferno do mundo da moda, fascina-se com suas tentações, o diabo a seduz com ofertas de poder e beleza, mas ela resiste a vender sua alma. Mesmo assim vale a pena, filme ágil e envolvente como o universo que retrata. Embora a jornalista-patinho-feio resista a trocar os seus princípios pela plumagem de cisne, eles sugerem que, se você não for até esse inferno, ele irá até você.

Há uma passagem em que um editor de revista de moda explica que, no seu mundo de aparentes frivolidades, trabalham os verdadeiros artistas, os que vão influenciar diretamente na vida das pessoas comuns. Ele tem razão quanto ao aspecto da influência. A que aqui vos escreve, querendo ou não, está usando um modelo de roupa, sapato, óculos, cabelo que um desses artistas inventou. O diabo da moda, portanto, já nos possui.

A moda é uma mania nada nova. Através dela as classes abastadas sempre procuraram ostentar as insígnias mutantes do seu poder. A obsolescência das roupas e objetos e seu valor estabelecido por um mercado movido a coqueluches e manias movimentam uma tradicional rotina: o que os poderosos lançam, os remediados imitam. Os valores nesse mercado tão subjetivo são imponderáveis, movidos pela fé em que determinadas roupas e objetos são encarnações de prestígio para quem os portar.

Afinal, o que é a fé senão acreditar em algo sem questionamentos? Só com imensa devoção é possível acreditar que uma bolsa possa custar dezenas de salários mínimos só porque é de certa marca. Haja dedicação religiosa para levar uma legião de pessoas a uma disciplina física tão monástica: rígidas dietas, exercícios à exaustão, sapatos torturantes. Mas se isso se tornou uma nova forma do sagrado (ler *O império do efêmero*, Gilles Lipovetsky), por que demonizá-lo?

As personagens do filme são um bando de narcisos, incapazes de relações humanas, mas especialistas em todo tipo de trapaça para subir sempre mais. Por isso seriam diabólicos. Não deixa de ser interessante essa metáfora religiosa para um mundo tão prosaico.

Em meio à vida rápida e cheia de glamour dos sacerdotes do novo, da alta-costura, também há lugar para os impasses. Coloca-se a pergunta sobre a possibilidade de escolher que conduta tomar, pois cada vez que a protagonista ou seus colegas faziam algo “errado”, revelando-se gananciosos, diziam não ter tido escolha. De fato, frente às imposições do mercado e de sua musa, a moda, frequentemente parecemos marionetes.

O filme lembra que, sim, há escolha, valorizando a personagem que resiste à tentação. Mas também percebemos que o demônio da moda está em todas as partes, oferecendo imagens e objetos que dão forma a nossos desejos, pelos quais tornamo-nos capazes de matar ou morrer. Dessa tentação nenhum de nós está livre. é engraçado que na sociedade capitalista, pautada pela exaltação da liberdade, seguimos nos retorcendo na arena de disputa entre o sagrado e o profano. Nada se perde, tudo se transforma.

Madame Carlota

Macabéa, personagem de *A hora da estrela* de Clarice Lispector, é pior que feia, é um nadinha de gente. “Moça que ninguém olhava na rua, era café frio”, com “olhar de quem tem uma asa ferida”, sequer sabia que era infeliz. Essa figura insípida teve um único momento de glória na vida: quando consultou Madame Carlota, médium e cartomante.

O baralho guardava boas notícias: previa para a crédula cliente uma arrebatadora paixão com um estrangeiro rico, de olhos azuis. Com semelhante bom augúrio, a Madame fez brotar uma mulher das entranhas daquele corpo árido. Quando ela poderia sequer ousar fantasiar uma coisa dessas? Saiu de lá “grávida de futuro”, sabendo que um dia ia botar corpo, ser amada. Mais não conto para não estragar a história.

Somente outra mulher poderia criar personagem feminina tão triste como Macabéa. Os homens, por mais misóginos que sejam, ainda tendem a descrever as mulheres com certos clichês na crítica: são gostosas, mães-coragem, indefesas, insatisfeitas, ou têm enigmáticos olhos de ressaca, como Capitu. O papel da Bruxa por vezes fica com a sogra, mas é uma personagem escorraçada entre tantas idealizadas, tratadas com condescendência ou como objeto de desejo.

Mas nós, que conhecemos umas às outras, somos ferinas e inclementes, tanto quanto o fazemos frente ao espelho. Não bastasse a língua ácida que usamos para nos comunicar, ainda temos pouca consideração pela sabedoria umas das outras. Se alguma sugere algo para a mais próxima, decerto está sendo metida, invejosa, se acha muito ou então o que diz não passa de preconceito ou credice popular. Para uma mulher, é bem-vinda a invocação de um avalista do além. Se qualquer amiga ousasse dizer metade das verdades que escutamos — sorvendo cada palavra — de uma astróloga ou taróloga, o resultado seria, no mínimo, a ofensa eterna ou o fim da amizade.

Por que, afinal, nossas palavras valem tão pouco quando ditas de forma nua e

crua? Provavelmente porque farejamos ali excesso de crítica e pouca autoridade social. Há séculos as mulheres guardam um conhecimento sobre coisas de que ninguém quer saber, a roupa suja da humanidade. Por guardar tantos segredos de alcova, papo de mulher é considerado cricri, entenda-se que é sobre a vida privada, fofoca ou coisa de lavadeira. As maiores verdades são anuladas quando qualificadas de fúteis. Já as sábias sempre foram personagens ambíguas: poderosas, são as perversas, libidinosas, bruxas que comem criancinhas.

Mais do que engolir crianças, nossa especialidade é pari-las. Além disso, quem sempre soube da intimidade dos homens públicos? Suas mães, mulheres ou amantes! Somos, há centenas de anos, guardiãs dos segredos da potência masculina, das fragilidades do corpo e da alma deles e nossos. Mesmo públicas, sempre fomos parte da vida privada. Quer mães, quer prostitutas, tradicionalmente nosso conhecimento sempre foi de foro íntimo.

Por tudo isso, a palavra feminina fica mais audível quando parece ser uma voz do além. Na comunicação entre as mulheres convém incluir um terceiro, que parece soprar no ouvido as verdades que treinamos séculos para enxergar e calar. Resta a evidência de que, para sermos clientes da Madame Carlota, coisa que todas potencialmente somos, é premissa que, pelo menos num cantinho da alma, cheguemos a ela desacreditadas qual Macabéa. O místico que procuramos pode até ser homem, mas homem tende mais a ser guru, guia espiritual de alguma fé instituída, seguindo a longa tradição de liderança da sua espécie. Já a mulher, mesmo quando profetisa, tende a exercer um poder avulso, proveniente de possessões, cheio de mandingas, de saberes cochichados entre quatro paredes.

Dentro de cada Clarice, linda, enigmática e talentosa, mora uma Macabéa. Sempre questionando nossa valia, depositamos nossas expectativas de respostas nos olhos de outro ser humano. O amor, que contém a maior valorização de que somos capazes de ofertar uns aos outros, é a resposta mais rápida para as perguntas mais complicadas. Sou amado, logo existo. Além disso, esse foi nosso tradicional campo de atuação, os outros são descobertas recentes.

Guardamos o tesouro de uma mestria restrita à vida amorosa e privada, separada da coisa pública por grossas muralhas. Essas têm sido mais longas que a da China e mais difíceis de derrubar que o muro de Berlim. Mas não perdemos por esperar. Seremos, cada vez mais, mulheres importantes, com o acréscimo de que ainda saberemos os segredos de alcova como ninguém. Só falta mesmo é

acreditar umas nas outras.

Tantas coisas a fazer antes de morrer

Um amigo me enviou um lindo vídeo editado com 1.001 filmes que não posso morrer sem ver. Fiquei aliviada, pois a porcentagem dos que já havia visto era menor que a metade. Feitos os cálculos, devo ter mais do que cinco centenas de filmes que devo ver antes de poder morrer. A perspectiva me pareceu uma espécie de garantia de que terei certo prazo para fazê-lo.

Existem também listas com centenas de lugares aos quais devo ir, livros que tenho que ler, músicas que seria imprescindível escutar. Estarei muito ocupada tomando essas providências, espero, pelas próximas décadas. São tarefas bem atraentes, com o que chego também à conclusão de que terei vida longa e muito divertida. Isso é melhor do que notícia de cartomante!

Adoro ir ao cinema, viajar, ler. Também gosto que me recomendem oportunidades de fazê-lo, pois hoje as possibilidades são tantas que ficamos perdidos. É angustiante pensar que só poderemos ler um número restrito de livros, então seria melhor investir o tempo em títulos que valham a pena. Semelhante pretensão esquece um pequeno detalhe: é inevitável certa imprevisibilidade, certa errância em relação aos encontros com as coisas que vão nos sensibilizar. É como no amor, com o qual às vezes esbarramos e nos deixamos encantar.

Listas são sempre da ordem da obrigação, do tipo em que marcamos itens realizados. Vendo pelo lado positivo, quem faz uma lista está planejando-se, enfrenta o momento seguinte com razão e eficiência. Por isso gosto de fazê-las, embora em geral me esqueça de lê-las. Outro prazer associado a elas é o de dever cumprido: ver aquela página cheia de OKs ou de itens riscados é muito compensador.

Por outro lado, as listas deixam a vida com cara de gincana. Essa parte eu passo. Apesar de serem compostas de deliciosas propostas, essas prescrições

culturais envolvem um tipo de fruição que me parece angustiado, desesperado. Algo como aqueles programas de agência de viagem que ajudam a “fazer Europa em 15 dias”, onde se visita tudo e, por isso, nada. Há infinitas coisas para ver e sentir sem se distanciar do lugar onde se nasceu, e há tantos que vão longe e nada veem. Aqui o essencial talvez seja a capacidade de entrega — por isso, talvez haja perdão para perder Bergman ou Dante se tivermos oportunidade de saborear outras belezas.

Se tivesse que elaborar uma lista de providências essenciais antes de partir, seria composta de pessoas de quem não quero me distanciar. Minha prioridade são as marcas deixadas nos outros. Prefiro imaginar que minha presença alterou em alguma dimensão àqueles com quem tive o privilégio de conviver. Mais do que obras ou lugares, gostaria de não perder a oportunidade de perceber minhas gentes, temo passar por elas apressada, distraída. Centenas de bons encontros são o que acima de tudo quero fazer antes de morrer.

Olhos grandes

Querida Ana, passaram-se 30 anos desde nosso primeiro encontro. Foi numa sala de cinema, e desde então soube que eras minha melhor tradução. Quando me informaram de que teria oportunidade de te rever, vacilei. Na hora do encontro, um friozinho na barriga denunciava o temor de reviver a emoção que me causaste. E se já não fosse a mesma?

Já no primeiro impacto de teus grandes olhos negros, nos quais novamente me perdi, soube que o efeito havia se renovado. Foi como aquelas cenas de filme de terror, em que nossa imagem no espelho ganha vida própria e, em vez de ser olhada, nos olha. *Cría cuervos*, o filme de 1976 em que habitas, do diretor espanhol Carlos Saura, esperava esse reencontro. Nele ainda estava um retrato da minha infância.

A menina Ana é uma órfã recente, assistiu à agonia e morte da mãe, de quem era a mais próxima das três filhas. Observadora, testemunhava as repetidas crises no casamento infeliz de seus pais. Ela é uma daquelas crianças que vagam como fantasmas pela casa, dormem com dificuldade, vivem inseguras por si e pelos outros. São crianças vigilantes. Prestam atenção em tudo, no vão esforço de controlar ou, no mínimo, compreender alguma coisa.

O raciocínio dos pequenos é rudimentar, por isso os consideramos inocentes, visto que muitas vezes eles tomam brincadeiras e expressões ao pé da letra. Graças a isso, por vezes, escutam literalmente a verdade oculta sob o que não se diz, não compreendem as máscaras do discurso.

Numa cena do filme, quando a mãe lhe entrega para jogar no lixo um pote de bicarbonato, a menina pergunta o que é aquilo, se é um veneno. Com um sorriso nos lábios, a mãe responde que sim, poderosíssimo. Ana o guarda, pode vir a lhe ser útil em algum momento, ele é seu segredo. Em outro momento do filme, está espionando uma briga dos pais e escuta que a mãe reclama do marido adúltero dizendo: “Vais me matar”. A morte, que lhe arrebatou a criatura mais amada do mundo, chega logo para confirmar aquilo que era para ser uma figura retórica.

Que veneno aquele homem usara em sua querida mãe?

No pensamento de uma criança, as conexões se fazem de forma bem direta: Ana julga seu pai culpado pela morte da mãe. Quando ele, pouco depois, morre de um ataque cardíaco, ela acredita tê-la vingado. Casualmente, naquele dia a filha havia misturado seu “veneno” no leite que o pai tomava antes de dormir. Diante do sucesso, aquilo se torna um hábito: administrará também suas doses de “veneno”, seus votos de morte, para todos aqueles que detesta. Principalmente os que tentarem interferir nas memórias da doçura da mãe, que eram seu único consolo. A morte já havia lhe pregado a pior peça, de agora em diante ela é que deveria obedecer à sua vontade.

Não fui tão ousada, mas também tive nas mortes muito precoces que vivi um enigma a decifrar com urgência. Meu pai morreu quando eu era um bebê e, pouco tempo depois, meu avô completou o vazio. Como Ana, também perambulei pelos corredores das casas tentando entender os mistérios da morte e do sexo. Criança insone, criava raciocínios estranhos para me orientar, como os silvos dos morcegos mapeiam a escuridão.

Há no final filme uma declaração da personagem já crescida, que diz: “Não sei por que certas pessoas se referem à infância como a época mais feliz de suas vidas. Eu lembro os meus dias de criança como um período interminável, monótono e triste, onde o medo dominava tudo — medo do desconhecido. Para mim, o paraíso infantil não existe. Não acredito na bondade, nem na inocência das crianças”.

Essas palavras ilustram o duro trabalho dos pequenos, que empregam seus poucos recursos para escutar além do dito e enxergar atrás do visível. Sua lógica não dá conta das charadas da vida, as quais nem depois de grandes chegamos a solucionar. Ana tem razão, principiantes não são inocentes, no sentido de ingênuos, superficiais.

Cría cuervos y te comerán los ojos (Cria corvos e te comerão os olhos), diz o ditado. Embora inofensivas e fantasiosas em relação a seus poderes, crianças também são esses seres temidos que podem ter pensamentos agourentos e comportamentos arredios. Sua percepção é perigosa, investigam, descobrem e julgam os segredos dos seus adultos. Compensam sua fragilidade com curiosidade e imaginação.

Dessa vez é o Lobo quem faz a pergunta: “Para que esses olhos tão grandes?”.

“Para te decifrar melhor”, respondem as Chapeuzinhos de olhos grandes...

O nada raro prazer de se matar

O poeta Mario Quintana dizia: “Fumar é uma forma disfarçada de suspirar”. O suspiro é uma expressão aérea da angústia, mas também do alívio. No ar do suspiro escoam uma quantidade de sentimentos que já estava saindo pelo ladrão. A expiração prolongada e sonora livra-nos da gota d’água que produziria o desborde. Com essa capacidade de condução que o ar tem, não parece nada estranho, portanto, que tenha ocorrido aos homens preencher de fumaça o entra e sai de ar, e ainda arrancar algum prazer deste automatismo do corpo.

Nosso corpo é impregnado de significados, contaminado de emoções, nada permanece natural, como ocorre com os animais não domesticados. Quando estamos com problemas, ficamos sem fome ou comemos a casa toda, e isso não coincide com as necessidades de reposição de energia do corpo. Incrementamos a alimentação com maravilhas para ver, cheirar e saborear, pois comida é simbólica, devoramos ideias, conforto, desejos. Fumar é comer iguarias com os pulmões.

O tabaco também funciona como uma espécie de ansiolítico, proclama uma trégua. A satisfação proveniente do tabagismo é como um curativo: se bem não elimina as feridas da alma, as encobre, tira da vista. Lutamos contra um vazio crônico e não sabemos do que sentimos falta, então vamos nos convencendo de que deve ser do cigarro. Quando passar o efeito e novamente a angústia vier, o alívio está ao alcance da mão e vende-se em todos os lados.

Além da química da nicotina, há o valor social agregado: a fantasia de que fumar conduz ao sucesso, empresta certo *charm*, faz sentir-se *free*, a propaganda veste o produto de gala. é irônico que uma substância que causa adição possa se chamar “livre”, mas talvez não seja uma mentira completa, pois somos livres para nos matar.

Paradoxal, o cigarro é vida e morte ao mesmo tempo. Se respirar é viver, fumar sensualiza o trânsito do ar pelo aparelho respiratório. Pausada e prolongada, a respiração transcende a mera função fisiológica. A fumaça torna o ar visível,

enche-o de cheiro, conscientiza o ato de respirar. Mas também o cigarro é morte, a cada cigarro que se fuma abre-se mão de um pouco da vida que nos resta, coisa que a princípio ninguém faria em sã consciência. Porém, de algum modo, preferimos controlar ativamente a morte em vez de gozar passivamente a vida com que fomos agraciados. é como se tivéssemos controle do nosso prazo e quiséssemos uma forma prazerosa de liquidar com ele. é uma inútil bravata letal contra o destino.

Desde que a sociedade cansou de pagar a alta conta do tabagismo, as propagandas têm investido no aviso dos malefícios do vício para a saúde. A questão é que isso não inibe os viciados. Inclusive muitos fumantes brincam ao comprar seus cigarros, pedindo ao vendedor: “Não quero aquele que causa impotência, me dá o do câncer de pulmão”. Por isso, outra modalidade muito bem bolada de combate ao vício são os anúncios, principalmente dirigidos aos jovens, associando a verdadeira liberdade a prescindir de adições, pois o fumante é de fato um escravo, a ideia de que o não fumante é original, descolado. Não adianta só dizer que mata, é preciso elogiar a abstinência, melhor ainda, garantir que os não fumantes também sabem gozar a vida. Além disso, há cada vez mais práticas difundidas, ligadas à yoga e outras formas de meditação e exercícios, nas quais se aprende a controlar e sentir prazer com a respiração. Elas têm um único defeito: não matam.

Convém acrescentar que, se teremos muito trabalho para erradicar esse vício, é porque o consumo do cigarro se encaixa como uma luva no mundo que construímos. O mercado de consumo que hoje nos governa alimenta-se daqueles que acreditam que a satisfação mora num objeto perfeito e passível de ser comprado. Embora pareça uma inocente lei do mercado, assunto para economistas, esse atributo está na origem das toxicomanias. O cigarro é apenas a mais popular e legalizada das drogas.

Quando qualquer objeto ou bem é vendido, desde uma casa, um carro, um sapato, perfume, brinquedo até um eletrodoméstico, vem embutida na compra a ideia de que você está adquirindo algo imprescindível, que certamente o satisfará. é claro que isso não acontece, pois logo estamos pensando em comprar mais alguma coisa, trocar aquele que temos por algo maior ou melhor. Tudo aquilo que teoricamente nos satisfaria está fatalmente condenado a produzir insatisfação. Esta última é a água que move o moinho do desejo e garante a

circulação de mercadorias.

Já pensou se houvesse um objeto que fosse capaz de realmente satisfazer o consumidor, o desejoso? O que uma megacorporação não investiria para produzir e vender esse objeto de desejo definitivo! Ele existe, é a droga. O fumante que se encontra com seu cigarro não precisa de mais nada, sente-se completo por uns instantes, de forma similar a um viciado que consome qualquer outra substância tóxica, do álcool ao crack. A morte, nesse caso, não é uma má notícia ou um agouro que seja levado em conta, não há amanhã para o encontro com o prazer, ele deseja ser um eterno agora. Se uma vida se resumir a esse encontro, ele pode ser letal, nada mais importa, o resto do mundo se apaga. Fumar, embora seja uma forma disfarçada de suspirar, é acima de tudo uma maneira explícita de consumir.

Ruiva indomável

Com indescritível assombro, pois não há experiência tão mágica quanto o parto, dei à luz uma princesa ruiva. De signo de fogo, me disseram. Signo ou não, mostrou-se um fato, desígnio de suas cores. Poucos anos depois, uma vigorosa morena já saiu opinando de minhas entranhas, assim segue pela vida. Os anos passam, a vida das três mulheres que somos se entrelaça, nos transformamos. Meus cabelos brancos evidentemente cobiçam o viço das belas mulheres que aqueles bebês se tornaram. Mas há muito mais que uma bruxa invejosa na alma das mães de mulheres contemporâneas. Na dúvida, assista a *Valente* (*Brave*, 2012), um filme de animação infantil.

Se quiser indagar o futuro, busque seus sinais no rumor do cérebro daqueles que hoje ainda são crianças. Os que tentam cativá-las com produtos culturais já não são crianças, mas certamente usam a bússola dos desejos delas para criar o roteiro de suas tramas, são atentos à infância como poucos. Novos tempos pedem novas ficções, novas mulheres precisam de novas heroínas para se inspirar. Temos testemunhado isso com a transformação da tradicional Branca de Neve, de Rapunzel e outras, assim como o surgimento de novas formas de ser princesa. Até a Bela Adormecida terá que dar jeito de ficar mais desperta e esperta.

Com roteiro elaborado por duas mulheres, Merida, a protagonista dessa história, pertence à linhagem de princesas de cabelo vermelho, que já tinha em Ariel (*A pequena sereia*) e Fiona (*Shrek*) boas representantes. A jovem princesa é uma dona de indomável melena ruiva e cacheada. Aliás, em Portugal o título original do filme foi traduzido para *Indomável*, expressão que melhor lhe cabe. Seu espírito é como seus cabelos, prefere o arco e flecha às lides domésticas, é exímia nessa arte. Em casa se compraz nas narrativas de lutas do pai, um gigante ruivo que perdeu sua perna no combate com um urso. Ela é uma legítima filha de seu pai, partilha com ele as cores e os prazeres viris, reconhece-se melhor nele do que na doçura severa e contida da mãe.

Chegada a idade casadoura, vê, apavorada, apresentarem-se os herdeiros dos clãs aliados do reino, candidatos à sua mão, dos quais nenhum remotamente se assemelha a um príncipe desejável para seu gosto. Rompendo com a tradição, para desespero da mãe, ela conquista a própria mão no torneio de arco e flecha, fugindo para a floresta, coberta de ódio pela tentativa desta de submetê-la ao detestável destino de esposa.

Eis então, numa série de reviravoltas, que ela inverte vários papéis das princesas dos contos de fadas tradicionais. Em primeiro lugar, com ajuda de uma bruxa mercenária, ela dá um alimento enfeitiçado para a própria mãe, similar à maçã envenenada da *Branca de Neve*. O objetivo do ardil havia sido influenciá-la para que ela fosse levada a compreender os desejos diferentes da filha. A magia produz um efeito inesperado: transforma a mãe justamente num temível urso, principal inimigo do pai, o que a coloca em grande risco.

A partir desse resultado, ambas terão uma jornada de aprendizagem. à filha cabe descobrir o poder feminino, oculto sob a camada de docilidade e submissão da esposa e mãe. Constata que o reino, sem a sabedoria da rainha (que estava ausente, escondida, como um urso), transforma-se num pandemônio de testosterona des governada. à mulher sempre coube, na vida e neste filme, o papel civilizatório de domar a barbárie masculina para que se alimentem, se limpem e se comportem feito gente e não como animais.

Já à mãe de Merida, sua nova forma animalesca lhe proporcionou a aventura de experimentar na pele a liberdade que sua filha tanto quer preservar. Como urso, descobre-se poderosa em combate (nunca duvidamos da fera que sabe ser uma mãe em defesa de suas crias), enquanto se apraz da desenvoltura de um corpo despido das amarras do pudor e da mímica contida do cotidiano das mulheres.

Os contos de fadas clássicos têm várias histórias de “noivo animal”, das quais *A bela e a fera* é a remanescente mais popular. Nesse caso, temos a inédita versão de uma Mãe Animal. No reino mágico, frequentemente a personagem passa por transformações no corpo que vão ilustrando o caminho das mutações da alma. A passagem pela identidade animal nessas histórias costuma ter fins educativos, é uma espécie de lição. Foi assim na história da Fera, que perdeu a identidade de um belo príncipe para obrigá-lo a despir-se da soberba.

Aqui, a mãe perde a delicadeza, assume uma forma masculina, poderosa, é

obrigada a sentir-se na pele daquele animal que assombra até o próprio rei. O urso, versa a tradição folclórica, precedeu o leão na condição de rei dos animais. Ele tem grande pregnância simbólica por ter uma espécie de lar, a caverna. A rainha-mãe, que não compreendia a identificação viril da filha, é obrigada por ela a vivenciar o outro lado da moeda das identidades sexuais em sua forma mais selvagem. Aprende-se duramente nos velhos e nos novos contos de fadas!

A sina desses feitiços somente se encerra quando uma expressão de amor revela-se maior do que qualquer repulsa que a versão animalesca possa suscitar. Neste caso, para mãe e filha. Ambas precisaram fazer esse percurso para aprender a amar-se. A filha viu surgir na mãe essa forma primitiva, uma ursa. Esse enorme animal tem um igualmente grande potencial simbólico: também se presta para a representação da maternidade. Não é totalmente estranho ver a maternidade misturada com algo inquietante, pois essa mesma natureza que nos expulsou para a vida não raramente ameaça nos reincorporar. Por isso muitos homens desenvolvem dificuldades sexuais em relação àquelas que, outrora desejadas, tornam-se mães. A ursa, gigante peludo que hiberna para dar à luz, é uma tentadora figuração da mãe, acolhedora, protetora e feroz.

Cobiçadas e temidas, subjugadas e imprevisíveis, há milênios as mulheres iniciam suas filhas nessa arte do poder invisível. A princesa ruiva de *Valente* espera viver sem esse espartilho dos bastidores, da dissimulação, antigo campo de força das mulheres. Agora, a liberdade de movimentos e de opções, as escolhas e realizações que não dependem do amor e muito menos de um homem são, sim, opções válidas para as garotinhas que hoje comem pipoca no cinema. Já o são para suas irmãs mais velhas ou jovens mães.

Nossas bisavós viram o arco e flecha tomar o lugar da linha e da agulha e tiveram que suportar a transformação das suas filhas em seres livres; desgarrar-se da identidade clássica feminina associou-se assim a uma libertação da mãe. As herdeiras das conquistas feministas sentem-se permanentemente na contramão de suas mães. Mesmo que estas sejam poderosas, políticas, executivas, cientistas, artistas, sexualmente livres, separadas, mães solteiras, enfim, vivam quaisquer das novas formas de vida das mulheres, as filhas ainda as questionam, suspeitam-lhes uma servidão interior da qual se querem libertas.

Nesse filme, a descoberta da jovem princesa passa por encontrar amor e admiração pela mãe, tudo aquilo que julgava ter descartado enquanto opção de

identificação. A identidade viril é uma coletânea de certezas, gestos de afirmação e vitórias mensuráveis, numa cultura pautada pela legitimação de seus feitos. Nessa arena, as novatas têm se revelado exímias, como Merida com seu arco, mas ainda sentem-se estrangeiras, ilegítimas.

Talvez esse sentimento de serem estrangeiras, párias, que as mulheres vivenciam nos territórios tipicamente masculinos, não seja apenas pela sua condição de novatas. Esse jeito de estar pouco à vontade talvez se deva também ao fato de que sacrificaram a identificação com a mãe. A princesa ruiva porta os traços do pai, carrega a certeza dessa filiação em suas paixões pelo domínio do que outrora era vedado a seu sexo, mas precisa saber o que fazer com o legado feminino que também recebeu. Nele, não se reconhece *a priori*, a aventura nesse caso é a de se saber mulher e por isso agora o desafio encontra-se do lado da mãe. Dessa vez, a progenitora abandona o tradicional papel de rival para se tornar o mistério a ser decifrado, um amor a ser reconhecido.

é pelo amor da filha que a mãe de Merida volta à forma original, quando a jovem admite o que aprendeu com ela. Já a rainha ressurgiu marcada pela jornada de questionamento, precisa ver na sua descendente alguém capaz de escolhas, originalidade, opções que revolucionaram a vida de ambas.

As mulheres têm mudado vertiginosamente nos últimos séculos, mães e filhas sofrem, aprendem e se beneficiam com essa eterna mutação, sua relação é uma montanha-russa de sentimentos. Já que indômitas, temos que ser, de fato, valentes para viver juntas tudo isso. Sou grata às minhas princesas irreverentes pelo tanto que seguem me revolucionando, pelo amor com que me permitem ensinar-lhes algo, pela parceria na infinita descoberta do que é ser uma mulher.

Ensaio

Sem medo de Virginia Woolf

Tudo começou em 1879. Uma senhora norueguesa abriu a porta de casa e abandonou a família. Seu gesto surpreendente é até hoje lembrado, foi um divisor de águas na história das personagens literárias femininas. Para onde ela foi, nunca ninguém soube.

As mulheres de hoje, suas descendentes, já têm acesso ao que ela foi buscar: a si mesma. Mas, para descobrir isso, elas tiveram ajuda. No meio do caminho nasceu uma inglesa que se tornaria escritora, cujo maior mérito foi revelar alguns segredos sobre o pensamento feminino. Muitos deles eram ignorados até pelas próprias mulheres, que não ousavam confessá-los nem a si próprias. A escrita de Virginia Woolf ajudou a dar voz a esses pensamentos e assim forjar um lugar para as mulheres. Depois disso, elas fizeram mais do que ganhar os merecidos direitos civis. Após escutá-las ninguém viu o mundo do mesmo jeito, ele se tornou mais feminino.

Essa ousada personagem foi Nora, a protagonista de *Casa de bonecas*, uma peça de Henrik Ibsen. Sua história inaugura nossa reflexão devido a essa saída inédita. Depois de um desentendimento com o marido, ela virou as costas e partiu rumo a um destino desconhecido por todos. Foi cuidar da própria vida.

Nora foi provavelmente a primeira mulher da literatura a fazer isso. Outras já tinham abandonado o lar, a maioria delas em nome do amor, algumas o fizeram por um ideal ou mesmo em defesa da honra da sua família de origem, mas jamais havia sido em nome próprio.

Incrédulo, o marido a chamou para seus deveres sagrados de esposa e mãe. Ela era uma esposa tradicional, entregue à proteção de Helmer, seu marido, que a chamava de “cotovia, esquilinho, dona gulosa, mulherzinha teimosa”. Para ele, a mulher não passava de uma criança mimada. Porém, aquela que era uma bonequinha tornou-se um ser humano de verdade e declarou: “Tenho deveres igualmente sagrados para comigo mesma”. Cai o pano.

Quando escreveu essa peça, Ibsen sequer suspeitava a revolução que a história

de sua Nora significava. É preciso entender o quanto isso foi estranho: estávamos no século 19, o voto feminino era quase inexistente e praticamente não se permitia às mulheres qualquer tipo de direitos, patrimônio, liberdade ou voz. Historicamente, a identidade da mulher construiu-se na negação de si, sua condição era sinônimo de entrega.

Foi necessário esperar até o início do século 20 para que a literatura de Virginia Woolf desse voz àquelas que já começavam a sentir-se livres e nos permitisse entrever o que Nora descobriu nesse encontro consigo mesma. É como se a mulher tivesse passado décadas vagando em busca de um lugar para si. Por isso começamos este relato com a partida de Nora e o encerraremos com a descrição de um lugar que Virginia destinou às mulheres: ele é o mote de um ensaio intitulado justamente “Um teto todo seu”, publicado meio século depois do livro de Ibsen.

A VIDA, AOS OLHOS DELAS

Flaubert, Balzac, Tolstói e outros também nos contaram histórias de mulheres que romperam com seu lugar tradicional. Personagens como Emma Bovary e Anna Karenina derrubaram bastilhas domésticas, mesmo que lhes custasse a vida. Esses autores veicularam suas críticas sociais através da voz dessas personagens femininas, mas não as pouparam das terríveis consequências disso. Pouco antes de Nora, elas tentaram várias saídas, mas em geral afogavam-se no amor, único horizonte que tinham coragem de vislumbrar.

Antes dessas famosas heroínas trágicas, Jane Austen, nascida em 1776, a quem não se pode chamar de revolucionária, retratou mulheres inesquecíveis por seus traços de caráter irreverentes. Confinadas sob o imperativo de se dedicar ao lar, não se atreviam a questionar a ordem das coisas, mas sua inteligência e argúcia discursiva desnudavam a sociedade da época. No casamento, seu único horizonte, elas exerciam o direito da escolha, talvez a primeira conquista em termos de liberdade de que as mulheres puderam se orgulhar. Suas personagens faziam-se amar pelo espírito livre, valorizavam nos homens a sensibilidade e condenavam-lhes a soberba. Pouco rompiam nos atos, não se atreveriam a

considerar como questões políticas as limitações que lhes eram impostas, mas suas exigências amorosas davam nova relevância às palavras e aos valores delas. Talvez a isso se deva sua atualidade.

O fato de uma jovem ser crítica e eloquente já não é mais surpreendente, mas os homens ainda sofrem para entender os critérios que elas usam para escolher um amor. A mulher deixou de ser uma súdita para se tornar uma incerteza. Eles se perguntam o que elas querem deles e esforçam-se por compreender o sentido do que escutam das suas amadas. Uma nova sensibilidade, para a qual ambos os gêneros foram convocados, surge nessa época em que o valor de um homem passa a se submeter a critérios diferentes, que antes seriam considerados pouco viris.

Desde que o século 18 fez da igualdade, liberdade e fraternidade valores imprescindíveis, para chegar ao poder tornou-se necessário esclarecer, convencer, negociar, justificar, pelo menos na aparência. Os representantes serão, a partir de então, julgados e avaliados pelos cidadãos; assim como os pretendentes pelas mulheres.

Nos diálogos de Austen, a sinceridade era um valor maior do que a bravura, pois era considerada equivalente à coragem de ser autêntico. São novos tempos, em que é vergonhoso que as aparências enganem, e, quando se trata de enxergar o que sempre se ocultou sob o tapete, lá está uma mulher.

O romance *As horas*, de Michael Cunningham, publicado em 1998, tem como protagonista a escritora Virginia Woolf. Numa passagem desse livro, a autora, transformada em personagem de ficção, ao despertar pensa: “Pode ser que seja um bom dia; precisa ser tratado com cuidado”. Palavras muito simples, que sintetizam bem o espírito propriamente feminino da obra dela: cada dia é muito frágil, a própria vida se sustenta em um delicado equilíbrio. É sobre essa finura do tecido da vida real que ela mais escreve.

Como ensaísta, Virginia foi feminista; em sua literatura, foi feminina. Porém, ela não tomava isso como uma característica discursiva intrínseca a um ou outro sexo, mas sim como uma espécie de “estilo de gênero”. Percebia um modo de dizer característico que acabou se desenvolvendo entre os que compartilharam certo destino que a história impingiu à sua anatomia. Ela achava que deveria buscar-se a voz feminina na literatura, não importando se as palavras brotassem de uma mulher ou de um homem, pois era defensora de uma androginia na

escrita.

Além das questões de gênero, que sempre foram explícitas em seus ensaios, em termos temáticos era a persistência da vida o que a intrigava. Queria saber do que vivem as pessoas, qual seu alimento emocional, de onde tiram motivos para cada nova jornada. Por que seguem adiante, perguntava-se, mesmo os que parecem ter tão pouco para levar consigo? O que mantém a marcha do mendigo, o esforço dos obreiros, a rotina dos burocratas? Era uma questão nada estranha para uma mulher, afinal, elas sempre existiram em nome de coisas sem importância, feitos ignorados ou considerados secundários. Apesar disso, geraram vidas, zelaram por elas; de onde tiraram a condição para seguir adiante, geração após geração? Ela nos ensinou a ver a vida por dentro, como uma peça de roupa virada ao avesso. No tecido da existência, cada momento é um ponto dado, e é ali, no traçado dessa agulha, que encontramos a mão de uma mulher.

Saber o que as mulheres querem foi a pergunta que sempre reverberou (o próprio Freud a considerou irrespondível), mas me parece mal colocada. Convém mesmo é saber como elas pensam. Essa questão clássica sobre o querer delas aponta para uma suposta insatisfação crônica na porção fêmea da humanidade. Se a resposta fosse encontrada, a expectativa seria de reduzir a inquietude delas com uma suposta saciedade: um objeto certo calaria seu desejo e, com muita sorte, cegaria seu olhar crítico. Nada feito, não é desejo insatisfeito, é de uma visão peculiar da vida que se trata. A literatura de Virginia Woolf aponta um caminho para conhecê-la um pouco melhor.

Não foi fácil para ela se permitir escrever e ainda se dar ao luxo de encontrar seu tom. Teve que matar um fantasma: o *anjo da casa*. Era assim que denominava o papel feminino, a conduta recomendável para uma mulher, ainda no início do século 20. O nome dessa personagem foi tirado de um poema, famoso em sua época, que descrevia o que era esperado de uma mulher: ela deveria comportar-se como um espírito mágico, a zelar pelo bem-estar de todos; sua pessoa nunca ocuparia um lugar visível; sua presença fantasmagórica reinaria sobre a atmosfera da casa, orquestrando a harmonia do ambiente.

Na contramão dessas prescrições, Virginia trabalhou no início da carreira como crítica literária, posição rara para uma mulher, pois implicava julgar a obra de escritores homens. Suas dificuldades no ofício da escrita, ela assim as definiu, numa conferência pronunciada em 1931:

Quando eu estava escrevendo aquela resenha, descobri que ia ter que combater um certo fantasma. E o fantasma era uma mulher. Era ela que costumava aparecer entre mim e o papel quando eu estava escrevendo resenhas. Era ela que me incomodava e roubava meu tempo e assim me atormentava tanto que afinal eu a matei.

Naqueles dias — os últimos da rainha Vitória — cada casa tinha seu Anjo. E, quando fui escrever, topei com ela já nas primeiras palavras. A sombra de suas asas caiu sobre a página; ouvi o farfalhar de suas saias no quarto. Na mesma hora, isto é, quando peguei a caneta em minha mão para resenhar aquele romance do homem famoso, ela deslizou por trás de mim e sussurrou: “Minha querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja complacente; seja terna; adule; iluda, use todas as artes e truques de seu sexo”. Eu me virei contra ela e agarrei-a pelo pescoço. Fiz o possível para matá-la. Minha alegação, se tivesse que comparecer a um tribunal, seria legítima defesa. Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração da minha escrita.

O retrato dessa luta não é estranho a cada mulher ainda hoje, pois o anjo da casa equivale à imagem idealizada da mãe, aquela que todas acham que deveriam ser, a mesma que tanto os homens quanto as mulheres gostariam de ter tido. Para as mulheres, é necessário exorcizar esse modelo para poder dizer o que acham e querem, até mesmo para si mesmas. Porém, não é difícil deduzir que ficar privadas dessa mãe de fantasia equivale a ficar órfãs, e é sobre essa peculiar experiência feminina, de ruptura e desamparo, que quero me delongar.

Começaremos com uma das personagens de Virginia, que não foi a primeira a brotar da sua pena, mas teve o privilégio de se tornar um clássico. Clarissa, a

Sra. Dalloway, é a protagonista de um dos livros mais populares de Virginia Woolf, escrito nos anos 20.

Trata-se da narrativa de apenas um dia na vida de uma dona de casa comum. Sua existência gravita em torno de seu marido “Richard, que era o fundamento de tudo isso”, como pensava ela. Na ocasião, Clarissa está dando uma festa, um evento importante para a carreira dele. O romance transcorre enquanto ela prepara essa recepção e se inicia com uma frase que já é famosa: “A sra. Dalloway disse que ela mesma ia comprar as flores”; encerrando com o fim da festa. Não há mistérios, suspense nem surpresas, só a festa, o pensamento da protagonista e de várias pessoas que cruzam com ela ao longo daquela jornada.

À noite, o marido de Clarissa recebe os convidados que lhe convêm e a acolhida organizada por ela é perfeita, como previsto. Não seria esperada outra coisa daquela de quem seu melhor amigo, Peter, dissera ter nascido para ser a perfeita anfitriã: “ela ia desposar um primeiro-ministro e ia se postar do alto de uma escadaria”, vaticinara ele. Ela chorou ao escutar isso, sentiu-se insultada, afrontada em suas expectativas de fazer algo maior. À jovem que ela era na época, parecia medíocre o destino de passar a vida como senhora de um espaço arrumado, mas vazio, preparado para acolher. Peter previra que junto dela estaria garantido o bem-estar de todos: seriam sempre convidados, quer fossem os filhos em seu ventre, familiares ou os convivas de uma festa. É como se ele a houvesse condenado a ser o anjo da casa, a perfeita guardiã de um lugar — ou melhor, ela seria o próprio lugar.

SER UM LUGAR?

Fazer-se de espaço é diferente de se sentir equiparada a um objeto qualquer que o ocupa. Um objeto preenche o vazio, onde quer que esteja lá haverá algo, equivale a uma presença, é o cheio. Já o espaço é somente espera, é o vazio em si. É a esperança de conter tudo ao que se fizer jus, o que couber, é a consciência da ausência. Esse tem sido o papel clássico das mulheres: esperar, conter, preservar, cultivar o que nelas se semeia, proteger o que em seus braços se deposita, retomar o que delas se afasta. As mulheres aprenderam a ser esse lugar disponível, silencioso e vazio. Quando foram incluídas na vida pública, elas levaram consigo as vivências oriundas dessa posição.

Não vem sendo fácil escutar o que elas têm a depor. Diz-se que são tagarelas e superficiais, não confie nisso. A conversa fiada é só para se distrair de si, ninar-se com a própria voz, adormecer a angústia, encarar o inegável desamparo. Incluí-las, dar-lhes voz, é um desafio para ambos os gêneros, obriga a entrar em contato com essa experiência sinistra de conter sem jamais se sentir contida.

A figura angelical, essa mesma que Virginia considerava que as mulheres tinham o fardo de encarnar, é um tesouro que todos julgamos ter no secreto cofre do nosso passado. Imaginado como a relação entre a mãe e o bebê, cada um constrói para si esse cenário saudosista, essa terra de ilusão onde se espera que alguém possa prover tudo para um outro que ainda é pouco mais que nada. Esse enlace aparentemente perfeito é preservado em sonhos, fantasias, e por muito tempo acreditou-se que a existência das mulheres reclusas em algum tipo de gineceu lhe garantiria a veracidade.

Ao voltarmos a um lugar que supomos já ter habitado, nem que seja imaginariamente, queremos encontrá-lo intacto. Ele deve permanecer depositário de mais do que memórias, deve oferecer a ilusão de permitir um acesso possível ao que já deixamos de ser. Espera-se que cada mulher seja como um túnel do tempo, uma espécie de portal para esse paraíso perdido. Seu papel deveria ser o de permanecer à espera para que todos reencontrem, na volta, quem eram. Todas seriam eternas Penélopes, por décadas mantendo o mundo de Ulisses intacto, à espera do aventureiro infiel. É por isso que a perda de um pai deixa-nos com saudades dele, enquanto a morte de uma mãe encontra-nos carentes de nós mesmos.

Quando uma mulher começa a questionar, o acesso que nos conecta ao mágico reservatório de segurança se dissolve. Ao dizer de si ela protagoniza, ousa fazer-se também de objeto em vez de espaço; ocupa o lugar de figura, deixando de ser apenas um fundo. Se ela abandona esse lugar representado pela mãe, nossa alma fica sem lar.

O discurso feminino revela que o amor da mãe, ou melhor, esse porto seguro representado pela sua personagem, não passa de frágil cenário. Acabamos descobrindo que sua presença é cheia de ausências, que seus braços perdem a força e seus olhos se desfocam. Ela nunca está plenamente disponível e cai em seus próprios desvãos com assustadora frequência.

Através da experiência de encarnar o vazio, a espera, as mulheres se habilitaram a revelar detalhes a respeito de um lugar difícil de descrever. Virginia Woolf aprendeu a chamá-lo de *âmago escuro*, que é uma espécie de buraco negro onde as certezas são tragadas. As mulheres frequentam esse lugar, ele é um de seus estados de espírito.

A condição feminina obriga a conviver com uma espécie de lapso, um vacilo quase imperceptível no sentimento de ser e estar em algum lugar. Nele, o pensamento duvida, distrai-se de si. Ao perceber isso, sentimos como se a morte sutilmente sussurrasse ao nosso ouvido: tudo que existe pode desaparecer ou ser diferente. A mulher conhece o vazio porque aprendeu há milênios a fazer-se de espaço. Eis a origem de sua forma de certo modo desencantada de ver. Era por isso que a escritora insistia em celebrar e surpreender-se com a continuação e a persistência da vida.

As mulheres vêm sendo associadas ao discurso sobre o amor virtuoso, frequentemente à luxúria, por épocas encarnando a tentação, por outras o altruísmo ou mesmo a frivolidade. Porém, o buraco é mais fundo: acima de se focar nos relacionamentos, de desenvolver as artes da sedução, foram as personagens literárias femininas que melhor retrataram a fragilidade do amor.

As personagens masculinas têm vivido sucessos e fracassos nas conquistas, é deles a revelação das ambiguidades da alma de Don Juan, que faz parte do desafio viril. Eles também sofrem, mas principalmente quando os resultados fogem ao seu controle e compreensão. Queixam-se das consequências de terem se tornado escravos de um desejo obsessivo, ou quando se julgam vítimas das manipulações de alguma fêmea ardilosa. Já elas, refiro-me às personagens femininas e não necessariamente às escritoras, falam dos desencontros, dos laços desfeitos, do esvaziamento dos sonhos compartilhados. São porta-vozes da triste notícia de que o amor acaba, em si ou no outro.

Pergunte a uma mulher se ela acredita em um vínculo pleno e duradouro; você escutará, quer ela o diga em palavras, quer não, que a única eternidade que ela conhece é a da solidão. Na dúvida, consulte as heroínas mais populares, que nos acompanham desde o século 19, quando a literatura aprofunda-se na intimidade. Temos a triste Júlia, conhecida como *A mulher de 30 anos* (1842); Margarida, a sacrificada *Dama das Camélias* (1848); Emma, a fantasiosa *Madame Bovary* (1857); Hester, a heroína marcada de *A letra escarlata* (1850); *Anna Karenina*, uma esperançosa desiludida (1877); e Nora, que saiu porta afora da *Casa de bonecas* (1879), para citar algumas das ancestrais de Clarissa, a *Sra. Dalloway* (1925).

Com a libertação feminina, como trazida dentro de um cavalo de Troia, deu-se visibilidade a um ponto de vista que é próprio delas. É uma filosofia inconsciente, traduzida em gestos, que pode ser pressentida em seus atos, temida por ambos os sexos. Há algo na condição feminina cuja essência é de difícil representação para homens e mulheres. Trata-se dessa forma de ser espera, de olhar de fora, da possibilidade de não pertencer, de não participar.

Na mesma ocasião da festa da sra. Dalloway, em paralelo à narrativa das providências que ela ia tomando e do que ela foi pensando ao longo desse dia, são contados o enlouquecimento e o delírio que culminam no suicídio de um jovem soldado. Ela recebe a notícia de sua morte, que acaba sendo objeto de conversas na festa, e fica perturbada, precisa retirar-se um pouco para refletir.

Essa passagem de forma alguma deve ser reduzida ao prenúncio do final da vida da escritora, que 15 anos e vários livros depois dessa obra entrou nas águas de um rio com os bolsos cheios de pedras. Em *Sra. Dalloway*, mais do que sobre a morte, reflete-se sobre o que nos atém à vida.

Woolf, assim como outras escritoras mulheres, Clarice Lispector entre nós, colocou em palavras como poucos a forma como o cotidiano repousa sobre uma fina camada de sentido que a qualquer momento pode romper. Marchamos pela vida como um caminhante sobre as águas, é quase mágico que o façamos. Talvez, se fôssemos conscientes de tal proeza, afundaríamos, como ocorreu com ela.

A vida, à qual Clarissa Dalloway empresta sentido e encanto ao cuidar de cada detalhe, está pronta para se mostrar estranha a cada momento. A diferença entre ela e Richard, seu marido, é que como anfitriã ela é consciente de fazer-se

cenário. Ele seria como um ator que não duvidasse da veracidade do papel que desempenha, supondo que palco e realidade fossem o mesmo lugar. Já ela conhece e orchestra os bastidores nos quais a ficção maquia-se para fingir que é de verdade. Richard é um homem politicamente influente, vive uma realidade inquestionável, no mesmo espaço e tempo onde sua mulher está pronta para enxergar uma fantasia que pode estourar como uma bolha de sabão. Duas visões legítimas, dois lados da mesma moeda.

Em 1929, em um ensaio intitulado “Um teto todo seu”, Virginia comenta que “as mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural”. Vinte anos depois, em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir descreve como as mulheres se fazem de “Outro” para que os homens possam sentir-se “Um”. Essas são conjugações da anfitriã, formas de ser cenário, de se fazer de fundo para ajudar a montar a figura do marido e consequentemente de sua esposa. A masculinidade nutriu-se de certezas cultivadas nesse terreno feminino, o patriarcado assentou-se nesse jogo de luz e sombra. Abridadas sob a sombra desses fundamentos viris que elas mesmas ajudaram a cultuar, as mulheres os tornaram, como dizia Clarissa, “o fundamento de tudo”.

Na inauguração de cada nova pessoa existe uma cena de imaginária complementaridade entre a mãe e o bebê. Todos os filhos têm gratidão e saudade desse momento brevemente vivido e para sempre fantasiado. Já para a condição feminina trata-se de uma vivência dupla: cada mulher é como o bebê que foi e também como a mãe que poderá ser.

Vistas desde esses dois diferentes prismas, essas paragens maternas não passam de areia movediça. Para as filhas mulheres a ausência da mãe tem uma presença confirmada, elas sabem disso a partir da própria forma de pensar. Assim nasce a relação delicada e conflituosa das mulheres com sua mãe, que Freud considerou essencial para entendê-las.

A partir dessa inquietação inicial, uma insegurança básica passa a assombrar a condição feminina. Refletida no espelho, a imagem da mulher vacila, sente que não se vê. É que no espelho materializamos a expectativa de ser o foco do olhar alheio, é dele que recebemos os contornos e todos nós queremos ser “de encher os olhos”. Arruma-se o cabelo, ajusta-se a expressão, retoca-se a maquiagem, ergue-se a sobancelha, ajeita-se o bigode, enfim, compõe-se o quadro em que julgamos estar mais bem retratados, depois disso podemos virar as costas, guardando esse conjunto na memória, à guisa de autoimagem. Mas uma imagem não existe sem o olhar que ela deve atrair.

Para uma mulher, a encenação do cotidiano não é suficiente para convencê-la de nada. Carece da confiança cega na presença da mãe e torna-se esquiva. Por isso, nunca se jogará no vazio, certa de ser amparada na queda, assim como não consegue reter a certeza do olhar dos outros. Indaga, confere no espelho, carece de palavras de consolo. A ausência de elogio deixa-a perdida no labirinto sem saída do próprio olhar.

Talvez como antídoto, ao longo dos últimos séculos as mulheres vêm acumulando o conhecimento do aconchego. Aprendidas na consciência das próprias fragilidades, as habilidades maternas dão o que gostariam que fosse suficiente, definitivo. Ao gênero feminino coube ninar a humanidade, adormecê-la da angústia, essa velha conhecida que se nutre de incertezas. Nas palavras de Clarissa, essa função se explicita:

Aquele era seu eu quando algum esforço, alguma exigência para que fosse ela mesma juntava as partes, que só ela sabia o quanto eram diferentes, o quanto eram incompatíveis e que apenas para o mundo se recompunham assim, num único centro, num único diamante, numa única mulher que se sentava em seu salão de festas e tornava-se um ponto de encontro, uma irradiação, não havia dúvida, para algumas vidas apagadas, talvez um refúgio para o qual acorriam os solitários.

No meio da festa, quando se recolhe por uns momentos em seu quarto após escutar a notícia do suicídio do jovem soldado, o que ela encontra nessa cobiçada intimidade não é a certeza de si. Espera-a um vazio que lhe é familiar, e esse momento é descrito assim: “Havia um vazio no âmago da vida; um sótão”. É nele que se reconhece. Essas saídas de cena são a marca das personagens femininas de Virginia Woolf.

Escrito três anos depois, *Rumo ao farol* traz outra personagem inesquecível da obra da autora: a mãe da família Ramsay. Na história de Clarissa o foco é o pensamento da personagem central, sua voz interior é o fio da narrativa. Já nesse livro é apresentada uma família na qual a figura da mãe polariza, mas não ocupa o lugar de narradora privilegiada. Ela atende pelo nome genérico de sra. Ramsay e é o eixo em torno do qual cada um dos seus busca um lugar. O farol referido no título domina a paisagem de uma casa de descanso que essa família inglesa possui na Escócia, assim como a presença dessa mulher é o centro da existência de todos.

Diferente de Clarissa, a sra. Ramsay não se retirava para seus aposentos quando precisava divagar, mas dava seu jeito de ficar a sós. Ela seguia fisicamente em cena, enquanto, a seu modo, também saía do ar. Quando se estabelecia alguma paz na casa e ela podia dedicar-se aos trabalhos manuais, seu pensamento acabava transcendendo o cenário. Nesses seus momentos de introspecção, o que essa personagem encontra é “o âmago pontiagudo da escuridão, algo invisível para os outros”.

Suas viagens interiores são assim descritas por Virginia:

Embora continuasse tricotando, sentada bem ereta, era assim que sentia a si mesma, a seu ser, depois de libertada de todos os laços, pronta para as mais estranhas aventuras. Quando o ritmo da vida diminuía por um instante, parecia que a amplitude das experiências se tornava infinita. E, supunha, todo mundo possuía esse sentido de possibilidades ilimitadas. Todos eles deviam sentir que nossas aparências — as coisas que nos caracterizam — são simplesmente infantis. Sob elas, tudo é negro, amplo e incomensuravelmente profundo; mas de vez em quando emergimos à superfície, e é assim que as pessoas nos conhecem.

O marido da sra. Ramsay é um professor e escritor prestigiado, muito carente da atenção dela para aplacar inúmeras inseguranças. Ele pressente essas ausências e faz de tudo para evitá-las, ocupando-a com suas rumações. No pensamento dele, a expectativa de que a mulher crie um espaço onde possa sentir-se contida se explicita:

Era compreensão o que ele queria; que, antes de tudo, lhe convencessem da sua genialidade, e então que o trouxessem de volta ao âmago da vida, aquecido e reconfortado, para que seus sentidos fossem restituídos, sua aridez fertilizada, e todos os cômodos da casa abarrotados de vida — a sala de visitas e, atrás da sala de visitas, a cozinha; acima da cozinha, os quartos; e além deles os quartos das crianças; precisavam todos ser mobiliados, precisavam ser abarrotados de vida. [...] Agitando suas agulhas, confiante, correta, ela criou a sala de estar e a cozinha, e as iluminou; convidou-o a

acomodar-se lá, entrar e sair, divertir-se.

Clarissa é mais contemporânea que a matriarca Ramsay, tem apenas uma filha e desempenha o papel familiar sem aparente convicção. Aliás, Virginia comentou em seu diário que a elaboração dessa personagem à moda antiga, em *Rumo ao farol*, a ajudou a despedir-se de sua saudosa mãe. Os pensamentos da sra. Dalloway refletem mais a escritora e as mulheres de sua geração, enquanto a sra. Ramsay dá conta do modo de ser das mães delas.

Esse âmago em que Virginia Woolf insiste talvez deva ser mantido em sua condição poética, como uma espécie de cerne, um vórtice do ser, do qual as mulheres desenvolveram alguma consciência. Teria sido uma dimensão interior, comum a ambos os sexos, à qual o sexo feminino se conectaria com mais facilidade, devido à sua posição de retiro social? Pode ser, mas considero que vale a pena indagar se não haveria uma experiência particular das mulheres que poderia contribuir com essa forma de pensar, talvez propiciada pela posição social, mas não determinada unicamente por ela.

Acredito que viver dentro de um corpo que menstrua, ovula, engravida e ainda se submete à experiência do parto não deve ser sem consequências. Não é à toa que já se equiparou a maternidade à guerra, a ponto de as espartanas serem fisicamente preparadas para a reprodução com zelo similar ao dos soldados. Como não haveriam, então, de ter algo a dizer sobre essas aventuras que, mesmo discretamente, vêm vivendo há milênios?

A visão masculina do mundo chegou à história da literatura antes, mas a cada dia vem sofrendo mais transformações, contaminada com as ideias e pontos de vista do sexo oposto. Outrora escondida, essa visão do mundo veio para ficar. Trata-se do estilo oriundo do desassossego, da angústia e do desamparo que decantam das palavras escritas por uma mulher.

Apesar do tanto que haveria para dizer, Virginia considerava inevitável que uma mulher sentisse dificuldade de revelar o que ocorre em seu interior. Parecia natural que lhe faltassem palavras, que ela acabasse esbarrando no inefável. Ela cria uma metáfora para isso, comparando uma jovem escritora em busca de inspiração com uma pescadora e nos pede para imaginá-la, em um estado de introspecção, como se estivesse com seu anzol lançado. Ao pescar nas águas do pensamento em busca de ideias, ocorre-lhe algo peculiar:

Sua imaginação disparou. Buscou as lagoas, as profundezas, os lugares escuros onde cochila o maior peixe. E de repente, um estrondo. Uma explosão. Espuma e confusão. A imaginação havia se lançado contra algo duro. A garota foi despertada de seu sonho, [...] ela tinha pensado em algo, algo sobre o corpo, sobre as paixões que para ela, como mulher, não seria apropriado dizer.

Nesse sentido, o “âmago” talvez possa ser representado por essas indescritíveis experiências do corpo. A mulher encontra-se em duas pontas em nosso obscuro ponto de origem, ela é o ventre materno e o bebê ao mesmo tempo. “Representado” talvez seja uma palavra fora de lugar para nomear os estranhos eventos da gestação, do nascimento, da amamentação.

Fora da experiência específica da maternidade, o corpo das mulheres é eloquente, cheio de opiniões, para cada uma será necessário dialogar com ele, negociar com seus ritmos e fluidos. Mulheres serão mães ou não, hoje podem escolher “um filho se e quando eu quiser” (uma importante palavra de ordem dos

movimentos feministas), conquista que se tornou viável graças aos avanços da contracepção. Mas, quer seja para deixar isso acontecer em algum momento, ou mesmo para não engravidar nunca, é preciso entender-se com a própria carne, que é cheia de imperativos.

Alheio às escolhas, o corpo da mulher insiste em se preparar para ovular e nidar cíclica e visivelmente, é programado para isso. Ela terá que lidar com os efeitos dos hormônios, com a premência de urinar, com o inchaço, as dores de cabeça, as cólicas, as oscilações de peso, a presença ou a falta do sangramento. Algumas ou várias dessas manifestações farão parte da vida de quem nascer com um corpo feminino. O significado e a pungência disso podem variar, conforme a cultura e a época, mas os processos são inclementes.

Ser mulher é angustiante, é muito oneroso, psiquicamente falando, ter uma conexão tão estreita com o que acontece nas próprias entranhas. As manifestações mais comuns da angústia, principalmente em sua forma extrema conhecida como “síndrome do pânico”, não são restritas a um ou outro sexo, mas servem para explicar o tamanho do desafio que é viver com um corpo tão saliente.

Ataques agudos de ansiedade, que são sentidos como se estivéssemos em pânico, podem ocorrer em momentos delicados, para ambos os sexos. A peculiaridade feminina é que esse fenômeno inclui uma relação parecida com essa à qual o corpo da mulher está fadado, já que consiste em uma consciência inevitável dos automatismos do próprio organismo, sentido como assustadoramente perceptível.

O funcionamento silencioso e autônomo dos nossos sistemas e aparelhos interiores muito nos acalma, é ótimo saber que não precisamos tomar nenhuma providência para respirar, digerir, pensar, tudo ocorre naturalmente quando a máquina funciona bem. Independentemente do sexo em que nascemos, sentir-se ameaçado desde dentro é universal. Dá calafrios ficar monitorando a palpitação do coração, convém não prestar atenção no levantar e baixar do peito ao ritmo da entrada e saída do ar, senão ficamos achando que vai faltar ar. É melhor não sentir a pulsação do sangue correndo nas veias, estará suficientemente rápida, será demais?

Quando ficamos em pânico, a pele crispada nos lembra de que o tato é disponível no corpo todo, as glândulas sudoríparas vazam mesmo no frio, o

couro cabeludo fica eriçado, como num susto de desenho animado. Essa complexa máquina, cujas engrenagens não dependem da nossa vontade, parece que de um momento para outro vai parar, morremos de medo de morrer, por isso chama-se o evento de “pânico”. É isso o que sentimos nas madrugadas de angústia, quando precisamos muito que alguém, médico ou próximo, nos garanta que estamos bem.

Saber do corpo é difícil para qualquer um, por isso mesmo construímos uma cultura de hipocondria e alienação paranoica em relação a ele. Controlamos obsessivamente seu decaimento, apagamos com urgência as marcas do tempo que se instalam. Gostaríamos que ele pudesse, ao longo da vida inteira, funcionar tal qual chegou da fábrica, sem sequelas da quilometragem percorrida. É como se precisássemos o tempo todo ser tranquilizados de que esse monstro que habita dentro de nós mesmos não vai nos pegar.

Porém, toda essa edificação de controle, obsessão e paranoia, falha ou inspira cuidados quando se nasce em um corpo feminino. Os autônomos ciclos menstruais e de fecundidade se fazem sentir e alteram o ritmo da vida, as forças, a fome, o desejo sexual. É um motim rotineiro, programado para regularmente destituir a capitã da própria embarcação.

O corpo da mulher é indomesticável, pode até ser controlado, mas convém nunca colocar a cabeça em sua bocarra intempestiva. Eis, portanto, uma fonte perene da angústia feminina, por vezes de pânico, por outras motivo de queixas, dirigidas aos médicos ou não. São esses sentimentos que estão na origem das tais Síndromes Pré-Menstruais, ou “Monstruais”. Não é estranho que haja uma rebeldia da alma a esse motim dos hormônios. Tampouco surpreende que o corpo feminino constitua um tabu para as próprias mulheres, as quais seguidamente o tomam como assombração. Virginia Woolf avisou: ali esbarra-se em algo duro, difícil de representar.

Nesse sentido, a psicanálise tem o mérito de tê-las escutado longamente e com seriedade, dar-lhes importância e descobrir o inconsciente a partir de suas palavras. Os estudos psicanalíticos sobre a histeria proporcionaram uma inédita capacidade discursiva ao corpo feminino, que primeiro se expressou pela doença, mas quando encontrou essa brecha, entre outras, rapidamente apoderou-se da palavra de que carecia tanto.

O corpo das mulheres acaba sendo recoberto de mistérios, criados para lhe

preservar um lugar fantasioso, mágico, poético. Para elas, situar-se nesse ponto de origem configura um compromisso inevitável com a figura da anfitriã. Nesse ponto, Clarissa tinha razão; quando dizem ser esse nosso papel, dá vontade de chorar. A ela parecia pouco, mas também é uma missão que pode tornar-se grande demais para dar conta.

Esse ambiente fechado, uterino, todos o ocupamos uma vez, mas as mulheres têm que ser suas portadoras. Enquanto ilusão, a proteção materna, lugar de repouso e segurança, parece mais falaciosa para elas, pois sabem que corpo e alma não se entregam juntos, que o amor é ambivalente. Mesmo quando parecem visivelmente encantadas com a cria, as mães desejam alhures, distraem-se, arrependem-se. Por isso são menos ingênuas nesse aspecto, é impossível disfarçar para si mesmas que o ponto de origem pode parecer terra firme, mas flutua sobre um abismo. É para lá, para esse fosso de incertezas, onde no final das contas elas se sentem autênticas, que vão quando saem de cena. Mas vamos e convenhamos, não é um lugar fácil, por isso tem-se evitado mencioná-lo e compreendê-lo por tanto tempo.

Proteger-se da devastação produzida pelo conhecimento do próprio abismo, uma filosofia involuntária ao alcance de qualquer mulher, foi uma necessidade que acabou contribuindo para o apagamento delas. A história das mulheres é coalhada de injustiças revoltantes, transgredir era extremamente perigoso, mas, por seu lado, elas também tiveram dificuldade de aderir em massa à luta pela própria libertação. Silenciaram, permaneceram ao abrigo de um papel infantilizado, passivo, dependente, como o que era destinado para Nora. Foi uma solução que hipnotizou a vida de gerações, das que não romperam por falta de coragem ou excesso de alienação.

Nem sempre as mulheres buscaram alardear sua voz. Por vezes calavam, mantinham-se ocultas no gineceu, por outras descansavam de si mesmas, silenciando na companhia do falatório masculino, ou ainda faziam-se ouvir sob uma roupagem viril. O jogo dos gêneros é familiar a elas há muito tempo, creio ser em homenagem a isso que Virginia Woolf criou *Orlando* em 1928.

Escrito como paródia de uma biografia, foi um de seus romances mais populares. Trata-se de uma personagem que viveu por vários séculos, só que em termos do curso da própria existência teria transcorrido seus primeiros 30 anos no corpo de um homem, sendo que a partir dali teria se transformado numa mulher. A mudança de sexo ocorreu de forma mágica, após um longo sono. Orlando é como um Belo Adormecido, só que adormeceu como um príncipe e despertou ao som de trombetas, constatando, sem muita surpresa, que agora era mulher. Virginia não teve maiores preocupações de coerência e estilo nessa história, era o tipo de livro que ela escrevia por lazer, sem se levar muito a sério. Costumava alternar obras lúdicas entre os dolorosos momentos de entrega à escrita de seus romances mais densos.

Orlando conta-nos a respeito do que ela realmente acreditava sobre os diferentes gêneros, pois a personagem “sabia os segredos e partilhava das fraquezas de ambos”. A partir disso, essa figura ambidestra declara sua “tese de que são os trajes que nos usam, e não nós que usamos os trajes: podemos lhes impor a forma de nosso braço ou de nosso peito, mas eles transformam à sua vontade nossos corações, nossas línguas, nossos cérebros”. Eis uma versão em termos de gêneros para a ideia de que o hábito faz o monge, ou melhor, de que o

contexto social molda nossa identidade feminina ou masculina.

Não foi somente Virginia que ressaltou a dificuldade de se manter no papel feminino, a vontade de desconversar, descansar, ignorar suas implicações. Mesmo entre as ousadas pioneiras do feminismo, das que buscaram uma especificidade para a voz feminina, é sensível uma exaustão, uma necessidade de se alienar de si mesmas. Talvez por falta de hábito ou pelo esforço requerido num ato de fundação. Quiçá porque ser mulher seja tanto acolher ao outro quanto se saber desamparada. Seja qual for a razão, é inegável o fascínio que exercem sobre elas as certezas que a tradição garantiu aos homens, acomodados há séculos na cultura patriarcal.

As primeiras aquisições em termos de liberdades e direitos levaram várias a fazer-se como Aurore Dudevant, uma brilhante escritora que conquistou o direito de publicar graças ao pseudônimo masculino de George Sand, além das roupas masculinas que muito usou. Na mesma via, Collette lançou seu primeiro e bem-sucedido romance com o nome do marido, que não teve pruridos em colher as honras da obra da mulher como se fossem suas. Parecia natural esconder a identidade feminina, identificar-se com eles, mesmo sem precisar usar suas roupas.

Foram disfarces, esconderijos, mas serviram como instrumento na construção do novo papel, para o qual não havia uma versão feminina. De fato, foi útil, talvez incontornável, mas essa adesão teve outra razão, desta vez tentadora para as próprias mulheres: quem sabe possa também ser atribuída ao fato que o mundo masculino parecia a elas mais repousante.

Não nego quão duro é fazer-se homem, há de ser valente para conquistar um lugar ao sol e merecer o direito de pertencer ao gênero masculino. O legado do pai e dos que são admirados como modelos deve ser obtido mostrando méritos. A identificação não é entregue de bandeja, requer uma boa dose de sacrifícios e trabalho. Porém, na tradição dos últimos milênios, a masculinidade vinha sendo um caminho previsível, onde as linhas de chegada pareciam claramente traçadas. Os homens tiveram seus clubes exclusivos, reais ou imaginados, lugares para partilhar, pertencer, convidar uns aos outros, defender-se. Cresceram com esse direito às certezas sociais.

As personagens mulheres de Virginia, cujos questionamentos acompanhamos, repousam a mente na companhia dos homens. Sentem-se seguras convivendo

com a constância e a previsibilidade do mundo deles. Não me refiro aos momentos em que elas estão em cena na condição de esposas ou mães. Nesses papéis nunca há trégua, aplacar o sentimento de desamparo dos outros é tarefa delas e não podem se desligar, embora precisem de tanto em tanto sair para pensar. Mas há outro tipo de situação, também descrita em várias passagens de suas obras: são as ocasiões em que elas se deixam estar quietas nas bibliotecas ou nas reuniões deles, na companhia da forma ritualizada dos homens tradicionais viverem. Elas ficam em silêncio, repousam só escutando o murmúrio das vozes, ninguém nota sua presença, só deixam-se estar ali. É como encontrar um banco de areia em meio a um mar tempestuoso.

Em uma dessas ocasiões, Clarissa Dalloway abriga-se junto a seu marido, que apenas lê o jornal. Como típico inglês metódico, ele sempre faz as coisas na mesma hora e lugar. A angústia com que ela lidava era contrastante com a calma dele, ela se ancorava nele e assim descrevia a cena:

Havia o terror, a suprema incapacidade que tinha, após nossos pais a terem posto em nossas mãos, esta vida, de ser vivida até o fim, de ser percorrida com serenidade; havia, no mais fundo de seu coração, um terrível medo. Mesmo agora, muito frequentemente, se Richard não tivesse estado ali, absorvido na leitura do *Times*, de maneira que ela pudesse se encolher como um pássaro e gradualmente se reanimar, fazer explodir, num estrondo, esse incomensurável prazer, ela teria perecido.

A sra. Ramsay também usufruía desse momento de repouso: “O murmúrio grosseiro dos homens falando — que o tirar e recolocar do cachimbo na boca interrompia a intervalos — dava-lhe certa sensação de conforto, embora não pudesse compreender o que diziam, pois estava junto à janela”.

Por sua vez, sua filha, já moça, partilha desse estado de espírito ao evocar a segurança que lhe dava estar na biblioteca do pai: “Agora se sentia como naquele gabinete, enquanto os velhos liam o *Times*. Agora posso continuar pensando no que bem entender, e não cairei de um precipício nem morrerei afogada, pois ele está aqui me vigiando”.

Ao longo de séculos as mulheres ofereceram a paz às suas famílias sob a forma das rotinas domésticas, fizeram da intimidade seus ritos. Mais do que senti-la, elas doaram segurança. Criaram e animaram uma engrenagem na qual filhos e maridos se apoiavam, se estruturavam. No caso deles foi diferente: encarnaram com convicção a instituição patriarcal, a consideraram natural e justa. Sem partilhar nenhuma dessas certezas, suas mulheres e filhas descansaram ali do questionamento, durante essas fugazes tréguas elas alienaram-se de si.

Sabiam que a pujança da estrutura patriarcal era um engodo, como a sra. Ramsay não ignorava a insegurança do patriarca. Como Orlando muito bem descreveu, pressentiam que os papéis eram apenas uma questão de trajes e hábitos, mas talvez tenham silenciado sobre isso em nome da própria paz. Falar foi deflagrar uma guerra de pensamentos, essa mesma que Virginia Woolf travou durante toda sua existência.

Enquanto ensaísta e feminista, Virginia Woolf era esperançosa. Ela via muitas possibilidades no acesso das mulheres à educação, no fim das desigualdades que as tornavam tão despossuídas e mal recompensadas por seus feitos. Passados mais de 70 anos de sua morte, creio que ela ficaria orgulhosa do que conquistamos, embora ainda haja tanto por fazer. No entanto, há uma de suas expectativas da qual discordo.

Naquela conferência pronunciada em 1931, ela lançou sua aposta:

Vocês ganharam seu próprio espaço na casa até agora possuída exclusivamente por homens. [...] Mas esta liberdade é apenas um começo; o cômodo é de vocês, mas ainda está vazio. Ele tem que ser mobiliado; tem que ser decorado, tem que ser repartido. Como vocês vão mobiliá-lo, como vocês vão decorá-lo? Com quem vão dividi-lo e em que termos? Essas, eu acho que são questões da maior importância e interesse. Pela primeira vez na história vocês são capazes de colocá-las; de decidir por si mesmas quais poderiam ser as respostas. Eu poderia ficar e discutir essas questões e respostas de bom grado — mas não esta noite. Meu tempo acabou e devo terminar.

O tempo de vida da escritora Virginia Woolf acabou, mas não foi necessário entulhar esse lugar que ela ajudou a conquistar com uma mobília que ela desconhecia. As mulheres não chegaram à vida pública para encher seu lugar da parafernália que faria dali mais um cenário. Seu papel tem sido outro: passa por construir um discurso que, em vez de evitar, compreende o vazio, e por buscar as

palavras que tornem possível aproximar-se das verdades que se insinuam a partir das experiências do seu corpo. O quarto, portanto, deverá permanecer vazio, como é o abismo, o âmago para onde elas vão quando se distraem da função de anfitriãs. Nesse sentido, o tempo de Virginia Woolf apenas começou e ainda vai dar muito que falar.

Vinte anos depois do surgimento de *Sra. Dalloway*, no Brasil se editaram os livros de Clarice Lispector, uma escritora que estava fadada a ser comparada com Virginia Woolf, embora afirmasse não ser sua leitora. Mesmo sem o conhecimento de seu texto, creio que posso atribuir-lhe essa herança. O modo de falar de si que as mulheres contrabandearam para dentro da literatura, para o qual a autora inglesa tanto contribuiu, já tornara-se uma voz possível na escrita feminina.

Para finalizar, deixo que as palavras de Clarice, em *Perto do coração selvagem*, endossem as de Clarissa, definindo o que é viver como uma mulher:

É difícil como voar e sem apoio para os pés receber nos braços algo extremamente precioso, uma criança por exemplo.

BIBLIOGRAFIA DE ESCRITOS DE E SOBRE VIRGINIA WOOLF CONSULTADOS E SUGERIDOS (EM ORDEM DE APARECIMENTO NO ENSAIO)

* *Um teto todo seu*: é o ensaio longo mais popular da autora; é dele que provém a maior parte de suas teses mais conhecidas sobre a condição feminina. Esgotado por longa data, voltou a ser publicado tardiamente no Brasil, mas numa edição muito completa, com trechos dos diários contemporâneos à redação do texto: São Paulo, Tordesilhas, 2014, tradução de Bia Nunes de Souza.

* *As horas*: excelente livro de ficção de Michael Cunningham — São Paulo, Companhia das Letras, 2007 — escrito em 1998, coloca a autora como personagem, mesclando a história de seus últimos dias com a de duas outras mulheres, habitantes de outros tempos. O livro rendeu um maravilhoso filme homônimo que não descarta o prazer e a importância de sua leitura.

* As citações referentes à luta entre a escritora e o “anjo da casa”, assim como as

subsequentes referências às peculiaridades da escrita feminina, são oriundas do ensaio “Profissões para mulheres”, que pode ser encontrado numa ótima compilação de textos da autora: *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, Porto Alegre, L&PM, 2012.

* Quanto a *Mrs. Dalloway*, felizmente temos no Brasil três traduções disponíveis, publicadas pelas editoras L&PM, Cosac Naify e Autêntica Editora. As citações aqui utilizadas são provenientes da Autêntica — Belo Horizonte, 2012, tradução de Tomaz Tadeu.

* *Rumo ao farol*, ou *Ao farol*, conta com três traduções: uma da Autêntica, uma da L&PM e outra de O Globo/Folha de S.Paulo, da qual provêm as citações aqui utilizadas — Rio de Janeiro, O Globo; São Paulo, Folha de S.Paulo, 2003, tradução de Luiza Lobo.

* *Orlando* possui também três versões nossas, das editoras Penguin-Companhia, Saraiva e Nova Fronteira. As citações aqui utilizadas são provenientes da Nova Fronteira — Rio de Janeiro, 2003, tradução de Cecília Meireles. Não posso deixar de mencionar uma tradução importante dessa obra em nosso continente, proveniente da pena de Jorge Luis Borges, em cujas páginas também me referenciei — Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1994.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

Entre as biografias da autora, utilizei basicamente três:

Uma ótima biografia ilustrada: LEHMANN, John. *Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

Uma versão concisa: LEMANSSON, Alexandra. *Virginia Woolf*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Um relato/estudo dos últimos anos da vida da autora: MARDER, Herbert. *Virginia Woolf: a medida da vida*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Do mesmo autor, há também um importante livro teórico: MARDER, Herbert. *Feminismo e arte: um estudo sobre Virginia Woolf*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

Entre as abordagens psicanalíticas da obra e vida da autora, destaco duas:

JURANVILLE, Anne. *La mujer y la melancolia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1994.

MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem: Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Epílogo

Mula de almas

Para explicar o título e as razões deste livro, preciso confessar certas peculiaridades do meu trabalho. Principalmente certos sentimentos estranhos que resultam em uma espécie de cacoete profissional: posso estar andando pela rua e ter a atenção roubada por coisas impensáveis para mim como fuscas antigos, academias de artes marciais, o tempo das sinaleiras, móveis para bebês ou lojas para alugar. Acabo familiarizada com autores que nunca escolheria, conhecendo músicas que não fariam meu estilo, acompanhando esportes inusitados. Tudo com surpreendente interesse, diante do quão diferentes são esses gostos do que seriam os meus.

Cada um desses temas na realidade veio de algum de meus pacientes, são foco do interesse deles, motivo de nossas conversas, e, por isso, acabaram tornando-se familiares. Não estou fingindo, isso ocorre porque me envolvo com uma vasta gama de vidas das quais na realidade não faço parte. A transferência, que é o nome que damos à ligação que permite tal grau de entrega entre paciente e analista, implica nesse entrevero de almas. Como a vida pessoal do profissional não está ali em questão, vale o mundo trazido pelo paciente, composto de suas paixões, rotinas e escolhas.

Para ajudar a entender essa situação, vou lançar mão de um filme bizarro e pouco conhecido, que nos servirá como metáfora. Trata-se de *Almas à venda* (*Cold souls*, 2009). É a história de um ator em crise que estava exausto de ser ele mesmo, por isso recorreu a um serviço de troca de almas, um “Depósito de Almas”. A ideia é livrar o cliente do peso da sua própria, emprestando-lhe outra essência, de tal modo que consiga ver a vida de outro jeito. Enquanto isso, a empresa guarda a alma original, que poderá ser recolocada caso o sujeito assim desejar.

Se parece estranho, fica ainda mais: sentindo-se despersonalizado (óbvio) e

sem ter encontrado sua solução, o ator arrependeu-se da troca e decidiu retomá-la. Aquela alma atormentada pelo menos era sua. O problema é que uma rede de traficantes russos a roubou do depósito, e ele teve que passar por uma árdua jornada para resgatá-la. Ao longo dessa aventura, encontrou-se com uma “mula de almas”, que é uma mulher que de alguma forma carrega dentro de si (o filme parte de pressupostos mágicos) as almas vendidas por trabalhadores russos empobrecidos. Ao chegar aos Estados Unidos, elas lhe são retiradas para serem comercializadas. O detalhe, que torna essa personagem peculiar, é que a operação não é totalmente limpa: de cada encomenda transportada fica algum resto na “mula”. Ela se vê tomada de alucinações, imagens, vozes e sentimentos que não lhe pertencem, são fiapos das almas que estiveram em seu interior.

Essa história tem muito a revelar dos psicanalistas e seus pacientes. Quando se marca uma consulta, o desejo daquele que chega é muito parecido com o desse ator, quer-se alívio de si mesmo, da angústia, das ruminatórias. Sem a fantasia de sair diferente — para melhor —, ninguém entraria em nossos consultórios e depositaria algo tão precioso como sua essência. A alma que nossos pacientes trazem é constituída de tudo o que conseguiram saber sobre si, suas memórias prediletas, seus segredos conhecidos.

Já o psicanalista, espera-se que seja o oposto do empresário vendedor daquele serviço, pois não há troca possível. O alívio acaba vindo de se aprofundar mais nas próprias águas e por uma boa temporada. Solução imediata, só alguns remédios e terapias de correção ortopédica de comportamento. Até funcionam, mas em algum momento se fica com saudades de si mesmo. É quando alguém se resigna a carregar a própria alma que nosso trabalho começa.

Na sua vida real, o psicanalista assemelha-se à mula, a mulher incumbida do transporte das almas. Precisamos lidar com memórias que não são nossas, interesses estrangeiros e com a familiaridade em relação a assuntos, personagens e lugares que na verdade são de outros. É preciso fazer algo com isso, dar alguma vazão às vozes, às imagens e aos sentimentos que a confiança dos pacientes depositou em nós. Devolver não é preciso, são somente restos, cacos.

Poderia se argumentar que os amados, familiares e amigos também são contagiantes: deixam-nos povoados de assuntos que lhes são peculiares. De fato, somos meio vampiros, sugamos e transformamo-nos um pouco em cada pessoa com quem convivemos. Só que com elas partilhamos a vida, de alguma forma

nos apropriamos legitimamente daquilo que elas nos emprestam. Com os pacientes é diferente, o que é deles ocupa um lugar em nossa subjetividade que só a eles pertence. Quando vão cuidar da própria vida sozinhos, levam quase tudo consigo, deixam-nos com restos, memórias e fiapos de suas almas que por um tempo ajudamos a carregar.

Foi por isso que escrever tornou-se necessário. Aqui tento tecer algo a partir dos tantos fiapos alheios que ficaram comigo, em mim. Nosso trabalho é no fundo tão estranho como um filme fantástico, por isso seguidamente recorremos à arte para nos expressar. Ela não nos explica, mas nos explicita um pouco. Mesmo assim, necessitamos dar um trato em nossas próprias almas, que não são menos atormentadas do que as de qualquer neurótico. Muitos destes textos resultam também dessa jornada infinita de se compreender e suportar-se. A ajuda de bons analistas faz toda a diferença.

Pela generosidade da paciência dos meus pacientes e dos analistas que tive, serei eternamente grata. Aos primeiros, pela confiança em abrir a porta de seus mundos; aos segundos, pela disposição de entrar no meu. Estas páginas são herdeiras dessas experiências, por isso são confissões e ficções (fantasias) de uma psicanalista. Poderia acrescentar: de uma paciente também.



CLAUDIA TAJES

PARTES ÍNTIMAS



crônicas e outros cortes



Partes íntimas

Tajes, Claudia 9788560171774

176 páginas [Compre agora e leia](#)

Em seu primeiro livro de crônicas, a autora de *A vida sexual da mulher feia* expõe fragmentos bem-humorados de sua intimidade afetiva. Com a memória calorosa da infância e da família, a celebração das amizades, a leveza no modo de ver os relacionamentos amorosos e a observação afiada do cotidiano, Claudia Tajes nos mostra com muita graça como todos nós, a exemplo dela, somos feitos de carne, osso, carinho e neurose. Dividido em partes temáticas – Membros, Ventrículo Esquerdo, Hormônios, Calcanhar, Sistema nervoso e Tímpano –, o volume também brinda os leitores de Claudia com um Apêndice de histórias inéditas.

[Compre agora e leia](#)

CARPINEJAR

beleza
INTERIOR

UMA VIAGEM POÉTICA
PELO RIO GRANDE DO SUL



Beleza interior

Carpinejar, Fabrício 9788560171330

224 páginas [Compre agora e leia](#)

Ao longo de um ano, o cronista e poeta Fabrício Carpinejar percorreu o Rio Grande do Sul à procura de histórias inusitadas, personagens inesquecíveis e pontos de vista especiais. Foram 52 cidades — de Caxias do Sul, sua terra natal, a Santana do Livramento. Sem deixar o território gaudério, Carpinejar atravessou as culturas italiana, polonesa, alemã, suíça, africana, indígena, açoriana e japonesa para escrever a série de reportagens Beleza Interior, publicada originalmente pelo jornal Zero Hora. Foram 14.590 quilômetros de estrada. Carpinejar descobriu o alemão mais feio do mundo em Alpestre, o empalhador de cachorros de Carazinho e o macaquinho sapeca de Iraí. Conheceu uma coleção de fuscas em Joia, a aeromoça do cinema em Rio Grande e o ambulante de Victor Graeff que pagou a universidade de seis filhos vendendo rapaduras. Viajou pelo mundo de nossas raízes e lançou sobre esse universo aquele olhar único reservado aos poetas. O resultado está neste livro: um mapa lírico e engraçado da gente gaúcha.

[Compre agora e leia](#)

ELIANE
BRUM

A VIDA QUE NINGUÉM VÊ



VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI 2007
MELHOR LIVRO DE REPORTAGEM



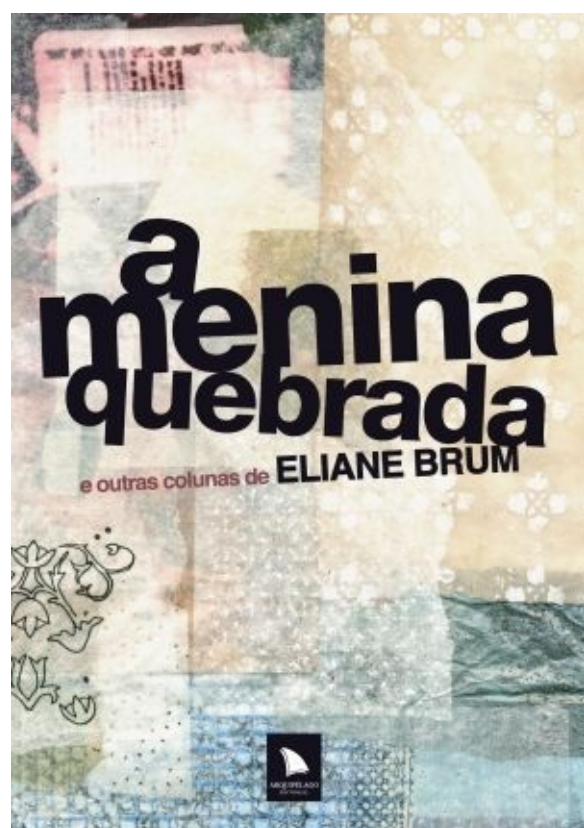
A vida que ninguém vê

Brum, Eliane 9788560171378

204 páginas [Compre agora e leia](#)

Uma repórter em busca dos acontecimentos que não viram notícia e das pessoas que não são celebridades. Uma cronista à procura do extraordinário contido em cada vida anônima. Uma escritora que mergulha no cotidiano para provar que não existem vidas comuns. O mendigo que jamais pediu coisa alguma. O carregador de malas do aeroporto que nunca voou. O macaco que ao fugir da jaula foi ao bar beber uma cerveja. O álbum de fotografias atirado no lixo que começa com uma moça de família e termina com uma corista. O homem que comia vidro, mas só se machucava com a invisibilidade. Essas fascinantes histórias da vida real fizeram formar uma obra que emociona pela sensibilidade da prosa de Eliane Brum e pela agudeza do olhar que a repórter imprime aos seus personagens – todos eles tão extraordinariamente reais que parecem saídos de um livro de ficção.

[Compre agora e leia](#)



A menina quebrada

Brum, Eliane 9788560171460

432 páginas [Compre agora e leia](#)

"A segunda-feira pode ser uma provação ou um desafio. Para os leitores de Eliane Brum, jamais será um tédio. Logo pela manhã, eles encontram um olhar surpreendente sobre o Brasil, sobre o mundo, sobre a vida – a de dentro e a de fora. Eliane pode escrever sobre a Amazônia profunda, como alguém que cobre a floresta desde os anos 90; ou pode provocar pais e filhos, com uma observação aguda das relações familiares marcadas pelo consumo; ou pode apalpar as formas de um Brasil cada vez mais evangélico; ou pode refletir sobre a ditadura da felicidade, que tanta infelicidade nos causa. Ela pode contar de Aaron Swartz, o gênio da internet que não queria ser milionário; de Eike Batista, um "superpai" muito diferente do pai do Thor da ficção; de como Lula esqueceu-se de que é perigoso gostar tanto assim de adulação. Ou pode alinhar delicadezas ao testemunhar o momento exato em que uma criança descobre que até as meninas quebram.

Parece até que não é uma Eliane só, mas muitas. O que não muda são a profundidade e a seriedade com que ela trata cada tema. O que não é surpresa é seu enorme talento para enxergar muito além do óbvio. Nas segundas-feiras de Eliane Brum, a vida pode ser tudo, menos rasa. Menos lugar-comum. Essa combinação rara transformou sua coluna de opinião no site da revista Época em um fenômeno de audiência.

Este livro reúne seus melhores textos e dá ao leitor uma fotografia do nosso tempo, visto pelo olhar de uma repórter que observa as ruas do mundo disposta a ver. E que escreve para desacomodar o olhar de quem a lê."

[Compre agora e leia](#)

ARTHUR
DE FARIA



elis

UMA BIOGRAFIA MUSICAL



Elis

Faria, Arthur de 9788560171804

272 páginas [Compre agora e leia](#)

Pesquisado e escrito ao longo de três décadas, este livro ilumina o gênio da maior cantora brasileira de todos os tempos. Músico, jornalista, "elisófilo" como poucos, Arthur de Faria é o maestro ideal para o desafio de dimensionar a importância de Elis Regina numa era inigualável da nossa história musical. Arthur dá voz a instrumentistas, produtores e arranjadores. No tom de uma conversa bem-humorada com o leitor, concede o devido espaço aos anos de formação da guria perfeccionista em Porto Alegre antes de narrar a explosão nacional da primeira artista que se mostrou perfeita para brilhar na TV. Esmiúça os meandros da indústria fonográfica. Desfaz mitos da trajetória da cantora. Relata, por um prisma original, episódios saborosos ou dramáticos de suas parcerias e brigas com inúmeros "monstros sagrados". Fala de sua vida pessoal sem cair no sensacionalismo.

Sobressai aqui a Elis Regina que tinha ouvido de músico – a grande instrumentista que não tocava nenhum instrumento. Seu faro para lançar compositores. O assombro de quem dividiu o palco com ela em qualquer época. Uma vida inteira dedicada à valorização e à proteção dos músicos.

Mais de 30 anos depois de nos deixar, Elis canta melhor a cada dia que passa. E Arthur de Faria, com seu ouvido apurado, compartilha conosco sua interpretação de tudo que ela nos legou, da mais obscura canção ao espetáculo mais deslumbrante. Ensolarada e sorridente como ela, plena de musicalidade, esta biografia nos ajuda a entender por que Elis vive.

[Compre agora e leia](#)